



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

RENATO CARVALHO DA SILVA

**MEMÓRIA E GÊNERO: Atuação Feminina na Conservação e
Restauração na Bahia**

Salvador

2015

RENATO CARVALHO DA SILVA

**MEMÓRIA E GÊNERO: Atuação Feminina na Conservação e Restauração na
Bahia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Museologia - PPG- Museu, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal da Bahia como requisito para obtenção do
grau de mestre em Museologia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria das Graças de Souza
Teixeira

Salvador

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

S586 Silva, Renato Carvalho da
Memória e gênero: atuação feminina na conservação e restauração na Bahia. / Renato Carvalho da Silva. – 2015.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Souza Teixeira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

1. Patrimônio cultural – Proteção - Bahia. 2. Documentos – Conservação e restauração. 3. Gênero. I. Teixeira, Maria das Graças de Souza. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDD: 363.69

MEMÓRIA E GÊNERO: Atuação Feminina na Conservação e Restauração na Bahia

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia na Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em ____ dezembro de 2015

Banca examinadora

Maria das Graças de Souza Teixeira - Orientadora _____
PhD em História pela Universidade Lusófona de Humanidades e Artes, Lisboa
Universidade Federal da Bahia

Lina Maria Brandão Aras _____
Co-Orientadora
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil
Universidade Federal da Bahia

Henriette Ferreira Gomes _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Gilson Magno dos Santos _____
Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Georgiana
PhD em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão. Elaborar uma dissertação não é um trabalho solitário. Dela fazem parte minhas diferentes relações com diferentes pessoas ao longo da produção da pesquisa e do período de escrita. Parece-me que cada fala, cada atitude, cada gesto, seja de sentido teórico ou de sentido emocional, foram construindo junto comigo o trabalho de estar e fazer o mestrado. Por isso dedico este espaço para agradecer.

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de mais uma conquista e pelas pessoas que o Senhor colocou em meu caminho. Algumas delas me inspiraram, me ajudaram, me desafiaram e me encorajaram a chegar até aqui:

À minha orientadora, professora Dr.^a Maria das Graças de Souza Teixeira, com ela não tive apenas orientações e incentivos, mas, sobretudo, lições sobre os diversos assuntos que englobam as ciências humanas, com dedicação e apreço pelos valores culturais da sociedade. Aprendi na teoria e na prática como trabalhar a didática em sala de aula, através da disciplina Tirocínio Docente, sem dúvidas a professora soube orientar o trabalho de forma a acrescentar valores ao futuro docente. Obrigado pela sabedoria compartilhada nas orientações.

À minha co-orientadora sempre presente e atenciosa as dúvidas e inquietações, professora Dra. Lina Maria Brandão de Aras, pela construção conjunta deste trabalho com as brilhantes sugestões, contribuições, explicações e correções que foram essenciais para a finalização deste trabalho.

Aos meus pais, João Antônio da Silva e Elenita Carvalho da Silva, pela confiança e pela educação que me foi proporcionada, assim como os conselhos e a preocupação. Por me escutarem quando eu falava de minhas perspectivas, dos meus estudos, das teorias. Também por entenderem que eu estive longe por alguns momentos concentrado na concretização deste trabalho.

Aos meus irmãos e sobrinhos (as) tão queridos (as), compreensivos e curiosos quanto ao meu trabalho. Principalmente ao meu irmão, companheiro e grande incentivador José Paulino da Silva, suas perguntas inquietantes e provocadoras me fizeram pensar e refletir sobre as teorias com que tenho afinidade, as questões mais polêmicas sobre feminismo e gênero.

Aos meus colegas de trabalho Adriana Bastos, Américo Martins e Jorge Martins pelo apoio e pelas descontrações nos momentos de desespero.

A Graça Cantalino, Sônia Maria Ferreira da Silva e Vânia Magalhães, amigas dedicadas, compreensivas, que me forneceram todo apoio necessário para a realização desta meta. Obrigado pela força e pelo incentivo quando pensei em desanimar.

Aos demais familiares e aos amigos(as) que não poderei nomeá-los(as) todas e todos aqui, porque são muitos os que se preocuparam, se interessaram, respeitaram a minha produção. Aos que se ofereceram para fazer leituras, para ajudar na minha escrita mais clara, mesmo sendo de outras áreas. Aos que torceram ansiosos pela reta final e conclusão da dissertação.

Um agradecimento especial a amiga Liliane de Brito Freitas, o contato muito importante, que significou abrir possibilidades, reflexões sobre gênero, discussões e, felizmente, nunca finalizá-las, restringi-las ou fechá-las.

Agradeço à algumas instituições que me abraçaram durante a minha pesquisa: a equipe do Arquivo Público da Bahia: Professora Maria Tereza Navarro de Brito, Professora Rita de Cássia Rosado e as restauradoras Janilda Ferreira de Abreu Sacramento e Jaciara da Cruz Acássio. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA na presença da senhora Rosana Rocha Baltieri. Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana, na presença do historiador André Freire Lima. Casa Monte Alverne, a senhora Almerita Camelier. Departamento de periódicos da Biblioteca Pública do estado da Bahia, bibliotecária Arlete Sodré e sua equipe.

A compreensão e o apoio da coordenadora do Arquivo Histórico da Santa Casa da Bahia, Rosana Santos Souza, o meu muito obrigado.

Enfim, as mulheres, personagens deste trabalho que foram incentivo aqui, quero citá-las e mais uma vez agradecer: Lindaura Alban Corujeira, Ana Maria Villar Leite, Neuza Esteves, Liliane de Brito Freitas, Francine Alves de Jesus, Janira Silva Correia, Venetia Dourado Braga Rios e Doralice Amaral (in memoriam).

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim
decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar desistir ou
lutar; porque descobri, no caminho incerto da
vida que o mais importante é o decidir.

CORA CORALINA

RESUMO

Essa dissertação foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, em consonância com a linha 2 – Patrimônio e Comunicação, em conjunto com a disciplina Gênero e Patrimônio. Se inscreve pela necessidade de pesquisas e análise acerca da trajetória da conservação e da restauração de acervos em suporte de papel no Brasil e, mais especificamente na Bahia, repensando a forma de como se deu esse processo no âmbito Baiano, com um olhar para as questões de gênero, contribuir para a preservação da memória é, portanto, um dos objetivos deste estudo, para tanto, foram realizadas visitas técnicas aos laboratórios do Arquivo Público da Bahia e ao (LEV) - Laboratório de Conservação Reitor Eugênio Veiga Andrade. Assim, este estudo analisou a preservação e conservação documental como uma “construção cultural”, procurando identificar os modos como a preservação da memória foi construída, evidenciando a atuação, sobretudo das mulheres no processo de conservação e restauro dos acervos históricos em suporte de papel, bem como no processo de implantação e de desenvolvimento das atividades dos laboratórios de restauro na Bahia. A natureza da pesquisa é qualitativa, quanto ao objetivo trata-se de uma pesquisa analítica descritiva. Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para estudos futuros e para um novo pensar sobre a memória, a história, a conservação, preservação e restauração de documentos.

Palavras-chave: Patrimônio. Gênero. Conservação. Restauração.

ABSTRACT

This work was made in the Graduate Program at the University of Museology Federal da Bahia, in line with the line 2 - Heritage and Communication, together with the Gender and Equity discipline. Fits the need of research and analysis about the history of conservation and collections restoration on paper in Brazil and specifically in Bahia, rethinking the way of how this process took place under Baiano, with a look at the gender issues, contribute to the preservation of memory is therefore one of the objectives of this study, therefore, there were technical visits to the Public Archives of Bahia and laboratories (LEV) - Conservation Laboratory Rector Eugenio Andrade Veiga. This study analyzed the preservation and documentary conservation as a "cultural construction", trying to identify the ways in which the preservation of memory built, evidencing the performance, especially women in the process of conservation and restoration of historical collections on paper, and in the process of implementation and development of the activities of restoration laboratories in Bahia. The nature of the research is qualitative, as the goal it is a descriptive analytical research. we believe that this study will contribute to future studies and new thinking about memory, history, conservation, preservation and restoration of documents.

Keywords: Patrimônio. Gender. Conservation. Restauration .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Forro do teto da Catedral Basílica do Salvador	44
Figura 2	Igreja de Nossa Senhora da Purificação da cidade de Santo Amaro	44
Figura 3	Convento de São Francisco	45
Figura 4	Azulejos do Convento de São Francisco	45
Figura 5	Última Ceia	46
Figura 6	Recorte Jornal Atarde: Restauração salva mapas e gravuras do Brasil antigo	47
Figura 7	Álbum dos antigos advogados da OAB, com fichas e fotos	48
Figura 8	Equipe formada por profissionais da área como Renato Carvalho e alunos do curso de história com concentração em Patrimônio Cultura	48
Figura 9	Placa de inauguração do Arquivo Público da Bahia	56
Figura 10	Doralice Amaral e sua equipe de jovens no restauro no APEB	59
Figura 11	Placa de Inauguração do anexo onde funciona hoje o Laboratório de Conservação e Restauração	67
Figura 12	Laboratório de Conservação e Restauração do Arquivo Publico da Bahia	69
Figura 13	Laboratório de Conservação e Restauração do Arquivo Público da Bahia	70
Figura 14	Documentação referente ao setor jurídico APEB	73
Figura 15	Fachada do Arquivo Público do Estado da Bahia	74
Figura 16	Arquivo da Arquidiocese – Cúria Metropolitana do Salvador, certidões de batismo e óbitos	85
Figura 17		
Quadro 1	A evolução das mulheres conservadoras e restauradoras na Bahia	96/97

LISTA DE SIGLAS

ABER	Associação Brasileira de Encadernação e Restauro
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ABRACOR	Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
CECOR	Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBPC	Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
ICCROM	Centro Internacional de Estudo para Conservação e Restauração dos Bens Culturais
ICPL	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPHAN	Instituto de Patologia del Libero Afonso Gallo
LEV	Laboratório Reitor Eugênio Veiga Andrade
MPO	Máquina Obturadora de Papel
ONU	Organização das Nações Unidas
SPAN	Serviço do Patrimônio Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TRAJETÓRIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NO BRASIL	21
2.1	A CRIAÇÃO DO SPHAN, O COMPROMISSO DE BRASÍLIA, O COMPROMISSO DE SALVADOR	27
2.2	CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NA BAHIA – JOÃO JOSÉ RESCALA	30
3	A PRESENÇA FEMININA NA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NA BAHIA	34
3.1	LINDAURA ALBAN CORUJEIRA: VOLUNTARIADO EM PROL DA CONSERVAÇÃO	38
3.2	ANA MARIA VILLAR LEITE: DEDICAÇÃO E AMOR AO PAPEL	42
4	A PRESENÇA FEMININA NO ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA	50
4.1	BREVE HISTÓRICO DO ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA	53
4.2	ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA E SUAS PERSONAGENS FEMININAS	55
4.3	DORALICE AMARAL: TRABALHO SOCIAL X PROFISSIONALISMO	56

5	LABORÁTORIO DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO REITOR EUGÊNIO VEIGA ANDRADE E SUAS PERSONAGENS FEMININAS	75
5.1	Curso de História com Habilitação em Patrimônio Cultural	77
5.2	O LEV – Laboratório Reitor Eugênio Veiga Andrade e seu processo de instalação	84
5.3	A instalação do Laboratório de Conservação e Restauração (LEV) e a participação de profissionais feminina	87
6	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNCICES	109
	ANEXOS	129

1 INTRODUÇÃO

Pensar a preservação e restauração de documentos em suporte de papel na sua historicidade significa ampliar, sobremaneira, o espaço de análise da construção cultural preservacionista baiana. Da mesma forma, tem-se a compreensão mais abrangente sobre o próprio campo de trabalho no qual os profissionais da preservação atuam.

Segundo Cassares (2000, p.12), preservação “[...] é um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais”, ou seja, previne a deterioração. A conservação preocupa-se em recuperar os documentos já deteriorados ou estabilizar o processo já iniciado; intervindo através de procedimentos específicos, assegurando a proteção física dos documentos.

A despeito do pioneirismo e da importância das iniciativas na preservação do patrimônio informacional na Bahia, empreendidos pelas instituições e pela sociedade em geral nas últimas décadas, observa-se que ainda são poucos os estudos dedicados à história da preservação do patrimônio cultural na Bahia. Por conseguinte, evidencia-se a necessidade de aprofundamento no campo temático relativo à memória cultural expressa sobre suporte de papel. Ainda são incipientes as pesquisas acadêmicas que buscam discutir e refletir as práticas construídas e legitimadas no âmbito baiano sobre o processo de representações culturais e da apropriação do fazer inerentes à preservação, conservação e restauração de documentos em suporte de papel.

Nesse sentido, é necessário concordar com Martinez (2000, p.42), quando afirma que “[...] a reconstrução da história da restauração daria, sem dúvida resposta a múltiplas interrogações, proporcionaria novos dados e, sem dúvida nos livraria de muitos equívocos”. Há se ponderar, ainda, que as coleções bibliográficas na Bahia, documentos e obras de arte em suporte de papel representam o conjunto de bens patrimoniais que salvaguardam grande parte da história e cultura desta sociedade.

Mas preservar para quem? Preservar para as gerações presentes e futuras. Assim como todo ser humano possui vida útil, que depende dos cuidados que tomam

com a saúde, os documentos, os livros, as obras de arte, possuem uma vida útil que dependem dos cuidados que lhes são dispensados. Desta forma, os documentos nas unidades informacionais sofrem ataques de agentes como microrganismos, insetos, roedores, poluição atmosférica, entre outros. Porém, o que mais ataca de forma destrutiva livros, documentos, obras de arte, etc, é um agente que deveria preservá-lo: o "homem". Apesar de sofrer danos provenientes da umidade, luminosidade, temperatura inadequada, o manuseio incorreto provoca a maior destruição dos documentos de uma instituição.

O recorte temático desta pesquisa está relacionado ao exercício profissional do pesquisador, pois trabalhar as questões de gênero dentro da temática da restauração e conservação na Bahia é extremamente enriquecedor, no sentido de que não havia qualquer pesquisa com o referido tema ou com a temática desenvolvida. Ao longo da minha carreira como conservador/restaurador de obras de arte em suporte de papel, conheci muitos teóricos do gênero masculino, mas poucas foram as mulheres apresentadas dentro da academia e mesmo fora dela, nos trabalhos desenvolvidos em diversas instituições verifiquei a não presença feminina. Nesse caminho as inquietações tornaram-se tão evidentes quanto à invisibilidade das profissionais femininas de conservação e restauração na Bahia.

Isso implica a prática, a observação e algumas reflexões que durante 18 anos foram vivenciadas no âmbito da preservação de papel. Assim sendo, foi possível perceber que o documento registrado neste suporte não vem recebendo os mesmos cuidados que as obras de arte em suportes de diferentes naturezas, por parte dos conservadores nos espaços museológicos visitados em Salvador. Estas obras são menos vistas pelo público visitante, menos consultadas pelos pesquisadores e geralmente ficam guardadas nas reservas técnicas sem os devidos tratamentos do ponto de vista da conservação preventiva.

Por todos esses anos, alguns questionamentos foram surgindo, uns com relação às origens do restauro, outros repensando os lugares da memória, da história e da contribuição da conservação para manutenção da preservação documental. Tal inquietação contribuiu para a formulação das questões a seguir:

- a) Como ocorreu o processo de criação e montagem dos laboratórios de restauro?
- b) Qual o papel da preservação e conservação hoje no cenário baiano e quais suas contribuições para o estudo do passado?
- c) Qual o papel da mulher na história da conservação e restauração na Bahia?

Muitos foram os questionamentos durante os 18 anos de profissão, dedicados à restauração e conservação do patrimônio documental na Bahia, juntamente com os trabalhos produzidos no âmbito da restauração. A partir da Linha de Pesquisa 2 Patrimônio e Comunicação, em conjunto com a disciplina Gênero e Patrimônio do programa de Pós-graduação em Museologia da UFBA, foram formuladas algumas indagações e inquietações referentes ao papel da mulher e suas contribuições para a salvaguarda do patrimônio cultural.

Dessa forma, esta pesquisa dialoga com as perspectivas apontadas pela história cultural, perpassando pelas questões de gênero, buscando discutir a história, a memória do processo de restauração, identificando o pioneirismo das mulheres nesta área, tentando desconstruir a restauração, vista apenas como um processo técnico e trazer a história dos primeiros laboratórios de restauro na Bahia para entender a conjuntura da preservação documental neste âmbito.

O termo história cultural foi difundido a partir dos anos 1980, mas entre alguns autores que analisaram a sua definição, ela possui dois eixos de identificação: os que defendem que está ligada diretamente, a história cultural que tem raízes desde o século XVIII; em segundo, aqueles que acreditam que este “movimento” possui raízes mais recentes, vinculadas objetivamente na tradição historiográfica francesa, conhecida como história das mentalidades, surgida após os anos 1960. Para Burke, (2006, p. 41), o significado de cultura, diante das mais possíveis traduções e empregos, só pode ser definida em termos de nossa própria história, diferenciando-se conforme as regiões, costumes e épocas. Porém, mesmo sabendo que toda cultura tem uma história, o termo história cultural remonta os fins do século XVIII, na Alemanha¹.

Para introduzir um universo comum a todas as tendências, consideramos que a História Cultural é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de 'cultura' (da mesma maneira que a História Política é o campo atravessado pela noção

¹Na década de 1780, entrou em uso geral na Alemanha o termo *kultur*.

de poder, ou que a História Demográfica se funda essencialmente sobre o conceito de 'população' e assim por diante).

Já para Barros (2003, p.145), cultura “[...] é um conceito extremamente polissêmico”, notando-se ainda que o século XX trouxe-lhe novas redefinições e abordagens em relação ao que se pensava no século XIX como um âmbito cultural digno de ser investigado pelos historiadores.

O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar um campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens. “A meu ver é significativo que o uso da palavra gênero tenha emergido num momento de grande efervescência que, em certos casos, toma a forma de uma evolução dos paradigmas científicos em direção a paradigmas literários”. (SCOTT, 1989, p.6)

Para Saffiot (2004, p.136), o gênero está longe de ser um conceito neutro. Pelo contrário, ele “carrega uma dose apreciável de ideologia”. Ainda a mesma autora afirma que,

[...] justamente a ideologia patriarcal, que mostra uma estrutura de poder desigual entre mulheres e homens. Porque o conceito de gênero, na sua visão, não atacaria o coração da engrenagem de exploração-dominação, alimentando-a. Assim, se gênero é um conceito útil, rico e vasto, sua ambiguidade deveria ser entendida como uma ferramenta para maquiar exatamente aquilo que interessa ao feminismo: o patriarcado, como um fato inegável para o qual não cabem as imensas críticas que surgiram. (SAFFIOTI, 2004, p. 136).

Vários teóricos dedicaram suas pesquisas à memória como fonte histórica, como Le Goff (1990) e Halbwachs (2006), entre outros, uns dedicados à crítica – tomando como argumentos a fluidez da memória, outros à defesa – justamente elevando o caráter significativo desta interação direta com a história, constituindo lembranças que podem ajudar a recompor o fato histórico. Barros (2011) atribuiu o significado de memória coletiva àquela feita também de descontinuidades, porém estas se esfacelariam facilmente “disfarçáveis em continuidade”.

Nessa perspectiva, este trabalho discute alguns aspectos referentes à memória, no seu caráter social, sobretudo pelo que nos apresenta Halbwachs (2006), uma vez que é a partir de seus estudos que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca

são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.

Le Goff, em sua obra *História e memória*, salienta que “[...] o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e [...] um nível elementar de elaboração histórica.” (LE GOFF, 1990, p.50). Desta maneira os pesquisadores atentaram para aproximação da memória com os fenômenos sociais.

Vislumbrando o espaço da construção de uma significação histórica da memória, Sorgentini (2003), depois de explicar os caminhos que a história percorreu até chegar ao entendimento da importância da memória, sendo estas construções contínuas da memória, bem como a história, também carrega consigo as significações humanas. Mais adiante, o autor supracitado salienta que se às vezes a memória pode ser de grande valia para a pesquisa, outras podem estar desvinculadas da verdade histórica correspondendo apenas ao ponto de vista de uma minoria ou grupo localizado, para exemplificar estes usos da memória, o autor explicita:

[...] como puede ser el caso deles caso debate sobre la radicalización política de los años 70 em la memoria instituída em los primeros años de la transición democrática em la Argentina y El consecuente despojamiento de la subjetividad política de lãs víctimas del terrorismo de Estado. (SORGENTINI, 2003, p.122).

A memória é um importante suporte para construção da história. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Assim pode se pensar a memória como poder, como objeto de luta:

A memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1992, p.476).

Ressaltando esta importância, Barros (2011, p. 385), considera que a memória e a história se entrelaçam nas memórias históricas, no momento em que estas

começarem a desaparecer com a condição natural das gerações, o papel importante do registro de tais memórias, para desta forma obter-se como um dado histórico e fonte de pesquisa e que estes consequentemente possam ser analisados criticamente, em confronto com a história contada pelos livros, por exemplo.

A importância das memórias tem instigado pesquisas históricas diversas, nos âmbitos macro e micro, relacionados com a cultura, territorialidade, identidade de um grupo política e socialmente e a constante interferência de mecanismos externos nestas memórias. Nesse contexto, é preciso repensar o sentido da restauração. Martinez também propõe uma revisão historiográfica nesse campo de estudo visto que para ele “[...] a construção da História da Restauração, sem dúvidas proporcionaria novos dados e muitas interrogações”. (MARTINEZ, 2000, p. 18-19).

Na área da restauração é preciso ainda, analisar também os seus conceitos e, para tanto, Brandi (2004) nos traz um leque de informações sobre o assunto, “[...] entende-se por restauração qualquer intervenção voltada a dar novamente eficiência a um produto da atividade humana”. (BRANDI, 2004, p.01).

Nessa perspectiva, consideramos importante a necessidade de pesquisas e a análise acerca da trajetória da restauração de acervos em papel no Brasil e, mais especificamente, na Bahia, repensando a construção cultural preservacionista com um olhar para as questões de gênero considerando-se, ainda, as mudanças de paradigmas ocorridas nas últimas décadas.

Tendo em vista o recorte temático ora apresentado, elegeu-se, como referencial teórico-metodológico os conceitos encontrados nas obras dos autores Cesare Brandi², Maria José Martinez Justícia³, Maria Cecília Londres Fonseca⁴, Zeny Duarte de Miranda⁵ entre outros. Tais publicações consolidaram-se como marco teórico, considerando, ainda, o fato de serem recentes e aprofundadas investigações sobre a teoria e historiografia da conservação e da restauração.

A partir de meados dos anos 1900, foram produzidas obras em espanhol, trabalhos dedicados à História da Conservação e Restauração de Bens Culturais que

²BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. São Paulo: Ateliê, 2004.

³ MARTINEZ JUSTICIA, Maria Jose. *Historia y teoria de La conservación y restauración artística*. Madri: Técnicos, 2000.

⁴ FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. Trajetória da política federal da preservação no Brasil. Rio de Janeiro; UFRJ; IPHAN: 1997.

⁵ DUARTE, Zeny. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador, 2005.

acabaram por se tornar referenciais neste campo temático. Tais estudos refletem as pesquisas acadêmicas de docentes universitários europeus que ministram disciplinas focadas na Teoria e História da Conservação e Restauração de Bens Culturais, em cursos de graduação e pós-graduação.

Para desenvolver a pesquisa foram realizadas as seguintes atividades: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, pesquisas em *sites* com o objetivo de aproximação com as atualizações e visitas técnicas ao Laboratório de Restauro do Arquivo Público da Bahia e do Laboratório de Restauração e Conservação Reitor Eugênio de Veiga Andrade - LEV da Universidade Católica do Salvador a fim de conhecer as suas instalações e parte dos aspectos de sua história, além da realização de entrevistas com ex- alunos da professora Ana Maria Villar e funcionários e ex-funcionários do Arquivo Público da Bahia.

A partir do levantamento bibliográfico e da revisão de literatura foi possível analisar a história da conservação e restauração na Bahia, identificando os teóricos que seriam utilizados neste trabalho, houve também uma leitura sobre questões relativas a memória histórica, por se tratar de preservação de bens materiais e por final a identificação de elementos orais que contribuem para a salvaguarda da memória histórica.

Observando que nos dias atuais a memória tem sido considerada importante na pesquisa historiográfica, prestígio este, em grande parte devido à aceleração do tempo na contemporaneidade e ao medo da supressão das lembranças. Neste sentido, à abundância de estudos sobre a memória seduziu a história e, no limite, modificou – lhe a maneira de escrevê-la. Contribuir para a preservação da memória é, portanto, um dos objetivos deste trabalho e para tanto foram relatadas as visitas técnicas aos laboratórios já citados, mencionando suas histórias, condições ambientais, métodos e processos de conservação dos acervos destas instituições.

A localização de fontes documentais custodiadas no Arquivo Público da Bahia contribuiu, sobremaneira, para a realização do levantamento de dados pertinentes, possibilitando, assim, uma investigação mais detalhada acerca das ações preservacionistas voltadas para os acervos em papel.

Em caráter de complementação à análise bibliográfica e documental, realizando-se entrevistas com conservadores-restauradores especialistas em papel,

professoras universitárias, coordenadora de laboratórios, protagonistas na trajetória da conservação-restauração de papel na Bahia.

As entrevistas foram elaboradas no sentido de obter informações que pudessem ser confrontadas com as fontes documentais analisadas. O trabalho compreendeu todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exigiu, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Os encontros constituíram-se fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros.

O exercício da história oral possibilitou o desvelamento de memórias sobre a história da conservação e restauração, a interpretação das diferentes formas de articulação dos atores sociais na construção do espaço social preservacionista, bem como a atuação na investigação historiográfica do tempo presente considerando-se que alguns dos entrevistados ainda atuam na área profissional.

Cumpramos ressaltar a validade da pesquisa de campo como importante ferramenta neste estudo em específico, na medida em que possibilitou o enriquecimento da investigação histórica por meio do intercruzamento e do diálogo entre as fontes documentais e bibliográficas. Assim a pesquisa organizou-se da seguinte forma:

O primeiro capítulo desta dissertação trata da introdução, neste capítulo pontuamos os anseios que despertou o interesse em desenvolver pesquisa sobre esta temática, bem como traçamos os questionamentos que nortearam esta pesquisa. O segundo capítulo é dedicado ao estudo das origens da conservação-restauração de documentos, demarcando a presença das práticas e representações preservacionistas. Em seguida, foi abordado o pioneirismo da mulher na prática da conservação e restauração, trazendo a trajetória das profissionais Lindaura Alban Corujeira e Ana Maria Villar, traçando um recorte entre o período de 1980 e 2014.

O terceiro capítulo tem por objetivo sistematizar e analisar a inserção da conservação restauração de papel no Brasil juntamente à instalação do primeiro laboratório de restauração na Bahia; o Laboratório de Conservação e Restauração do Arquivo Público da Bahia pioneiro na construção e fomento da conservação e restauro na Bahia. Nesse capítulo é focada a atuação desta Instituição como espaço de memória, história e salvaguarda da documentação e suas personagens, mulheres pioneiras na restauração.

O quarto capítulo enfatiza o desenvolvimento e a consolidação da conservação-restauração de papel. O quinto do capítulo discorre sobre a implantação e Instalação do Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio Veiga Andrade e as personagens que fizeram parte da elaboração e construção do projeto deste laboratório. O último capítulo aborda as considerações finais deste trabalho.

Dessa forma, procurou-se investigar temas relacionados à formação de profissionais nos laboratórios acima citados e a atuação destes na área da conservação e restauração de papel.

Assim, este estudo discutiu a preservação e conservação documental como uma “construção cultural”, procurando identificar os modos como a preservação da memória, no seio da sociedade baiana, foi construída, evidenciando o papel das mulheres nesse processo de construção da história e o processo de implantação dos laboratórios de conservação e restauro em Salvador.

2 TRAJETÓRIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, a primeira intenção de preservação e conservação de bens materiais é datada de 1742 e diz respeito aos propósitos preservacionistas do Conde de Galveias⁶ em relação ao Palácio de Friburgo, em Recife-Pe. Ainda que tenha sofrido influências ou imposições da Coroa portuguesa, deve-se considerá-lo um precedente importante na história, em que o monumento é tratado como documento histórico, cuja conservação para a posteridade se fazia necessária.

A proteção de acervos de papel – como acervos bibliográficos, manuscritos e obras raras, foram juridicamente instaurados a partir do Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937⁷, que visava necessariamente à proteção do patrimônio cultural com relação ao registro, o tombamento e a desapropriação, bem como pela utilização da ação civil pública e da ação popular.

Nos séculos XVII e XVIII na França, valorizavam mais os usuários distintos do produtor e inculcavam-lhes um pendor cultural conhecido como artefato cultural, nesse período criou-se a sistematização da informação, a criação de instrumentos de pesquisa e o acesso ao uso da informação. Segundo Duarte (2014, p. 140),

[...] a Revolução Francesa agrava essa situação e reforça a tendência cultural, secundada pelo movimento do historicismo romântico que, aliado ao Positivismo, promovem uma nova instrumentalização dos acervos pelo trabalho histórico e a sua perspectivação à luz do conceito oitocentista de Patrimônio.

No cenário brasileiro, constata-se, na primeira década do século XIX, o surgimento de publicações que refletem a problemática de conservação de acervos em papel. Segundo Spinelli Junior (1997, p.17):

É cientificamente provado que o papel degrada-se rapidamente se fabricado e, ou acondicionado sob critérios indevidos. Por mais de

⁶A primeira tentativa visando à proteção de monumentos históricos já data de meados do século XVIII.

⁷Decreto –lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, organiza a proteção do Patrimônio Nacional. Cabe destacar que a CF/88, em seu artigo 24, dispõe que compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre a proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico e paisagístico. BRASIL. Congresso Nacional. Decreto Legislativo nº 74, de 30 de junho de 1977. Disponível em: <<http://www.prpe.mpf.gov.br/internet/Legislacao/Patrimonio-Historico-e-Cultural/Decretos/DECRETO-LEGISLATIVO-N1-74-DE-30-DE-JUNHO-DE-1977>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

um século tem-se fabricado papel destinado à impressão de livro com alto teor de acidez. Sabemos perfeitamente que a acidez é uma das maiores causas da degradação dos papéis. Na mesma medida, o acondicionamento de obras em ambientes quente e úmido gera efeitos danosos, tais como: reações que se processam a nível químico e que geralmente enfraquecem as cadeias moleculares de celulose, fragilizando o papel. Esse fato concorre para que todos os acervos bibliográficos estabeleçam controles ambientais próprios dentro de parâmetros precisos. A cidade do Rio de Janeiro, então sede da Coroa, acolhia instituições públicas detentoras de acervos bibliográficos e documentais.

Com todos esses fatores de degradação da documentação foi necessário repensar a forma de acondicionamento e preservação documental a que estavam acometidos os documentos históricos. Outro fator da degradação dos documentos é o clima quente e úmido, típico de país tropical, posto que agentes biológicos se desenvolvam de maneira acentuada em tais condições climáticas, e esse foi um dos motivos para a degradação da documentação existente nos arquivos, nas bibliotecas e outros lugares de salvaguarda documental.

Segundo Duarte (2014), a necessidade de fixação da informação num suporte material, verifica-se naturalmente, a necessidade de organizá-la, instalar e armazenar adequadamente, zelando pelos acervos como forma de garantir o acesso ao menos em tempos e, eventualmente, em lugares diferentes. A importância da proteção dos documentos – artefatos escritos foi se afirmando pragmaticamente ao longo do tempo como uma área de maior importância para os seus produtores/acumuladores. Os arquivos/bibliotecas, com as suas oficinas de copistas, prática iniciada pelos monges beneditinos em meados do século XV, inicialmente localizados em palácios e templos e ao serviço do produtor da informação, resultam, naturalmente, desta necessidade de proteger a memória registrada. Para tanto:

As práticas dos profissionais vão refletir os novos valores culturais e ideológicos ficando cada vez mais afastados dos produtores da informação e ligados a infra-estruturas e serviços especializados e artificialmente criados para “recolher, tratar conservar e difundir” o “patrimônio documental” memória das nações e da Humanidade. Associado à emergência do paradigma custodial e tecnicista, inscrevem-se no “modelo empírico” da proteção do artefato escrito o pendor patrimonial, custodial e técnico, que caracterizará, até os anos 70/80 do séc. XX. (DUARTE, 2014, p.145).

Em 1974, deu-se a implantação do primeiro núcleo de conservação e restauração, com a finalidade de desempenhar as atividades inerentes à preservação, conservação e restauração de bens culturais móveis e integrados, que estivessem sob a responsabilidade do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia- IPAC⁸, reconhecido na época por ARCA-Ateliê de Restauro e Conservação de Obras de Arte. O funcionamento deste núcleo se dividia entre a Rua Gregório de Matos, n.º 29 e em algumas salas da antiga Escola de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus.

Em 1976, a ARCA foi incorporada à estrutura organizacional da então Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (FPAC/BA), se integrando à Coordenação de Conservação e Restauração (CCR), embora só tenha atuado oficialmente na fundação a partir do decreto n.º 25.979, de 07 de dezembro de 1977, quando passou à denominação de Centro Regional de Restauração de Bens Culturais Móveis (CERBA).

Cabe ressaltar a importância da UNESCO com objetivos direcionados ao apoio e promoção da conservação, do progresso e difusão do saber, incentivando as práticas de conservação e restauração do patrimônio universal, entre eles os livros, as obras de arte e monumentos históricos, através de programas como o *Memory of The World*, iniciado em 1970, direcionado a preservação e acesso universal à documentação.

A preservação de acervos em papel no Brasil foi, de fato, consolidada a partir da década de 1980. Até aquele momento eram poucos os especialistas na área de Conservação-Restauração, seja de obras de arte, arquitetura ou engenharia, havendo quase que ausência de profissionais para atuar em suporte de papel. A esse respeito Granato, (2008 p. 45), informa:

A formação se obtinha pela frequência em ateliês, oficinas e “canteiros de obras” de restauro e em cursos de curta duração promovidos por instituições de guarda ou fiscalização do patrimônio,

⁸O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT), e atua de forma integrada e em articulação com a sociedade e os poderes públicos municipais e federais, na salvaguarda de bens culturais tangíveis e intangíveis, na política pública estadual do patrimônio cultural e no fomento de ações para o fortalecimento das identidades culturais da Bahia. IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. <http://www.ipac.ba.gov.br/>. Acesso em 12 de maio de 2014.

pelo Instituto Brasileiro de Arquitetos do Brasil – IAB, em eventos da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores – ABRACOR, entre outros. Alguns profissionais, que atuavam a partir de meados do século XX, inclusive os vinculados a instituições públicas, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tiveram a sua formação na Europa e nos EUA, como foi o caso de Edson Motta, entre outros.

Edson Mota se destacou pelo pioneirismo no Brasil na área da restauração e conservação de papel. Parte da mudança na visão sobre a importância dos conhecimentos específicos da conservação de papel pode ser atribuída a ele que após ter passado um período estudando conservação nos Estados Unidos, começou a atuar nesta especialidade, prestando serviços à Biblioteca Nacional, situada na então capital do Rio de Janeiro, a partir de 1948. Nesta instituição, trabalhou com gravuras, desenhos e realizou pesquisas de laboratório referentes a métodos de eliminação de fungos.

Paralelamente às suas atividades no Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional–DPHAN, em 1951, Edson Motta iniciou o ensino da conservação e restauração no Brasil, no âmbito universitário, quando foi criada a disciplina “Teoria, Conservação e Restauração da Pintura”, na Escola de Belas Artes, da Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Durante 33 anos, Edson Motta dirigiu o Setor de Restauração do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, depois transformado em Instituto por ele coordenado até 1978. Nesse período as restaurações importantes, como a do acervo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e do Museu de Arte Moderna, foram realizadas por ele, sem contar os muitos trabalhos internacionais para os quais era requisitado na América Latina e mesmo na América do Norte, onde cursou pós-graduação em Conservação e Restauração de Papel na Universidade de Harvard.

Foi como restaurador que, em 1978, já diretor do Museu Nacional de Belas Artes, que Motta recebeu o Prêmio Estácio de Sá, como a personalidade que mais trabalhou em favor das artes plásticas. Junto à Biblioteca Nacional, Edson Motta articulou a implantação de um laboratório de conservação de papel com caráter acadêmico, o primeiro com essa configuração no Brasil (CASTRO, 2008, p.93-94). Esse trabalho inicial sobre o acervo da Biblioteca Nacional pode ser apreciado na seguinte narração do próprio Professor Edson Motta:

Devo antes de mais nada, salientar que, na primeira fase de nossos trabalhos, cuidamos da instalação do laboratório pois, até então, coisa [sic] alguma havia sido realizada ou adquirida no sentido de dotar a Biblioteca Nacional de departamento capaz [sic] de oferecer tratamento, conservação e restauração de gravura, livros e papéis em geral. Havia, é verdade, empreitadas esporádicas ou contratos feitos [sic] com curiosos e aventureiros. Algumas dessas aventuras, especialmente no campo do tratamento de gravuras, trouxeram os mais graves riscos e perdas ao rico acervo da Biblioteca Nacional. Este serviço, agora, em pleno funcionamento tem utilizado grande parte de seu tempo, removendo restaurações erradamente aplicadas. Há casos sem possibilidades de completa salvação, como, por exemplo, as inúmeras gravuras cujas margens foram cortadas, sistematicamente cortadas, reduzindo seu valor. Temos notícias também de perdas totais. A própria coleção de Alberto Dürer, por muitos anos atirada nos porões da Biblioteca Nacional, só recentemente foi classificada e ninguém pode com segurança afirmar quantos originais existiam por ocasião de seu legado. (CASTRO, 2008, p. 94).

Embora Motta não tenha se dedicado exclusivamente à conservação e restauração de papel, faz-se necessário registrar a sua atuação como personalidade nesta área de conhecimento. Deve-se o reconhecimento a Motta pela inserção de uma mentalidade acadêmica no campo da conservação e restauração de papel, além da feitura da máquina obturadora de papel – MOP, equipamento confeccionado em metal, com modo de funcionamento manual e mecânico de extrema importância para a realização dos procedimentos de reenfibragem aplicados em documentos em suporte de papel.

Pioneiro no Brasil, Edson Mota fez considerações sobre a restauração repensando as práticas preservacionistas. Até então se pensava na conservação como modelo de preservação evitando maiores intervenções. “As políticas de preservação são conduzidas por intelectuais de perfil tradicional (historiadores, artistas, arquitetos, escritores, etc.) que se propõem a atuar em nome do interesse público, na defesa da cultura, identificada ao interesse das camadas cultas [...]” (FONSECA, 1997, p. 13). Contribuindo de forma decisiva para a preservação dessa cultura.

A publicação do livro “O papel: problemas de conservação e restauração” (1971) serviu de instrumento para consolidar a preservação do patrimônio cultural como uma especialidade. Mota destacou-se em diversos papéis profissionais e sociais ligados aos conceitos de restauração no Brasil. Consta do final da década de 1970 a elaboração, pelo setor de Conservação e Restauração de Pinturas, e projetos relativos

às pesquisas e ao treinamento profissional na área de conservação e restauração de bens culturais móveis. Dentro do “Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico 1973/1974” são apresentados os seguintes títulos: “Conservação do acervo cultural nas regiões tropicais e subtropicais” e “Os fungos e os insetos que atacam as obras e monumentos.”

Dentro do “Plano Setorial de Educação e Cultura 1975/1979”, Edson Motta propôs a criação de um curso com duração mínima de três anos com estágio no Setor de Conservação e Restauração de Pintura, Talhas, Manuscritos e Códices do IPHAN. Edson Motta ressalta, dentre outros, a necessidade de concessão de bolsas de estudo que atenderia as diferentes regiões geográficas brasileiras, bem como a necessidade de adaptação e ampliação do laboratório do IPHAN para o atendimento do referido plano.

Após quarenta anos do lançamento da primeira obra sobre a “conservação de papel” do professor Edson Motta; trinta anos da criação do primeiro curso de especialização na área- Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (CECOR) e mais de vinte anos após o surgimento de um curso totalmente voltado para a especialidade de conservação em papel – Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (ABER), percebe-se que a conservação e restauração ainda não alcançaram uma produção expressiva no Brasil. Assim Bojanoski explicita:

No Brasil o campo da conservação e restauração ainda é incipiente, o que pode ser comprovado quando se observa a realidade de muitos ateliês particulares prestadores de serviço e até mesmo a atuação de laboratórios de instituições, nos quais ainda prevalecem intervenções nos objetos culturais caracterizadas como meras repetições de técnicas práticas, sem maiores embasamentos teóricos, conceituais e metodológicos. (BOJANOSKI, 2011, p.105).

A partir da legislação, da criação do SPHAN, os documentos o compromisso de Brasília e do Compromisso de Salvador, contribuíram para regular a preservação do patrimônio histórico e cultural.

2.1 A CRIAÇÃO DO SPHAN, O COMPROMISSO DE BRASÍLIA, O COMPROMISSO DE SALVADOR

A criação do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN), em 1937, constitui outro fato importante para a promoção das ideias de preservação, conservação e restauração dos bens culturais no território brasileiro.

No Brasil, o reconhecimento da necessidade de proteger o patrimônio histórico e artístico já havia sido apontado nos anos 20, época em que se registraram iniciativas locais e estaduais. Em 1936, Mário de Andrade foi solicitado a preparar um projeto para a criação de uma instituição nacional de proteção do patrimônio. Esse documento embasou as discussões preliminares sobre a estrutura e os objetivos do SPHAN, criado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

O decreto de criação do SPHAN definiu o patrimônio histórico e artístico nacional como sendo:

[...] conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico [...]. (BRASIL, 1936).

Cabe salientar que neste estudo não há uma discussão maior sobre este fato, embora se faça necessário trazer alguns tópicos sobre esta instituição haja vista a sua importância. Assim, inicialmente, as propostas para salvaguarda do patrimônio nacional eram sustentadas por critérios de seleção que ressaltavam os valores estéticos excepcionais dos monumentos, além do caráter exclusivamente material e representativo dos bens, como se pode observar no artigo 1º do referido Decreto-Lei.

Desse modo, as ações de preservação do patrimônio histórico nacional buscavam contemplar primordialmente os edifícios do período colonial em estilo barroco e os grandes palácios do governo em estilos variados, mas que eram dotados de valor simbólico para a história política da nação. No Brasil, entre os esforços feitos para a preservação dos bens culturais destacam-se os seguintes documentos: o Compromisso de Brasília (abril de 1970) e o Compromisso de Salvador (outubro de 1971).

O Compromisso de Brasília é o documento resultante do "Primeiro Encontro dos Governadores de Estado, Secretários Estaduais da Área Cultural, Prefeitos de Municípios Interessados, Presidentes e Representantes de Instituições Culturais". Esse encontro foi promovido pelo Ministério da Educação e Cultura, objetivando a adoção das medidas necessárias à defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. Este documento enfatiza que o acervo arquivístico e o acervo bibliográfico merecem cuidados especiais segundo as suas peculiaridades e conforme as regulamentações técnicas dos órgãos federais especializados na utilização e na proteção desse patrimônio.

Nesse sentido, destaca-se, entre as conclusões desse Encontro, a orientação dada quanto à criação de cursos superiores - segundo orientações do Departamento Histórico Artístico Nacional (DPHAN) e do Arquivo Nacional - para a formação de arquitetos, restauradores, conservadores de pintura, escultura e documentos, arquivistas, museólogos e bibliotecários (INSTITUTO, 2004). Essa orientação ratifica, em nível nacional, a interdisciplinaridade da conservação, o seu caráter científico e a necessidade de cursos superiores na área. A importância do documento gerado nesse encontro está na sistematização da política de proteção aos bens naturais e de valor cultural (paisagens, parques, naturais, praias, acervos arqueológicos, conjuntos urbanos, monumentos arquitetônicos, bens móveis, documentos e livros).

Sobre o “Compromisso de Brasília”, são dignos de nota os artigos relativos à preservação dos acervos em papel, na medida em que enfatizam a defesa e a conservação do patrimônio arquivísticos e bibliográfico, o que indica, de fato, um ganho conceitual no contexto preservacionista em relação aos princípios de valoração estabelecidos no Decreto-Lei nº 25, de 1937:

§ 10. Caberá às Universidades o entrosamento com bibliotecas e arquivos nacionais, estaduais, municipais, bem assim os arquivos eclesiásticos e de instituições de alta cultura, no sentido de incentivar a pesquisa quanto à melhor elucidação do passado e à avaliação de inventários dos bens regionais cuja defesa se propugna;

§ 11. Recomenda-se a defesa dos acervos arquivísticos, de modo a ser evitada a destruição de documentos, ou tendo por fim preservá-los convenientemente, para cujo efeito a colaboração do Arquivo Nacional com congêneres repartições estaduais e municipais; 13. Recomenda-se a conservação do acervo bibliográfico, observadas as

normas técnicas oferecidas pelos órgãos federais especializados na defesa, instrumentação e valorização deste patrimônio.⁹

O Compromisso de Salvador foi elaborado no "II Encontro de Governadores para Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Brasil", e subsidiado pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (INSTITUTO, 2004). Este documento ratifica o Compromisso de Brasília, ressaltando a necessidade de verbas especificamente direcionadas às atividades de manutenção física do patrimônio nacional, especialmente protegidos por lei.

Além disso, ressalta a importância da criação do Ministério da Cultura e de Secretarias ou Fundações de Cultura nacionais e estaduais, e a formação de profissionais que atuassem junto à conservação do patrimônio nacional e esse propõe diretrizes, orçamentárias e legislativas, sem as quais a satisfatória manutenção do patrimônio nacional não acontece.

§ 9. Recomenda-se que os estados e municípios utilizem, na proteção dos bens culturais e de valor cultural, as percentagens do Fundo de Participação dos Estados e Municípios definidas pelo Tribunal de Contas da União.

§ 10. Recomenda-se que seja pleiteado pelo Tribunal de Contas da União extensivas aos museus, bibliotecas e arquivos, com acervos de importância comprovada, as percentagens a que alude à recomendação anterior.¹⁰

Importante perceber a preocupação no século XX com relação à preservação e restauração de documentos em suporte de papel. No ano de 1988, Guitta Mindlin¹¹, junto com Tereza Brandão Teixeira¹², criam a Associação Brasileira de Encadernação

⁹Cartas Patrimoniais'. Brasília: Iphan, 1995. p.137-141.

¹¹Nascida em São Paulo, em 1916, Guitta Kauffmann tinha 20 anos quando ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Interessada em história e literatura, fez cursos de extensão nos anos 1960 e 1970. Grande leitora, sempre zelou pelos livros da biblioteca que formou junto com José Mindlin e com o tempo foi estudando como conservá-los. Visitou bibliotecas, fez cursos no Brasil, na França, na Espanha e na Alemanha e montou um laboratório dentro de casa com a finalidade de cuidar melhor dos livros da biblioteca do casal. Em 1988, juntamente com Thereza Brandão Teixeira, criou a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER), com o objetivo de reunir profissionais ligados à conservação e ao restauro de livros, documentos impressos e manuscritos e à encadernação artesanal, estimulando o interesse pela documentação gráfica. Biblioteca Brasileira Guitta e José Mindlin. <http://www.bbm.usp.br/node/53>. Acesso em 26.12.2014.

¹²Criou a Associação Brasileira de encadernação e Restauro (ABER)

e Restauro (ABER) instituição sem fins lucrativos que atua em dois segmentos: a encadernação e a conservação e restauro de livros e demais documentos em suporte de papel, com o objetivo de congregar profissionais e entidades ligadas à conservação e restauração dos livros, documentos impressos e manuscritos, encadernação artesanal, estimulando e ampliando o interesse pela documentação gráfica.

Em 2008, a ABER foi qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), com a missão de atuar na capacitação e atualização profissional, bem como disseminar conhecimentos relativos à preservação de acervos artísticos, bibliográficos e documentais. Ainda em 2008, em conjunto com outras instituições, a ABER elaborou o Código de Ética do Conservador-Restaurador, e participou das discussões relativas ao projeto de lei que prevê o reconhecimento da profissão do Conservador-Restaurador de Bens Culturais, em tramitação no Senado e na Câmara.

A história da conservação e restauração na Bahia visa acima de tudo salvaguardar o Patrimônio Cultural que abrange toda a construção histórica e cultural do ser humano em um determinado espaço físico, “[...] entendendo-se cultura como complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”¹³

2.2 CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NA BAHIA – JOÃO JOSÉ RESCALA

Em 1937 com a obra “Retrato de meus pais”, que recebeu o maior prêmio dado aos artistas naquela época, inicia-se a história de Rescala com a Bahia. João José Rescala nasceu em 1910, no Rio de Janeiro. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes, onde foi aluno, dentre outros, de Rodolfo Chambelland, Augusto Bracet e Marques Júnior.

¹³IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Governo do Estado da Bahia Ipac . Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

Rescala foi um dos fundadores do Núcleo Bernardelli, fundado em 12 de junho de 1931, com o objetivo de criar uma alternativa para o ensino oficial da Escola Nacional de Belas Artes, enfatizando a liberdade de expressão artística.

Ao chegar à Bahia, por ter sido inicialmente convidado pelo diretor da Escola de Belas artes deste estado, Rescala recebeu do diretor da DPHAN, do qual era funcionário, a incumbência de organizar um setor de restauro na representação do órgão no Estado da Bahia. Foi lotado no então 2º Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na Seção de Restauração de Pinturas, com a missão de dar início à organização do serviço do patrimônio na Bahia com escassez de infra estrutura do que diz respeito com o quadro de técnicos e recursos financeiros, que o desmotivava.

Porém na Universidade da Bahia ele encontra espaço na arquitetura colonial, no povo e em seus costumes, um cenário convidativo para prosseguir desenvolvendo sua arte pictórica. Percebeu também a existência de um campo vasto e pouco explorado, no que diz respeito às atividades de restauração. Essa expectativa, naquele momento, se somava a mais uma importante missão, a de preparar futuros profissionais para atuarem na conservação e restauração do patrimônio baiano.

A disciplina Teoria, Conservação e Restauração da Pintura, criada por Rescala tinha como proposta preparar alunos que pretendessem cuidar do patrimônio artístico cultural da cidade, pois Salvador era detentora de um valioso bem cultural e para tanto merecia pessoas capacitadas para tratarem da sua conservação e restauração.

Coube a Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, pela compreensão do seu dinâmico diretor, Professor Mendonça Filho, ser o segundo núcleo universitário brasileiro a criar a Cadeira de Conservação e Restauração da Pintura, com o objetivo de dotar a Bahia de restauradores capazes de zelar pelo seu precioso acervo pictural. (RESCALA, 1953, p.2).

Na EBC - Escola de Belas Artes foi um professor dedicado ao ensino e ao desenvolvimento de estudos voltados para o âmbito de conservação e restauro além de ter sido considerado uma pessoa entusiasta e amigo como atesta o texto do ofício:

Através da análise do Currículo vitae do prof. Rescala, sente-se a rara e feliz convergência de várias qualidades que o tornam um paradigma de um professor universitário, de artista sensibilíssimo de amigo que bem sabe valorizar as qualidades humanas e de um trabalhador

incansável porque sempre realiza suas criações sob a lidima influência do seu entusiasmo inato e contagiante.¹⁴

Além de professor universitário, trabalhou como técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), realizando notável trabalho de conservação de obras de arte religiosa na Bahia, Pernambuco e Goiás em 1940.

Em 1945, Rescala viajou para os Estados Unidos e se especializou na *New School for Research*. No ano seguinte, participou da 23ª Bienal de Veneza, na Itália, e realizou uma exposição individual na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Além disso, trabalhou como desenhista e ilustrador da Revista do Museu Nacional de História Natural, no Rio de Janeiro.

Um ano mais tarde, Rescala prestou concurso para catedrático da mesma disciplina, sendo aprovado por uma seleta banca, tendo como examinadores Edson Motta, Quirino Campofiorito¹⁵, Mendonça Filho.

Em 1955, publicou o livro “Pintura em Madeira (Preparo e Restauração de Suporte)”, que foi sua tese de concurso à cadeira de “Teoria e Conservação da Pintura”. Nesta obra, Rescala abordou assuntos como a posição do restaurador diante da obra de arte, resumo histórico da restauração, comportamento do restaurador diante da obra de arte e este trabalho serviu de suporte informacional para os futuros restauradores.

A transferência para Salvador foi à oportunidade que Rescala teve de colocar em prática e experiência profissional adquirida ao longo de suas viagens e a importância de se preservar o patrimônio artístico e cultural do país. Na Bahia seguiu a carreira de pintor e restaurador, acrescentando à de professor. Por ter salvo alguns bens culturais Jorge Amado explicita:

Esse pintor Rescala, filho de levantinos, herdeiro da cultura do Mediterrâneo, amoroso das igrejas e das baianas de torso e bata, é

¹⁴ Serviço Público Federal. Ministério da Cultura. Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. Of. Nº 131/83 datado de 05.08.1983

¹⁵ Pintor, desenhista, gravador, crítico e historiador da arte, ilustrador, caricaturista, professor. Em 1917, no Rio de Janeiro, trabalha como ilustrador nas revistas Tico-Tico e Revista Infantil, e como caricaturista nos periódicos A Maçã, O Malho, D. Quixote e A Máscara. Inicia um curso de pintura na Escola Nacional de Belas Artes - Enba, em 1920, e tem como professores Modesto Brocos, Baptista da Costa, Augusto Bracet e Rodolfo Chambelland. Recebe o prêmio viagem ao exterior em 1929, vai para Paris e lá permanece até 1932, estudando no Ateliê de Pongheon da Académie Julien e na Académie de La Grande Chaumière.

um benemérito da cidade de Salvador, que um dia o acolheu e ele se entregou, pois entre os seus preferidos, a Bahia conta com os árabes, jamais soube resistir ao Oriente. Não só porque a pintou mil vezes em seus quadros- praias, barcos, velames, igrejas, mulatas, casarios- sempre com a mesma emoção e o mesmo amoroso profundo, mas porque salvou tesouros de arte num trabalho silencioso, não, porém, menos importante. (AMADO, 1973, p. 153).

Rescala salvaguardou a memória através da restauração e conservação de documentos e incentivou muitos profissionais a preservarem os bens culturais, assim como Ana Maria Villar e Lindaura Alban Corujeira. Foi o mestre que ensinou ofícios da Conservação e Restauração, que trouxe para a Bahia a profissão e fez o seu papel de professor e orientador com muita dedicação e com peculiaridades que só o conservador e restaurador de papel podem apresentar.

3 A PRESENÇA FEMININA NA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO NA BAHIA

Para tratarmos do pioneirismo feminino na área da restauração e conservação na Bahia é preciso voltarmos um pouco na história da Conservação e Preservação no Brasil, afim de entender que a salvaguarda dos documentos foi concebida e legitimada dentro de um universo inteiramente masculino, com a atuação de Edson Mota¹⁶ pioneiro no processo de conservação e restauração no Brasil e Jair Afonso¹⁷ restaurador/conservador de Bens Móveis e Integrados, tendo sido abraçada por mulheres na Bahia após a chegada de João José Rescala em 1955.

Uma das questões mais debatidas nas últimas décadas, em especial a partir dos finais do século XIX, refere-se ao papel da mulher na sociedade e, entre tantas questões, temos o papel da mulher no mundo das artes plásticas, enquanto produtora de arte e a sua introdução no circuito artístico profissional.

No âmbito da conservação e restauração também é possível verificamos a ausência da figura feminina tanto na “seleta banca”, composta por Edson Motta, Quirino Campofiorito, Mendonça Filho e outros examinadores, quanto no processo de consolidação da conservação e restauração no Bahia. Mas onde estavam as mulheres naquele momento? O campo da restauração não permitia a presença delas? “A mulher estava confinada ao espaço da vida privada, envolvida no cuidado com o lar, na educação dos filhos, na atenção com o marido; ocupada demais para ser percebida pela história que, até então, se limitava a tratar da vida pública, domínio quase que exclusivo dos homens”. (RAGO, 2004, p. 59).

Cabe aqui salientar que no final do século XIX as mulheres não podiam frequentar a Escola de Belas Artes no Brasil, ficando restritas aos ateliês, financiados

¹⁶Pintor, restaurador, muralista, professor. (1910: Juiz de Fora, MG – 1981: Rio de Janeiro, RJ). Competente retratista e paisagista, pintor figurativo de formação acadêmica, dedicou grande parte de sua vida a restauração de obras de arte e ao ensino, o que limitou sua produção artística.

¹⁷ Jair Afonso Inácio (1932-1982), restaurador/conservador que muito contribuiu para a preservação dos “Bens Móveis e Integrados”, no Brasil. Juntamente com João José Rescala, Fernando Barreto, Aldo Malagoli e Edson Motta (que em 1949 fundou o “Setor de Recuperação do SPHAN), Jair tornou científica a restauração no Brasil. Restaurou grande parte do acervo histórico e artístico de Minas Gerais, que estava com seu barroco descaracterizado. Ele usava técnicas aprendidas na Europa e nos Estados Unidos e, muitas vezes, teve de adaptá-las às condições brasileiras: clima diferenciado e precariedade de materiais e equipamentos.

pelas famílias ou nas academias particulares, que aceitavam mulheres. A entrada das mulheres na Escola de Belas Artes do Brasil foi bastante confusa e gerou muitas polêmicas como afirma Leal (2002, p. 13.) “[...] As mulheres passaram sob as vaias dos estudantes, a serem aceitas na Escola de Belas Artes, tendo, portanto, acesso ao estudo das artes, tal como os homens [...]”. As condições vividas pela mulher no século XIX, mais precisamente a vontade de ser produtora de arte, foram ausentes ou desconsideradas na história da arte brasileira.

Ainda nesse contexto, marcado pela exclusão feminina, do fortalecimento do patriarcado, e a imposição do lugar da mulher na sociedade, este sendo o de submissão e de dominação, como explicita Simioni:

Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. Os interessados formavam-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde adquiriam os conhecimentos necessários para se tornarem artistas e, posteriormente, viverem de suas classes e das encomendas oficiais e privadas que, vez por outra, aconteciam. As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadoras. (SIMIONI 2008, p.29).

Já no século XX as mulheres passaram a exigir espaço da sociedade machista e paternalista. Clamavam por direitos de igualdade frente ao homem, bem como as obrigações que deles poderiam surgir. Na perspectiva da feminista Joan Scott, somente nos anos de 1980 e 1990 é que a “história das mulheres” começou a seguir novos caminhos.

Segundo Rago (2004) o feminismo dos anos 1960 foi o ponto de partida para um movimento de maior força e combatividade. Mesmo sob o contexto da ditadura, as mulheres passaram a se organizar para questionarem mais profundamente seu papel assumido na sociedade. A problemática dos padrões de comportamento passou a andar de mãos dadas com as ideias de esquerda que inspiravam várias participantes desse momento feminista no Brasil.. As integrantes do movimento reclamavam uma história na qual houvesse mulheres de destaque no âmbito profissional, demonstrando a atuação das mulheres na sociedade, pois elas lutavam também para que a opressão que as sufocava fosse registrada pela história.

Foi nos anos de 1960 que o movimento feminista se inicia no Brasil. As mulheres passaram a reivindicar a liberdade sexual, a liberdade do próprio corpo e a liberdade de expressão. Surgiram autoras da área de gênero, discutindo o papel da mulher na sociedade. Tais mudanças contribuíram para novas posturas e pensamentos sobre as questões de desigualdades entre homens e mulheres na sociedade. (MIRANDA, 2009, p. 35). Nesse contexto começam a produzir arte que tratava de questões próprias ao sexo feminino: maternidade e exclusão social. Essa arte passou a ser conhecida como arte feminista, já que se torna um meio de expressão e de reivindicação para as mulheres.

As mulheres começam a reivindicar seus lugares nos museus e na história da arte, a se organizar e a montar suas próprias exposições, a dirigir suas próprias galerias e a ministrar aulas particulares. Foi à forma encontrada para lograr as estruturas ainda dominadas pelos homens e colocar como tema central o feminino, a perspectiva deste.

Em seu artigo sobre a produção das mulheres nas artes plásticas, Andréa Serra Coutinho relata que:

Algumas artistas partem por produzir obras que representam ou evocam simbolicamente experiências corporais e rituais femininos, outras direcionam sua produção para as questões políticas e sociais, sendo contra o racismo, a violência e todas as imposições sofridas pelas mulheres. Há também uma linha autobiográfica, nesta perspectiva as obras revelam a história de vida da própria artista, as vivências pessoais e a intimidade são transformadas em experiência estética. (COUTINHO, 2012, p.03).

O movimento feminista traz uma nova roupagem ao cenário brasileiro, problematizando a imposição que a sociedade patriarcal estabeleceu durante anos, artístico e cultural dificultando a participação das mulheres no contexto social, político, econômico.

Sobre a exclusão feminina no contexto de Joan Scott (1990), evidencia que assim como as profissões, as organizações profissionais também eram hierárquicas, ou seja, incluíam e excluía indivíduos da qualidade de membros, segundo seus próprios critérios; aqueles já profissionais atuantes se reservam o direito de julgar aqueles que ainda estão fora do campo profissional. “[...] As mulheres, os negros, os judeus, os católicos e os não-cavaleiros foram sistematicamente subapresentados durante anos [...]” (SCOTT, 1990, p. 23).

Sobre as Mulheres Perrot, relata as dificuldades encontradas pelas mesmas e como a sociedade pensava a respeito daquelas que tentavam adentrar as profissões tidas como artísticas:

Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. As mulheres eram impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar. (PERROT, 2008, p.101).

É possível perceber na citação de Perrot o quão foi difícil para as mulheres conquistarem espaços nas artes, e mais uma vez notamos as desigualdades de gênero e o preconceito enraizado numa sociedade onde o patriarcalismo predominou por muito tempo. A partir da década de 1970, as mulheres brasileiras conquistaram novos espaços de atuação no mercado de trabalho, no cenário político e, até mesmo, no interior da família, avançando, também, na luta pela conquista de uma cidadania plena. Todavia, apesar das importantes conquistas registradas, é preciso reconhecer que a sociedade brasileira ainda tem resquícios de uma ordem patriarcal: trata-se de uma sociedade, identificada com e centrada no gênero masculino, o que implica na predominância de relações assimétricas e hierárquicas entre os sexos.

As mudanças desencadeadas pelo processo de industrialização e modernização, ainda destinam às mulheres as atividades ditas domésticas e a situação de dependente, ao tempo em que os homens se mantêm no seu papel tradicional de provedor e chefe da família. Apesar das mulheres terem alcançado novos espaços é possível perceber que alguns valores patriarcais, sexistas, ainda insistem em condicionar quando não impedem a promoção social das mulheres. Este é um dos motivos deste estudo, trazer para a discussão acadêmica à visibilidade e a atuação das mulheres pioneiras na área da conservação e restauração na Bahia, analisando a visibilidade das mesmas num campo, até então de exclusividade masculina.

Cabe ressaltar, que no âmbito da preservação na Bahia, a participação da mulher tem sido efetiva, sobretudo, na conservação e restauro. No entanto a sua atuação tem sido invisibilizadas. Desse modo é necessário repensarmos questões de gênero na produção artística brasileira. Para tanto se faz necessário levantar dados históricos ‘esquecidos’. Repensando a atuação da mulher no contexto de restauro no panorama atual, evidenciando essas profissionais que foram historicamente

invisibilizadas. Assim, podemos contribuir para o fomento da diversidade cultural, possibilitando o acesso à trajetória feminina.

Não obstante as discussões de gênero, o estudo evidencia o pioneirismo das professoras Lindaure Alban Corujeira e de Ana Maria Villar Leite, ambas profissionais da conservação e restauração de documentos, nos espaços bibliográficos, arquivísticos e museológicos. Cabe aqui destacar que atividades como a conservação e restauração são de suma importância para os museus. Segundo Dominique Poulot “os conhecimentos produzidos no museu estão associados tanto à coleção como a equipe de conservação; além disso a importância de tal saber varia em função da qualidade destas”. (POULOT, 2013, p. 24).

A perspectiva aqui apresentada propõe uma discussão que consiste em pensar as mulheres dentro dos espaços acima citados e em especial na conservação e restauração na Bahia.

3.1 LINDAURA ALBAN CORUJEIRA: VOLUNTARIADO EM PROL DA CONSERVAÇÃO

Em entrevista realizada com a professora Lindaure Corujeira, uma das pioneiras no trabalho de conservação em obras em suporte de papel na Bahia, o relato a respeito das deficiências e as dificuldades encontradas pelas profissionais femininas na área das ciências humanas, em especial na conservação e restauração de documentos em suporte de papel era principalmente a falta de profissionais capacitadas para a realização destas atividades nas bibliotecas e arquivos.

Professora Corujeira, pensou em salvaguardar a documentação histórica da Bahia, haja vista a sua capacitação no âmbito nacional e seus estudos complementares como voluntária em cursos e projetos no campo da restauração. Como foi dito anteriormente, os profissionais de restauração buscavam se especializar fora do país e com Lindaure não foi diferente.

Para custear as despesas de suas viagens para o exterior, Corujeira foi beneficiada com uma bolsa de estudos concebida pelo *Instituto de Cultura Hispánica* de Madrid e, em 1958, Corujeira participou do *Curso de Formación Técnica de*

Archiveros, Bibliotecários e Arqueólogos, Sección Archivos Históricos, na Biblioteca Nacional de Madri, onde entrou em contato com a conservação e restauração de papel por meio da disciplina *Conservación e Restauración de Documentos*.

Verifica-se, de modo pioneiro a atuação de Corujeira com a apresentação do trabalho “Conservação e restauração de livros e documentos”, no III Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Curitiba, que teve como referência os estudos realizados na Biblioteca Nacional de Madri, nos anos de 1958 e 1959.

Dentre os pontos importantes abordados por Corujeira no referido trabalho, destacamos a importância de documentação histórica e seu valor como fonte de informação; os agentes físicos, químicos e biológicos de deterioração de livros e documentos e os respectivos meios de combate; a necessidade de restauração de livros e documentos e a importância do restaurador e as fases da restauração. Segundo a autora sua participação no referido Congresso, teve como motivação: “[...] socializar todo esse conhecimento entre os bibliotecários no Congresso do Brasil e exterior, na expectativa de multiplicar informação nos seus locais de origem”(CORUJEIRA, 2014).¹⁸

Percebemos na fala de Corujeira sua preocupação em aperfeiçoar-se na área da restauração e conservação, principalmente pela escassez de cursos na Bahia.

Em 1968, Corujeira viajou para se especializar em restauração no *Istituto di Patologia del Libro Alfonso Gallo* – ICPL em Roma, Itália, contando com bolsa de estudos da Associação Cultural Ítalo-Brasileira Dante Aligheri.¹⁹ No que diz respeito à metodologia do curso, destaca:

Praticamente foi um estágio. Passei por todas as seções do *Istituto* como, por exemplo: Bibliografia (que inclui museu, biblioteca e laboratório de restauração), Biologia, Química, Física, Tecnologia instrumentos que auxiliam os processos de tratamento que se devem aplicar sobre o papel que subsidiavam as práticas de restauro. (CORUJEIRA, 2014) ²⁰.

¹⁸ CORUJEIRA, Lindaura Alban. *Restauração e conservação*. Salvador, 10 jun. 2014. Entrevista a Renato Carvalho.

¹⁹ A Associação contou com a colaboração do Vice-Consul Honorário da Itália, Dr. Paolo Misi e do emigrante e produtor de cacau Navita.

²⁰ CORUJEIRA, Lindaura Alban. *Restauração e conservação*. Salvador, 10 jun. 2014. Entrevista a Renato Carvalho..

Entre 1963 e 1973, verifica-se a atuação docente de Corujeira no curso *International Training Course on the Conservation of Library and Archive Materials*. Nessa conjuntura Corujeira também se destaca pela capacitação de profissionais em restauração e conservação no Arquivo Público da Bahia.²¹ A contribuição técnica e prática para a implantação das técnicas de conservar e restaurar documentos no APEB foi de grande destaque, visto que existiam poucos profissionais na Bahia capacitados para a tarefa.

Segundo Corujeira (2014) , no APEB, já existia um grupo formado sob a coordenação da funcionária Doralice Amaral²², não encontramos muitas referências, mas apesar de não ter formação em restauro, esta também se dedicou à conservação e restauração de acervos. Em conjunto, ambas profissionais orientaram os estagiários com técnicas sobre a preservação e restauração, onde faziam reparos de livros e documentos do acervo.

Doralice era uma pessoa muito amorosa e com seu jeito cativava a juventude e todos que frequentavam a sala de restauro, todos ficavam encantados com os trabalhos manuais que eram produzidos por ela. Eu observava a sua habilidade na restauração e encadernação dos livros, assim como na reconstituição dos santinhos de gesso. (ABREU, 2014) ²³.

A restauração era o trabalho que Doralice começaria a fazer e deixaria um legado extenso, principalmente no Arquivo Público da Bahia, onde sua atuação serviu de exemplo para outras mulheres profissionais da conservação e restauração na Bahia.

Depois das especializações Corujeira publica a obra “Conserve e restaure seus documentos”, ainda como bibliotecária da Universidade Federal da Bahia e professora do Curso de Restauração do APEB, em 1963.

Nessas primeiras publicações técnicas, podemos mapear referências teóricas internacionais na formação das bases científicas da conservação e restauração de papel no Brasil. Nas obras de Corujeira, observa-se maior influência de autores europeus, visto que sua formação na área de conservação e restauração de papel é fruto de cursos

²¹O Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) é uma das mais importantes entidades arquivísticas do estado brasileiro da Bahia. Localizado no imponente Mosteiro da Baixa de Quintas, atual Arquivo Público em Salvador, o arquivo foi criado em 1890, tendo funcionado em outros locais até sua transferência, em definitivo, para o bairro de Quintas, em 1980, com endereço à Ladeira de Quintas.

²²Primeira restauradora de documentos gráficos no Arquivo Público do Estado da Bahia.

²³ ABREU, Janilda Ferreira de. *Doralice Corujeira*. Salvador, 25 ago. 2014. Entrevista a Renato Carvalho.

e estágios realizados na Biblioteca Nacional de Madrid e no *Instituto de Patologia Del Libro Alfonso Gallo* em Roma, Itália.

A formação em Biblioteconomia, conferia a Corujeira a percepção de que a documentação necessitava ser preservada, pois os fatores de degradação destruíam o material por ela catalogado. Em 1973, elaborou o anteprojeto para instalação de um Laboratório de Restauração na sede da Escola de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal da Bahia.

Professora Corujeira seguiu sua trajetória profissional ministrando diversos cursos na Bahia e consagrando-se dentro de um espaço masculino onde pouco se ouvia falar na profissional feminina, no âmbito da restauração. Em 1980, Corujeira ministrou o curso de Introdução à Conservação e Restauração de Documentos na Indústria Siderúrgica da Bahia, trabalho que foi coordenado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, em parceria com a Prefeitura Municipal de Salvador. Mais adiante em 1986, ministrou o Curso de Introdução a Conservação e Restauração de Documentos pela Secretaria de Administração da Bahia.

Nesse contexto, observa-se a preocupação das Instituições Públicas com a conservação da documentação:

Se a guarda e a conservação dos documentos é feita de um modo que dificulta o acesso ao seu conteúdo, os cidadãos estão sendo privados de seu direito à informação e também de outros direitos decorrentes do uso desses registros como prova documental, perdendo estes a sua utilidade.²⁴

Percebendo a importância da guarda e da preservação dos documentos, Corujeira elabora um projeto de Conservação e Restauração apresentado ao Cardeal Salles para a recuperação dos documentos do Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador em colaboração com a bibliotecária Adalgisa Moniz de Aragão.

Um projeto semelhante foi elaborado e apresentado pela professora Ana Maria Villar Leite, em conjunto com a Universidade Católica do Salvador e tendo o Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio Veiga Andrade como espaço para a então conservação e restauração do acervo

²⁴Conferência proferida pela Comissão Técnica Interdisciplinar para Gestão de Documentos da Justiça Federal. In: CONGRESSO DE ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA, 3, Brasília, 2002.

3.2 ANA MARIA VILLAR LEITE: DEDICAÇÃO E AMOR AO PAPEL

Entre as mulheres neste estudo destaca-se o pioneirismo de Ana Maria Villar Leite na área de restauração e conservação de suporte de papel. Villar descobriu sua vocação para as artes com apenas 14 anos quando era aluna de Raimundo Aguiar²⁵ na Escola Nossa Senhora Auxiliadora. Foi o professor Raimundo Aguiar que percebeu a aptidão da aluna e incentivou para que a mesma cursasse a Escola de Belas Artes, da Universidade Federal da Bahia.

Assim, iniciou seus estudos em pintura na Escola de Belas Artes da UFBA, diplomando-se em 1957 em pintura. Na Escola de Belas Artes Villar foi aluna do mestre Rescala, com quem aprendeu e foi incentivada para continuar na área, prosseguindo com diversas especializações, entre elas a Especialização em Bens Culturais da Escola de Belas Artes da UFBA da qual mais tarde seria professora.

Ana Maria foi aluna de Lindaura Corujeira em uma disciplina sobre restauração de papel na Bahia, em um curso de extensão na EBA-UFBA. A professora Lindaura defende a Conservação como forma de preservar os documentos evitando assim a restauração dos mesmos. Villar Leite ressalta que muitos dos documentos encontrados em Salvador – documentos de diversas instituições como APEB, Cúria Metropolitana e outros - já não mais tinham condições de serem conservados e solicitavam urgência de restauração.

Para conscientizar os alunos sobre a importância da conservação e restauração documental, Ana Maria Villar ministrou a disciplina Conservação na Escola de Biblioteconomia por dois semestres e, no ano de 1980, montava a sua empresa de restauração na Bahia a AM Restauro, em sociedade com seu filho, Álvaro Filho. Dentre importantes obras de arte restauradas pela professora Ana Maria Vilar estão obras das artistas plásticas Tomie Ohtake²⁶ e uma grande obra de Maria Polo²⁷, além das obras de Hansen²⁸, que também foi professor da Escola de Belas Artes.

²⁵ Professor de Artes da Pintura, da Escola Nossa Senhora Auxiliadora em Salvador.

²⁶ Tomie Ohtake é uma artista plástica japonesa naturalizada brasileira. Aos vinte e três anos de idade viajou ao Brasil, para visitar um irmão, mas não pode retornar devido a Segunda Guerra Mundial. É uma das principais representantes do abstracionismo informal. Sua obra abrange pintura, gravuras e esculturas. Foi premiada no Salão de Artes Modernas em 1960; e em 1988, foi condecorada com a Ordem do Rio Branco pela escultura pública comemorativa dos 80 anos da imigração japonesa, em São Paulo.

Em 1986 foi aprovado o plano de autoria da professora para a instalação do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da EBA, que foi aprovado pelo Conselho Universitário. Sobre o novo centro Ana Maria esclarece:

O novo centro tratava da realização de pesquisas no âmbito da conservação da obra de arte e documentos. O trabalho de conservação inclui estudos físico-químicos dos materiais usados na confecção das obras de arte e documentos.²⁹

Com a experiência adquirida na EBA, e a conquista da aposentadoria, em 1992, Villar inicia as instalações do seu próprio Laboratório de Conservação e Restauração AM Restauo. Devido ao grande número de trabalhos Villar Leite dedicava-se em tempo integral ao laboratório.

Ana Maria ao longo da sua trajetória construiu uma carreira consolidada na história da restauração e preservação do patrimônio cultural em Salvador. Cabe aqui citar algumas importantes restaurações feitas por Villar em 1995 e 1996. Catedral Basílica da cidade do Salvador/BA, restaurando o fôrro da Nave da Catedral e o fôrro da Sacristia da Catedral, Fôrro da Capela Mor da Ordem 3ª do Carmo da Cidade de Cachoeira/Bahia e o fôrro da Nave da Igreja de Nossa Senhora da Purificação da cidade de Santo Amaro/BA, Azulejos do Convento de São Francisco, Salvador/BA e a intervenção nos Elementos Artísticos na Igreja Nossa Senhora da Assunção na cidade de Anchieta, Espírito Santo, ilustrado nas páginas seguintes.

²⁷Mestre em Artes pela UNESP (2006), e Bacharel em Artes Plásticas pela UNESP (2003). Desenvolveu seu mestrado e iniciação científica como bolsista da FAPESP na área de história da arte com o foco em expografia e curadoria. Sua iniciação científica foi premiada como a melhor pesquisa da área de humanas da UNESP em 2002.

²⁸Em 1967, passou a ensinar artes gráficas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Em 1970, mudou-se para São Felix, no Recôncavo Baiano, onde morou até a sua morte, em 1978. Deixou, por testamento, suas obras para a Fundação Hansen Bahia, em Cachoeira. O artista fez ilustrações para obras suas e de Jorge Amado, Castro Alves, François Villon, Bertolt Brecht e outros. *Guia geográfico Bahia cachoeira*. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/cachoeira/hansen-bahia.htm>> . Acesso em: 12 maio 2014.

²⁹ *A Tarde*, Salvador, 10 abr. 1992.

Figura 1- Forro do teto da Catedral Basílica de Salvador, Bahia



Fonnte:

Na lista de referências colocar: SOBRENOME, Vicente. Fotodo teto da Catedral. Disponível em: <<http://iphanba.blogspot.com.br/2014/02/igreja-de-nossa-senhora-da-purificacao.html>>. Acesso em: dia mês ano.

Figura 2 - Igreja de Nossa Senhora da Purificação da cidade de Santo Amaro/BA



Fonte: Foto de Vicente; <http://iphanba.blogspot.com.br/2014/02/igreja-de-nossa-senhora-da-purificacao.html>

Figura 3- Convento de São Francisco



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Villar Leite

Figura 4- Azulejos do Convento de São Francisco



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Villar Leite

Sua paixão por papel foi aumentando ao perceber que a conservação e restauração na Bahia eram muito pouco trabalhadas, tanto no âmbito acadêmico quanto nos setores técnicos. Para Villar, o trabalho com papel exigiu muita dedicação e exclusividade. Sobre este trabalho, ela comenta:

Meu filho acha que quando eu trabalho em papel eu fico muito nervosa, por que eu fico nervosa? Porque o papel é frágil e se você errar você põe a perder completamente, tela você dá um jeito, papel você perdeu, perdeu. A tinta você tem que fazer teste, porque a restauração é uma ciência e isso eu aprendi muito com Rescala, muito mais em 80, eu tive química de restauro com um professor que era PHD em química e ele foi muito químico, pouco restaurador e mais químico. (Informação Verbal, 2014) ³⁰

³⁰ Depoimento fornecido a Renato Carvalho em 05.09.2014

Com a instalação do Laboratório AM Restauro, seu filho Álvaro passou a trabalhar com ela e, ao longo das diversas consultorias, foi adquirindo experiência e percebeu que o trabalho em papel era muito mais trabalhoso, necessitando de atenção, devido a fragilidade papel.

Outro trabalho que também merece destaque é o quadro de 2,48 x 1,30m representando “A última ceia” e realizado no século XVIII por um anônimo discípulo de José Teófilo de Jesus. O trabalho durou seis meses e foi realizado junto a sua equipe de cinco artistas plásticos, todos de nível superior. Muitos deles foram alunos de Ana Maria na Escola de Belas Artes da UFBA.

Figura 5 - A Última Ceia



Fonte: Arquivo particular de Ana Maria Villar Leite

Outro trabalho que merece destaque é a restauração de oito mapas dos séculos XVII e XVIII e duas litogravuras do século XIX, restauradas pela professora. As peças pertencem ao acervo artístico da Universidade e foram recuperadas pela especialista através do projeto de catalogação e restauração das obras de arte da Instituição.

Figura 6 - Recorte Jornal A Tarde



A Tarde, Salvador, 06 fev. 1972.

Recorte de jornal do arquivo particular da professora Ana Maria Villar Leite.

Entre muitos trabalhos realizados pela professora destacou-se a restauração do acervo documental da Ordem dos Advogados da Bahia. Dentre os profissionais que tiveram participação na montagem do projeto do memorial da OAB estão: Deraldo Barbosa Brandão, Antônio Theodoro do Nascimento Filho, Mário Raymundo Gomes Marques, Amâncio José de Souza Netto, Waldir Freitas Oliveira, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Carlos de Araújo de Oliveira, Luis de Pinho Pedreira da Silva, Cid Teixeira e coordenando essa equipe à professora Ana Maria Villar Leite, que dentre as obras restauradas está a coleção de Portinari³¹ e Di Cavalcanti³².

³¹Portinari pintou quase cinco mil obras de pequenos esboços e pinturas de proporções padrão, como O Lavrador de Café, até gigantescos murais, como os painéis Guerra e Paz, presenteados à sede da ONU em Nova Iorque em 1956,^[1] e que, em dezembro de 2010, graças aos esforços de seu filho, retornaram para exibição no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Portinari é considerado um dos artistas mais prestigiados do Brasil e foi o pintor brasileiro a alcançar maior projeção internacional.

³²Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, mais conhecido como Di Cavalcanti, foi um importante pintor, caricaturista e ilustrador brasileiro.

Figura 7 - Álbum dos antigos advogados da OAB, com fichas e fotos. Acervo OAB



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Villar Leite

Figura 8 – Equipe formada por profissionais da área como Renato Carvalho e alunos do curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Villar Leite

As imagens acima registra o trabalho de Villar Leite na OAB, com a equipe formada por profissionais da área e alunos do curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural, da Universidade Católica do Salvador, a exemplo da Figura 08, onde podemos identificar coordenando uma equipe formada por profissionais da área como Renato Carvalho e alunos do curso de História com Concentração em

Patrimônio Cultural, onde a professora lecionava a disciplina de conservação e restauração do patrimônio cultural.

Em 2000, a professora foi convidada pelos professores Afonso Florense e Venézia Dourado, então coordenadores do LEV- Laboratório Reitor Eugênio Veiga Andrade, para colaborar na montagem do projeto de instalação e adequação do então laboratório que é fonte de estudo deste trabalho no segundo capítulo.

Em 2001, a professora Ana Maria Villar Leite começou a lecionar no curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural da Universidade Católica do Salvador, quando passou a lecionar a disciplina Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural.

Liliane Freitas, sua aluna no curso de História com concentração em Patrimônio Cultural, relata que as aulas eram de extrema importância para a salvaguarda documental e que a professora Ana Maria Villar tinha muita dedicação e preocupação com a restauração. Ensinava os processos e técnicas de modo a não prejudicar a obra a ser restaurada. A aluna lembra que, durante os estágios, a professora encaminhava seus alunos para diversas áreas de restauração, fossem elas restauração em tela, em obras sacras ou em suporte de papel. Liliane estagiou na Fundação Clemente Mariani, coordenada por Renato Carvalho, então restaurador do acervo. Lá aprendeu o processo de restauração e encadernação de livros, atentando para a prática já estudada em sala de aula.

Francine Alves de Jesus, também aluna do curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural, teve a oportunidade de estagiar no Museu de Arte Sacra e lá ficou encantada com a prática utilizada pela professora Villar e a experiência em restauração. Atenta aos procedimentos e técnicas de restauração, Ana Maria se qualifica no Brasil. Em 2005, foi selecionada para o curso ministrado por Pedro Barbachano e Ana Beny diretores do Laboratório de restauro de papel: *Patologia y Restauracion Del Papel: Um Equipo Tecnico dedicado a salvar y Proteger EL Patrimonio Historico Documental y Bibliografico em soporte de papel y Pergaminho*, ministrado na Pinacoteca do Estado de São Paulo onde se especializou em restauração de obras de arte em suporte de papel. Sobre o curso e, em especial, sobre o diagnóstico, procedimentos técnicos que antecede as intervenções de restauro.

Ana Maria Villar construiu seu legado difundindo seus conhecimentos aos futuros restauradores na Bahia, assim contribuindo, ainda hoje para a preservação do patrimônio Cultural.

4 A PRESENÇA FEMININA NO ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA

A leitura sobre as mulheres e as relações entre os gêneros se firmam em espaços de transformações repensando novos paradigmas dentro do contexto social. As pesquisas sobre o gênero revelaram um grande esforço de renovação teórica que têm se mostrado um campo amplo de debates e tentativas de reconstruir experiências excluídas ou mesmo silenciadas ao longo da história, assim:

Além da contribuição propriamente científica, o estudo de outras histórias embasa projetos políticos que visam o resgate de variados sujeitos e atores, não mais abstratos e universais, e, conseqüentemente, das suas experiências e lutas, proporcionando assim, a construção de uma sociedade mais plural em identidades e cidadanias. (LEITE, 2005, p.23).

Nesse contexto, é preciso entender o processo de inserção das mulheres na área da conservação e restauração, para a partir de então analisar as profissionais do gênero feminino na Bahia a partir da década de 80 até os dias atuais. Porque estudar a década de 80? Porque as discussões e estudos sobre a Mulher, Gênero e Políticas Públicas desenvolveram mais intensamente nesta década, a partir da articulação do movimento feminista que funcionou como canal de pressão no território brasileiro para implementação de políticas que pudessem reverter os processos de desigualdades sociais que as mulheres têm sido submetidas ao longo da história desse país.

Evidenciar a dificuldade da escolarização dessas mulheres, a inexistência de notícias sobre as profissionais femininas pela imprensa e de espaços pedagógicos em profusão, como escolas, bibliotecas e livrarias, faz-se necessário para entender o retardamento de uma cultura participativa das mulheres em diversas áreas antes restritas aos homens.

Observa-se que essa estrutura patriarcal onde os ambientes profissionais eram dominados por homens seguiam uma tradição cultural e que as famílias faziam

questão de preservar, no sentido de manter aquela tradição, limitada ao conservadorismo moral. Para Leite (2005, p.44):

As faculdades do século XIX, de Direito, Medicina e Engenharia, instaladas em Recife, São Paulo e Bahia, além de restritas a determinados grupos sociais, se construíram muito mais em espaços de prestígios e preparação para a carreira dos filhos varões em cargos públicos no Império, do que em centros de formação profissional propriamente ditos. Prerrogativa do sexo masculino, os liceus secundários e os centros superiores concentraram a tarefa de formar as gerações de dirigentes da sociedade, de reproduzir os valores ideológicos dos grupos dominantes.

Apesar da citação acima fazer referência há um século distante desta pesquisa, é preciso analisá-la por conta dos resquícios que ainda hoje temos com relação ao contexto educacional direcionado as mulheres. Contexto este que os espaços reservados à mulher acabaram por ficarem dentro das próprias casas, com professoras ou preceptoras particulares contratadas pelas famílias de posse.

Na sociedade baiana, não era diferente, os pais preparavam suas filhas com o objetivo de realizar casamentos proveitosos em seu grupo de origem, reproduzindo assim, alianças matrimoniais coerentes para a estratégia familiar, onde se via na figura da mulher o casamento arranjado pelos pais e conseqüentemente a dona de casa, mãe e esposa. O máximo que se podia desenvolver nas meninas era o gosto pelas prendas domésticas; trabalhos de costura, bordado, confecção de objetos, artes decorativas e culinária. A leitura, a escrita e o estudo da música, da dança, fizeram parte de uma educação mais avançada para as moças. Pensar as questões de gênero nesse contexto é analisar também a questão das profissionais femininas:

O gênero como categoria analítica é um modo de se referir à organização social e às relações entre os sexos. Ampliar, portanto, a visão de homem e de mulher para estudar ambos de forma relacional, superando a idéia de esferas separadas por sexo, faz parte dos estudos de gênero que analisam as diferenças entre mulheres e homens no singular e no plural. A necessidade de aprofundar essas discussões hoje é premente, à medida que os vários movimentos sociais ressentem-se de canais de interlocução com os diversos setores da sociedade para estabelecer parcerias que possam ampliar os horizontes dos grupos, fortalecendo a luta das mulheres. (FERREIRA 1999, p.10).

Notadamente a subordinação das mulheres hoje é originária desse contexto conservador, a partir das desigualdades da educação ministrada entre os indivíduos do sexo masculino. Daí, percebemos uma injustiça da sociedade com relação à privação em algumas áreas profissionais que as mulheres perpassaram, mas está presente na história, entre elas a área da conservação e restauração de documentos. Repensar essas mulheres letradas e principalmente aquelas que ousaram extrapolar os limites da sociedade, é revelar memórias excluídas e silenciadas, segundo Leite (2005, p.100):

As mulheres que se deixaram revelar a partir das suas lembranças e dos seus escritos, pertenciam, grosso modo, a um grupo social caracterizado pelo lugar e função que ocupavam os seus pares na hierarquizada sociedade baiana, bem como pela riqueza material que desfrutavam.

Assim, era difícil para as mulheres extrapolar as regras impostas tanto pela família como pela sociedade e buscar novos caminhos profissionais que não fossem aqueles impostos por seus pais e pela própria sociedade, na perspectiva cultural dos valores, atitudes, hábitos e status compartilhados.

Discursos sobre a necessidade de manter as mulheres na ignorância circularam durante os séculos XIX, XX e só no século XXI as mudanças começaram a ocorrer. Esses discursos conservadores e patriarcais dificultavam a conquista dos direitos das mulheres a educação e a profissionalização. Acreditava-se que, quanto menos as mulheres soubessem, melhores esposas seriam. Tais discursos sobre as mulheres, sobre como elas deveriam se preparar para serem boas esposas e mães, implicava na convenção de que não havia, para isso, a necessidade de muitos estudos. (GRAUPE, 2007, p.1).

Em muitos casos o marido possuía boas condições financeiras, e a mulher não necessitava trabalhar, ter uma profissão para colaborar com o orçamento familiar. Ainda hoje, o marido é considerado por alguns como o responsável pelo sustento do lar. Enfim, tempos diferentes e discursos iguais sobre a mulher. Segundo Colling (2000, p. 49):

O discurso da inferioridade feminina estava tão arraigado na estrutura da vida das mulheres e dos homens que poucos o questionaram. A maioria das mulheres acomodavam-se na instituição familiar dominada pelos homens, que lhes garantiam subsistência, lhes ofereciam um companheiro para toda a vida e forneciam um sentimento de proteção frente ao cotidiano da vida.

Vivendo para seus maridos, esquecidas, esqueciam de pensar sobre si mesmas.

Nessa perspectiva a pesquisa analisa e evidencia a vida dessas mulheres que optaram pela profissão de conservadoras e restauradoras na Bahia, e muitas vezes conciliaram as atividades do lar e a profissão obtendo sucesso em suas vidas.

Aqui a pesquisa observou algumas mulheres dentro da perspectiva de profissionais da conservação e restauração, que se destacaram nos espaços onde se preservava a memória, através da documentação ali existente, o objetivo era resgatar a história da sociedade baiana.

É no Arquivo Público do Estado da Bahia que encontramos personagens jamais citadas pela história da conservação e restauração na Bahia. Mulheres de distintas identidades, famílias diversas, educação diferenciada e com o desejo de salvaguardar a memória histórica baiana.

4.1 BREVE HISTÓRICO DO ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA

Notoriamente reconhecido em âmbito nacional e internacional, como um dos mais importantes arquivos públicos estaduais do Brasil, o Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) custodia parte significativa da memória nacional. Documentos raros, manuscritos originais, produzidos na época do Brasil colonial, quando Salvador foi sede do Governo - Geraldo Estado do Brasil (1549-1763). “Trata-se de uma instituição centenária que, como os demais arquivos públicos, desde a sua criação em 1890, desempenha papel essencial para o estudo da sociedade brasileira e da soberania do Estado”. (MATOS; ROSADO 2012, p.12).

Fundado em 16 de janeiro de 1890, por Ato do então governador da Bahia, Manoel Victorino Pereira, funcionou em outros locais até sua transferência, em definitivo, para o bairro de Quintas, em 1980.

Foi transformado em fundação pública pela Lei 4.662 de 29 de abril de 1986, que o estruturou em quatro coordenadorias: Coordenação Operacional, Coordenação de Arquivos Intermediários, Coordenação de Arquivos Permanentes e Coordenação de Arquivos Municipais.

Diversos documentos tratam da história do Arquivo Público do Estado da Bahia, mas, Maria Tereza Navarro de Brito hoje atual diretora da APEB junto com Rita de Cassia Rosado escreveram um artigo intitulado: Institucionalização do Arquivo Público do Estado da Bahia: 1890-1990, onde descrevem os processos de criação e de institucionalização do Arquivo Público, a partir dos cinco regulamentos e regimentos que vigoraram no período de 1890, 1920, 1950, 1967 e 1984, destacando pontos considerados relevantes, entre eles o regimento de instalação do APEB:

O então governador do Estado da Bahia, Dr. Manoel Victorino Pereira, em 16 de janeiro do ano de 1890, no alvorecer da instalação do regime republicano no Brasil criou por meio de Ato, o atual Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Tinha como finalidade primeira “[...] recolherem-se, quanto antes, em certo e determinado lugar todos os papéis e documentos históricos, administrativos, judiciários, e legislativos deste Estado, disseminados nos diversos arquivos públicos das diferentes repartições [...]”. Desde então, o APEB passou a ser o ponto de referência, o guardião do patrimônio documental da Bahia. (MATO; ROSADO, 2012, p.2).

Ainda segundo Matos, o órgão em si foi extinto pela lei 8538 de 20 de dezembro de 2002 e suas atividades transferidas para a Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia,³³ à qual o Arquivo ficou subordinado na forma de Diretoria do Arquivo Público do Estado da Bahia.

A documentação colonial custodiada pelo Arquivo Público da Bahia (APEB), “[...] é sem dúvida um dos mais importantes conjuntos de informações sobre o período (...), tal importância advém da situação peculiar da Bahia nos quadros da administração colonial [...]” (CAMARGO, 1995, p.11). Isto se deve ao fato de reunir documentos produzidos por instituições não apenas da Capitania – e do Governo Provisório que antecedeu a criação da Província - mas, também, daqueles originários de sua condição de sede do Governo Geral do Estado até 1763, quando ocorreu a mudança da capital para o Rio de Janeiro. Sabendo da importância dessa documentação, a pesquisa prosseguiu analisando os modos de conservação e restauração que ali foram instalados.

³³A Fundação Pedro Calmon atua na produção e gestão de acervos documentais e bibliográficos que compõem a memória do Estado e da sociedade. Também trabalha na promoção e na difusão do livro, leitura e literatura, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural da Bahia e o pleno exercício da cidadania.

4.2 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA E SUAS PERSONAGENS FEMININAS

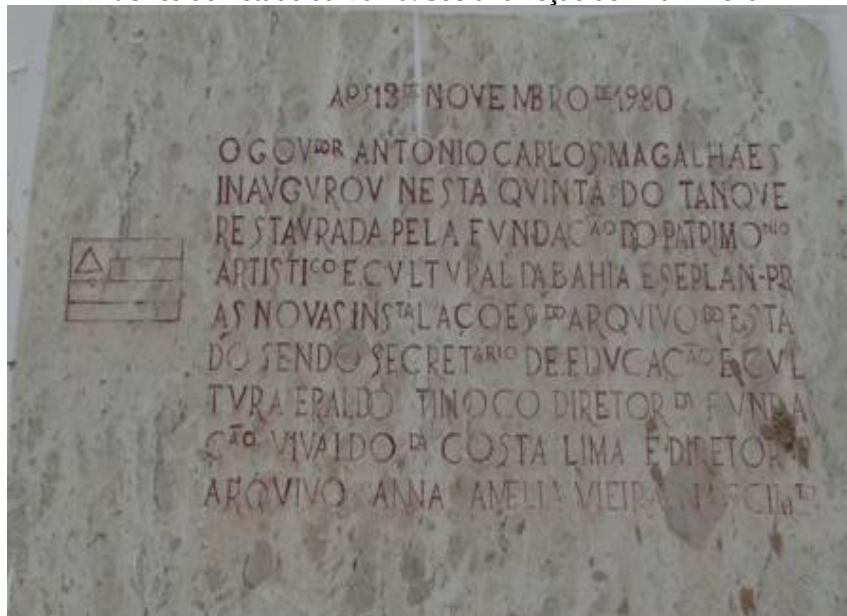
Ao analisarmos um pouco da história do APEB e no contexto deste trabalho sobre mulheres, percebeu-se que em 1987, encontrava-se na direção do Arquivo a professora Anna Amélia Vieira Nascimento, formada em licenciatura em história e geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela UFBA. Na Academia de Letras da Bahia, ocupava a cadeira que tinha como patrono Manuel Botelho de Almeida.

A frente da direção da instituição estava uma mulher administrando, o que essa observação contribuiu para uma análise sobre a estrutura e o posicionamento ao qual as mulheres vinham enfrentando nas diversas profissões na Bahia.

Ana Amélia enquanto diretora do APEB desenvolveu diversos trabalhos, faz-se necessário mencionar a sua contribuição no sentido de melhorias para a instituição, como o *Programa de Apoio e Assistência Técnica aos Municípios Baianos para Criar e Dinamizar os Arquivos Públicos Municipais*.

E foi ainda na gestão de Ana Amélia, em 1985 que é solicitado ao governo uma nova estruturação do Arquivo Público, atendendo as questões de guarda e conservação dos mesmos. Entre as diversas solicitações estão: conservação e preservação do acervo permanente através da limpeza, higienização e restauração de documentos.

Figura 9 - Placa de inauguração das novas instalações do Arquivo Público do Estado da Bahia. Sob a direção de Ana Amélia



Fonte: APEB, 2014

O APEB nesse momento é pensado por uma nova concepção de “Democratização dos Arquivos”, essa ideia partiu da Diretora do Arquivo Nacional, Celina do Amaral Peixoto Moreira Franco, entretanto o APEB já fazia esse trabalho com diversos pesquisadores.

Repensar o trabalho das mulheres profissionais do restauro na Bahia e em especial no Arquivo Público é o que se pretende quando é analisado o histórico do APEB. Ali encontramos personagens femininas de prestígio na sociedade baiana e outras que não fizeram parte da história.

Neste estudo serão apresentadas as personagens que marcaram a história da conservação e restauração na Bahia, entre elas Ana Amélia V. Nascimento, Doralice Amaral, Consuelo Pondé de Sena, Janilda Ferreira de Abreu, Marli Geralda, Maria Tereza Navarro de Brito.

4.3 DORALICE AMARAL: TRABALHO SOCIAL X PROFISSIONALISMO

Investigando esse trabalho feminino na área da conservação e restauração na Bahia e mais precisamente no Arquivo Público do Estado, encontramos uma

personagem importante para a história da conservação e restauração de documentos na Bahia: Doralice Amaral.

Mas quem é Doralice Amaral? Mais conhecida como Dora dividiu espaços com Lindaura Corujeira no trabalho de conservação e preservação de documentos na Bahia.

Ambas se dedicaram ao trabalho da conservação e restauração, mas com um grande diferencial: Corujeira trazia na bagagem a teoria acadêmica, as viagens internacionais e Doralice Amaral a experiência, a prática manual. Conhecida pelos quatro cantos do Arquivo Público, Doralice foi exemplo de profissional dedicada à conservação e preservação da memória histórica, registrada em suporte de papel.

A pesquisa evidenciou que Lindaura Corujeira compartilhou o conteúdo dos estudos teóricos sobre conservação e restauração para com o Arquivo Público do Estado da Bahia, através das suas aulas e demonstrações, mas não sabíamos até então que outra personagem teria destaque nesse restrito campo de restauro na Bahia. Mais uma profissional feminina do restauro era apresentada, Doralice Amaral.

Segundo Neuza Esteves,³⁴ ex-funcionária do APEB, Doralice Amaral e Lindaura Corujeira se conheceram no Arquivo, mulheres com diferentes educações e de famílias de origens distintas. Lindaura Corujeira pertencia a uma família letrada de intelectuais, cursou universidade, viajou diversas vezes para qualificar-se na sua profissão, acadêmica, carregava na sua bagagem ampla teoria sobre a conservação e restauração.

Doralice Amaral nascida em São Francisco do Conde- BA, de família humilde, religiosa e membro da Irmandade da Ordem Terceira Franciscana, Amaral foi contratada para trabalhar no APEB, para auxiliar no atendimento aos pesquisadores e se destacou pelo empenho e cuidado com os livros, sendo designada para realizar pequenos reparos nos documentos danificados.

Morando juntamente com outras religiosas entre elas Almerita Camelier, na Assistência Social São José Operário, à Rua da Formiga, bairro de São Caetano. Naquele espaço cheio de livros, papéis, era onde Doralice Amaral dedicava-se a tarefa

³⁴Funcionária do Arquivo Público do estado da Bahia. Entrevista concedida por Neuza Esteves. Entrevista 1 [DEZ.2010]. Entrevistador: Renato Carvalho. Salvador, 2015. 1 arquivo mp3 (38mim.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

de cuidar da memória e história, lá reunia jovens da comunidade onde realizava um trabalho social capacitando-os na área de encadernação de livros.

Ali chegavam livros velhos, feios, despedaçados e documentos de alto valor para serem recuperados. E ela carinhosamente cuidava de cada um deles. Estirava-os, acarinhava-os com suas mãos hábeis, lavava-os, colava-os com as técnicas próprias e... dias depois lá estava cada um deles novinhos em folha! Vinha para as suas mãos até imagens de santos para recuperação. Ela tinha uma habilidade especial em andar com papéis. (CAMELIER, 2004)³⁵

Ainda sobre Doralice Amaral, Almerita Camelier³⁶ pontua que a mesma ensinava aos seus alunos como deveriam cuidar dos papéis. Cadernos, folhas de canto, mensagens, passavam pelas suas mãos e eram decorados com letras lindas coloridas, brilhantes, em ouro e ornamentos próprios das técnicas da encadernação e restauração.

Doralice capacitava, jovens e adultos também para o exercício da profissão, e como chefe da seção de restauração executou diversas tarefas, entre elas:

- a) Restauração de documentos (diversos) e livros
- b) Encadernações de livros e documentos
- c) Lavagem de documentos (diversos)
- d) Confecção de pastas para a secção administrativa
- e) Restauração de folhetos (diversos)
- f) Corte de papéis e fichas
- g) Participação nas aulas do curso de PREMEN
- h) Orientação na restauração dos Arquivos da Santa Casa e da Cúria Arquiepiscopal.
- i) Biblioteca Central do Estado – Encadernação de livro em Braille.

³⁵CAMELIER, Almerita. *Mensagem de amor e saudade a Doralice Amaral*. Salvador, 14 ago. 2004.

³⁶ Religiosa na Assistência Social São José Operário, à Rua da Formiga, bairro de São Caetano.

Figura 10 - Doralice Amaral e sua equipe de jovens no restauro no APEB



Fonte: Foto cedida por Janilda Abreu

Não se sabe de fato onde Doralice Amaral aprendeu as técnicas de conservação e restauração, mas segundo Neuza Esteves, acredita-se que por ter passado boa parte da sua vida na Fraternidade Franciscana Secular do Convento São Francisco é possível que Doralice tenha aprendido as técnicas com os padres da Irmandade.

O Arquivo Público, segundo Neuza Esteves era a segunda casa de Doralice, lá seu nome ficou conhecido e hoje é lembrado com estima, tanto pelos funcionários que foram levados pela própria Doralice Amaral quanto por aqueles que já se encontravam no APEB e lá aprenderam as técnicas de restauro.

Mulheres com educação diferentes que juntas fizeram a história da conservação e restauração na Bahia. Lindaura Corujeira conhecida no meio acadêmico por sua obra e teoria e Doralice Amaral com sua vasta experiência na conservação e restauração de documentos. Estas mulheres não ficaram isoladas na vida doméstico/privada. Tiveram participação social:

A invisibilidade das mulheres se deve a que a ideologia das esferas as definiu como seres exclusivamente privados, negando assim sua capacidade de participar na vida pública, política, suas atividades são definidas como extraordinárias ou anormais e, por isso, alheias ao âmbito da política autêntica ou séria. A desvalorização das atividades da mulher (como fonte de mão-de-obra barata no mercado e de trabalho livre no lar) desvalorizou também a visão das mulheres como sujeitos históricos e como agentes de mudança. (SCOTT, 1992, p.48 - 49).

Sobre esses limites entre o público e o privado Nicholson (1992, p.153), argumenta:

Nas sociedades onde os limites do público e privado estão mais fortemente demarcadas, a opressão da mulher é mais acentuada. Essa diferenciação cultural entre o público e o privado nas distintas sociedades tem permitido que, em muitas delas, as mulheres exerçam atividades típicas da esfera pública, por exemplo, o exercício do poder político.

Nessa sociedade onde existia a opressão e muito poucas mulheres saíam do privado para o público, Doralice destacou-se pela sua capacidade profissional de restaurar e conservar documentos históricos. Segundo Neuza Esteves, Doralice foi quem iniciou toda a restauração e conservação no Arquivo Público e acredita-se também que a mesma foi pioneira na Bahia.

Antigamente se fazia restauração na base da goma arábica, mas Doralice já era envolvida com o Arquivo da Cúria, mas ela sempre fazia encadernação para a Biblioteca da Faculdade de Direito, não sei se ela trabalhou no Instituto Histórico... Mas era a pessoa que fazia todos esses trabalhos aqui na Bahia.(Informação Verbal)³⁷

Doralice dedicou-se por muitos anos a restauração no APEB e sozinha desenvolveu diversos trabalhos. Mesmo depois que se aposentou continuou dedicando-se ao trabalho com a conservação e restauração de documentos, na Associação São José, segundo Almerita Camelier.

Ela amava aquele trabalho e era uma atração para quem chegava e visitava o local. Ali o Frei Mariano, fundador daquela obra social, contemplava tudo aquilo e sentia que ali era o coração da A.S.S.J.! Quantos momentos de felicidade passávamos naquele local. (CAMELIER, 2004)³⁸.

E foi assim que Doralice seguiu sua carreira. Suas pálpebras sofreram um mal, teria sido atacada pela tuberculose talvez em função da atividade que ela tanto amava, mas recuperada voltou ao seu trabalho.

A inexistência de uma ação sistêmica ao longo da história do APEB determinou o lamentável estado de conservação em que se encontravam o referido acervo desta instituição, onde a ação do tempo e as deficientes condições de

³⁷ESTEVES, Neuza. Salvador, 25 de setembro de 2015. Entrevista concedida a Renato Carvalho.

³⁸ CAMELIER, Almerita. *Mensagem de amor e saudade a Doralice Amaral*. Salvador, 14 de agosto de 2004.

acomodação do Arquivo constituíram causas intrínsecas da destruição, corroboradas pela ação corrosivas da tinta (ferrogálica), pela baixa qualidade do papel, além da utilização de fitas adesivas para reparo, terminando por resultar em danos irreparáveis aos inúmeros documentos integrantes do acervo documental e bibliográfico do APEB.

No relatório de 26 de fevereiro de 1973 sob a direção de Ana Amélia é documentado:

Ao assumirmos a direção deste Arquivo, encontramos apenas uma funcionária especialista na restauração de documentos, a Sr.^a Doralice Amaral, que, evidentemente, não podia atender as nossas grandes necessidades. Para suprir tão grande deficiência, foram aceitos em 1971, como aprendizes de restauradores e encadernadores da Sr.^a Doralice Amaral, sem qualquer remuneração, mas com a promessa de futuro aproveitamento, as senhoritas Terezinha Neves da Cruz e Edinalva Maria Ferreira de Araujo, e o Sr. Antonio Tadeu Noronha Vinhático. Em junho de 1972, já com adiantada aprendizagem profissional, foram eles contratados por este Arquivo, dando bem maior celeridade à restauração e encadernação de manuscritos e impressos. (BAHIA, 1973).

Muitas foram às dificuldades encontradas por Doralice Amaral, mas a grande importância do acervo do APEB fez com que ela não desistisse do trabalho, e ainda assim quando encontrava dificuldades financeiras para o material da restauração, procurava fazer outras atividades no acervo do APEB, como a encadernação de livros:

Grande parte do acervo, especialmente o colonial e provincial com os mais antigos documentos judiciais, necessitam de cuidados de limpeza e restauração. A restauração é realizada através de processo de laminação manual, sendo usado para isso papel mino japonês fabricado no Brasil e comprado em São Paulo através da dispensa concebida por V. Exa. por não ser encontrado no comércio na Bahia, nem mesmo naquele Rio de Janeiro, o papel especial de restauração. Devido a esse fornecimento que é incerto, porque ligado diretamente a disponibilidade financeira é que em alguns períodos a restauração foi substituída pela encadernação de livros da biblioteca. (BAHIA, 1973).

Mesmo com os problemas enfrentados não só pela direção do APEB, como pela equipe de restauro, os trabalhos eram realizados, buscando conservar e restaurar a importante documentação que ali estava salvaguardada.

A preocupação da diretoria do Arquivo Público da Bahia em capacitar seus funcionários para o trabalho da restauração era constante, e contavam com dedicação

de Doralice para essa atividade, mas também buscaram qualificar seus profissionais em outras instituições:

Por duas vezes matriculamos funcionários do APEB ligados à restauração, em cursos de métodos de restauração e conservação dos documentos, ministrados por uma técnica da Fundação Casa de Rui Barbosa do Rio de Janeiro e outra especialista ligada ao Ministério dos documentos e livros de Bibliotecas e Arquivos. As técnicas em questão conheceram o trabalho dos nossos restauradores e aprovaram plenamente os métodos aqui utilizados, sendo que os restauradores também aproveitaram dos ensinamentos ministrados, aperfeiçoando o trabalho. (BAHIA, 1973).

A importância do APEB para o Estado da Bahia era sem dúvida a memória histórica do Estado e para tanto a sua conservação e restauração também eram primordiais para a manutenção do acervo, por isso os projetos de restauro daquela documentação ali existente deveriam ter prioridade:

Como não podíamos deixar de frisar, o setor de restauro tem contribuído bastante para a conservação do nosso acervo. É uma pena que o número de funcionários desse setor seja insuficiente para a quantidade de documentos que se encontra em fase de deterioração, necessitando de assistência técnicas e científica. O número de funcionários deste setor, embora sendo insuficiente é entretanto portador de grande prática nas técnicas de restauração, sendo muito experiente nesses trabalhos a especialização e experiência não são adquiridos em pouco tempo. (BAHIA, 1973).

Nessa perspectiva, Doralice Amaral convidou uma das meninas do grupo jovem, amantes do evangelho, que se destacava e gostava do trabalho de restauro na Assistência Social São José, Janilda Ferreira de Abreu³⁹, esta foi convidada para aprender a fazer reparos e algumas intervenções de restauro nos livros que Doralice recebia de instituições e colecionadores particulares para restaurar e encadernar, segundo Janilda tudo era feito artesanalmente, já que nenhum tipo de equipamento e até os materiais utilizados nos reparos eram difíceis de encontrar na Bahia.

Em 1981, Janilda Ferreira foi convidada por Doralice para trabalhar no APEB como auxiliar de restauro juntamente com outros jovens, haja vista a necessidade de mais profissionais auxiliares no Laboratório ali instalado, por conta da grande demanda de ações de restauro de livros e documentos.

³⁹Janilda Ferreira de Abreu, restauradora de documentos em suporte de papel, chefe do laboratório rio de restauro do Arquivo Público da Bahia.

A partir de então, Janilda Ferreira passa a integrar a equipe de restauração daquele espaço construído na direção de Ana Amélia e que foi crescendo devido à grande demanda de livros e documentos que por conta da ação do tempo acabavam necessitando da conservação e restauração.

Ana Amélia decidiu ausentar-se da Direção do APEB, e em 1987 assume a referida Direção Consuelo Ponde de Sena, nascida em Salvador, no dia 19 de janeiro de 1934, filha do médico Edístio Pondé e de Maria Carolina Montanha Pondé. Consuelo Pondé buscou caminhos diferentes e através das ciências humanas no curso de história desenvolveu projetos voltados para a conservação da memória histórica na Bahia. Não poderia deixar de descrever um pouco da biografia dessa mulher que por caminhos diferentes dos seus pais decidiu pelas ciências humanas, evidenciando um diferente perfil da mulher na sociedade baiana desse período.

Durante a sua longa carreira profissional Consuelo Pondé, exerceu diversas funções administrativas. Chefe do Departamento de Antropologia e Etnografia na FFCH da Universidade Federal da Bahia. Em 1974, foi nomeada Diretora do Centro de Estudos Baianos da UFBA, sendo reconduzida a função em 1970 e 1980. Concluindo o mandato foi designada pelo reitor Germano Tabacof, em 1983 para responder pelo expediente do órgão. Em 1974 foi nomeada vice-diretora do referido Centro de Estudos da UFBA. Um dos maiores desafios enfrentados por Consuelo foi dirigir o Arquivo Público do Estado da Bahia, em 1987.

Em 1982, Consuelo passa a assumir a Diretoria do Instituto Geográfico da Bahia (IGHB), exercendo na oportunidade a função de diretora até 1983. A partir de 1996 foi eleita presidente do Instituto, função que exerceu até 2003, sendo reeleita em 1998, 2000 e 2003.

Ao analisarmos o papel da mulher dentro dos estudos de gênero e mais especificamente as mulheres restauradoras, percebe-se o quão estas personagens foram contribuíram para quebrar paradigmas até então impostos pela sociedade machista e patriarcal onde determinavam que o lugar da mulher era o lugar da subordinação ao homem:

Historicamente, as mulheres têm apontado caminhos que, vistos a partir de novos olhares, têm apresentado novas formas de convivência humana que rompem com modelos tradicionalmente

vivenciados e que demonstram na prática serem nocivos a uma vida saudável. (FERREIRA, 1999, p.6).

É nessa década de 80 que alguns autores^{40,41} destacam que o ingresso acentuado das esposas no mercado de trabalho faz parte das estratégias das famílias brasileiras que, empobrecidas pelas sucessivas crises econômicas, mobilizam mais membros do grupo na busca de rendimentos complementares ao do marido, o do chefe de família. Contudo, segundo dados publicados pelo IBGE, a ampliação da atividade econômica das esposas não é provocada apenas pela pobreza, mas é mais elevada nos níveis mais altos de renda, sobretudo na zona urbana.

No que dizem respeito à educação das trabalhadoras, os dados confirmam, para os anos 80, a intensa associação entre escolaridade e participação das mulheres no mercado de trabalho. As mais instruídas eram as que mais trabalhavam fora de casa, porque podiam ter atividades mais gratificantes ou bem remuneradas, que os gastos com a infraestrutura doméstica necessária para suprir sua saída do lar.

No decorrer desta pesquisa percebeu-se a presença de outras mulheres que não poderiam passar despercebidas ao tratarmos das questões de gênero, haja vista o embate social e as conquistas que foram ao longo da trajetória de vida dessas mulheres tornando-se exemplo para tantas outras mulheres que decidiram enfrentar famílias e a própria sociedade em busca dos seus sonhos.

E não foi diferente com Consuelo Pondé, na direção do Arquivo Público da Bahia Pondé enfrentou diversos problemas, entre eles questões financeiras, mas com uma excelente administração conseguiu colaborar com a manutenção daquele acervo. Sobre a direção de Pondé muitos problemas foram enfrentados, o principal era a falta de recursos:

É sem dúvida uma constante nos relatórios anuais do Arquivo do Estado da Bahia essa cruciante questão – falta de verbas. Uma outra surge como necessidade permanente- precisamos de agente de portaria que façam o serviço de limpeza do prédio e dos jardins da Quinta do Tanque. Esses trabalhos são sem dúvida urgente e não contamos com agente de portaria, dos quais morreram dois, um

⁴⁰ OLIVEIRA, Zuleical. C. Crisis, situación familiar y trabajo urbano In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mujer y crias Venezuela*: Nueva Sociedad/Dawn Mudar, 1990. p 55-74.

⁴¹ JATOBÁ, Jorge. A Família na força de trabalho. Brasil Metropolitano, 1978-1986. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS ABEP, 7, v.2. Salvador.

afastado por motivos de saúde, outros transferidos causando grande defasagem no serviço. (BAHIA, 1987).

Em meio a tantos problemas Consuelo Pondé, dirigia brilhantemente essa grande Instituição da salvaguarda da memória baiana e brasileira. No período onde as mulheres brigavam por espaços, destacava-se Consuelo Pondé na administração do Arquivo Público da Bahia.

A cada ano, devido à inflação, tornam-se diminutas as verbas, sendo quase impossível ajustar a receita e a despesa. Parece-nos ser mal compreendida a nobre tarefa de preservar a memória através dos seus papéis documentais. Prosseguir nessa missão de proteger os documentos, divulgá-los dar a estes a projeção e importância na medida de sua real estruturação orgânica da sociedade, tem sido uma tarefa desafiadora, ingrata, que enfrentamos cotidianamente com verdadeira coragem de ânimo, espírito e esperança a qual não nos abandonara. (BAHIA, 1987).

Assim, seguia na direção do APEB, Consuelo Pondé de Sena. Um dos projetos elaborados durante a sua gestão foi à criação do grupo de pesquisa que também fizeram parte algumas mulheres: Maria Ângela Duarte Pereira, Rosalya Vicente Pereira, Maria Celeste Nunes da Cunha, Raimunda Vicente Borges, Sônia Alves de Santana, Marlene Pereira Machado, Noelia Rabello de Matos.

Foi também nessa gestão que a documentação histórica passou por uma fase de reorganização definitiva em sua classificação, acessório de arquivamento. Foram concluídos os trabalhos referentes à classificação e catalogação do acervo documental.

Neste período também foi elaborado, o guia da seção. Sua organização foi baseada na divisão da documentação em períodos relacionados com as histórias do Brasil colônia e Reino, período Brasil independência, período Brasil 1º e 2º Império. Percebe-se o quão é importante o trabalho realizado dentro do Arquivo e como esta documentação é valiosa para o estudo da memória, da história da sociedade baiana e brasileira.

É também em 1987, que Doralice Amaral se aposenta, deixando um legado histórico de capacitação e qualificação de jovens para assumir então as tarefas que por longo período as fez sozinha. Em 1987, sob a então direção do APEB, Consuelo Pondé convidou Janilda Ferreira de Abreu para assumir a chefia da sessão de Restauração. Mais uma vez assume a direção daquela repartição uma mulher, uma profissional da conservação e restauração na Bahia.

Janilda Ferreira Abreu organiza a sua equipe e dá continuidade ao trabalho de Doralice Amaral com as seguintes funcionárias: Rita de Cássia dos Santos Pinheiro, Terezinha Neves da Cruz e Jaciara da Cruz.

Sobre o projeto de reequipamento do Laboratório de Restauração de Documentos do Arquivo Público do Estado da Bahia:

É imprescindível que se reequipe o já existente laboratório de Restauração objetivando salvaguardar de forma integral, através das ações curativas e preventivas os seus documentos. O laboratório da APEB possui deficiências de espaço físico e de equipamentos, não permitindo a ampliação destes trabalhos, tendo em vista o grande volume de documentos que exigem o tratamento imediato. (BAHIA, maio 1987).

Os anos se passaram, novas demandas, a ação do tempo e a grande quantidade de documentos em péssimo estado de conservação contribuíram para que surgisse a necessidade de novos equipamentos para o laboratório de conservação e restauração do Arquivo do Estado da Bahia.

Em decorrência disso surge a necessidade de espaço para conservação do acervo o Laboratório de Conservação e Restauração do APEB ganhou um novo olhar e uma nova infraestrutura.

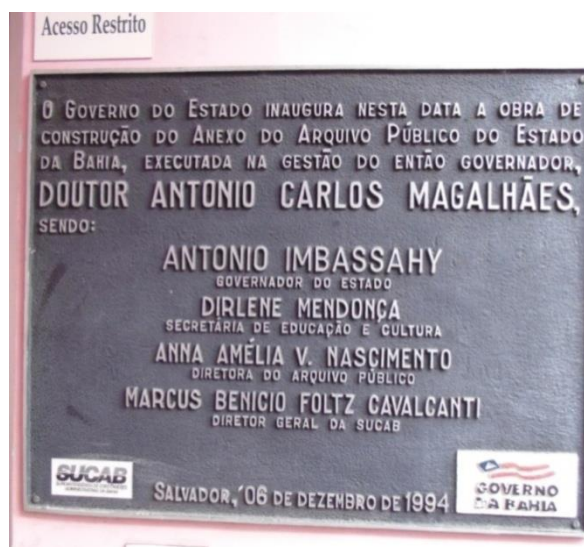
Diante do diagnóstico de péssimo estado dos documentos foi elaborado o projeto da instalação do Laboratório de Restauração de Documentos do APEB, como forma de solucionar o problema de deterioração dos documentos, utilizadas adequadas formas de consolidação e proteção através de técnicas de restauração. Com isso o APEB assumia a vanguarda do processo de conservação profilática através do combate aos agentes físicos de degradação, químicos e biológicos e do uso de microfilme da digitalização do acervo para maior proteção quando do uso dos documentos como suporte dos processos de preservação e difusão seletiva da informação.

A instalação do laboratório foi criada com o propósito de preservar a memória histórica do acervo compostos por documentos raros, existentes no Arquivo, comprovando a dificuldade de acesso dos pesquisadores em relação à documentação. Nesse contexto de preservação e restauração que se pensou na ampliação e treinamento da equipe técnica existente no APEB, e de outras pessoas que integrassem

a equipe. Não foi um trabalho fácil, haja vista o grande volume de documentos a serem restaurados e a deficiência de espaço físico.

Abaixo a placa da inauguração da reestruturação do Laboratório de conservação e restauração.

Figura 11 - Placa de Inauguração do anexo onde funciona hoje o Laboratório de Conservação e Restauração



Fonte: APEB

Entre as diversas tarefas a serem executadas com a instalação do Laboratório estavam:

- a) Avaliar o grau de deterioração do papel e o tipo de tratamento efetuado;
- b) Encaminhar o documento ao setor específica de tratamento;
- c) Utilizar o processo de imunização adequado ao documento;
- d) Fazer nebulização com soluções alcoólicas à razão de 5.0 por metro cúbico.

Em fins da década de 1990 e ao longo da década de 2000, em todo o Brasil, o desenvolvimento de projetos pontuais de preservação de acervos em papel caracterizou-se, também, por práticas sociais inclusivas ampliando o perfil dos agentes sociais que se integram na tarefa preservacionista. Como visto ao longo da pesquisa,

as atividades de conservação e restauro eram desempenhadas de modo restrito pelos profissionais especializados.

A partir da década de 2000 se detecta o alargamento das estratégias de qualificação profissional por meio da oferta de oportunidades em capacitação profissional e de inserção no mercado de trabalho. Na perspectiva da educação patrimonial, a preservação de documentos torna-se então instância socializadora de múltiplas relações sociais.

Nesse contexto e já com o laboratório de conservação e restauração inaugurado, Ana Amélia retorna e assume a direção do APEB, trazendo na sua bagagem experiências de viagens e alguns materiais recém lançados no mercado para a área de restauração. Essa parceria resultou no laboratório altamente equipado nos moldes em que hoje se encontra, com equipamentos modernos e materiais adequados para a área de restauro, de documentos em suporte de papel.

O APEB também busca a capacitação e qualificação dos seus funcionários a fim de obter um bom desempenho no comando dos equipamentos recém-chegados. Assim em 1995 Janilda Ferreira participa de uma especialização no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, onde qualifica-se para atuar com novas técnicas como a reenfribragem na máquina obturadora de papel, encadernação e o uso dos novos equipamentos como mesa de higienização e mesa de sucção.

A elaboração e implementação de programas de procedimentos em restauro, daquilo que se faça necessário dentro do acervo, teria respaldo em pesquisas desenvolvidas promovendo o controle de agentes de deterioração e melhorando as condições de conservação, afinal, o trabalho de conservação, bem como a elaboração de diagnósticos periódicos sobre o estado de conservação do acervo teria embasamento e abrangência bem maiores, em consonância com as ações de natureza técnica e administrativa.

Um dos objetivos do APEB é produzir e absorver assuntos relacionados às ciências envolvidas na conservação e no restauro com vistas a oferecer à cidade instrumento capaz de incentivar o papel de pólo irradiador desses assuntos, assegurando as melhores condições para o seu funcionamento, divulgação, preservação e acesso ao acervo sob sua guarda, trazendo um resultado positivo aos

cidadãos que, por quaisquer motivos, se utilizam dos serviços prestados pelas instituições.

Abaixo seguem as imagens do Laboratório e os seus equipamentos, destacando-se a presença feminina. A implantação de um laboratório de restauro aumentaria a atuação do Arquivo Público do Estado da Bahia, como espaço de pesquisa e preservação documental. Ampliando as ações no campo da conservação e do restauro, da preservação dos acervos em papel e suportes afins, em diferentes territórios com a sistematização de seus métodos e consolidação de sua capacidade educativa e mobilizadora para a promoção da cultura e da cidadania. Trata-se de idéia inovadora e, ao mesmo tempo implementável, proveniente de conhecimento próprio e experiências adquiridas no exercício desta função por muitos anos em outras instituições.

Figura 12- Laboratório de conservação e restauração do Arquivo Público da Bahia



Autor: Renato Carvalho

Figura 13- Laboratório de conservação e restauração do Arquivo Público da Bahia



Autor: Renato Carvalho

As práticas qualificadas e inovadoras valorizaram não só o serviço público, mas também as pessoas que por ele são responsáveis. Beneficiaram os próprios servidores, a população de modo geral e o Estado, já que esta poderá contar com serviços específicos de qualidade e ampliar suas ações e conhecimentos no campo da conservação e restauro, bem como, sistematizar seus métodos e processos.

A reestruturação do laboratório de restauro de papel e materiais afins no Arquivo Público do Estado da Bahia, trouxe como consequência direta o desenvolvimento de pesquisas na área de conservação e restauro, portanto, afetou primeiramente os funcionários envolvidos nesta atividade, e aqui cabe ressaltar que a equipe era formada por mulheres, ao mesmo tempo em que abriu a oportunidade para estagiários e outros pesquisadores, voluntários ou remunerados ampliando as ações através da gestão e desenvolvimento de pessoas.

Além de enriquecer a formação de técnicos na área de conservação e restauro de papéis, que por ventura tenham feito estágios no APEB, através de reflexões e discussões do que pode ser observado nos locais de tratamento dos acervos. Possibilitou também demonstrar os conhecimentos práticos e teóricos que permitiram o entendimento e o exercício ético de técnicas para a conservação e acesso de obras sobre papel e materiais afins e desenvolver a concepção de conservação de bens culturais e compreender as dimensões técnicas e críticas do trabalho em conservação e restauro.

Contudo, a importância da história do Arquivo e suas personagens femininas nos trazem um novo olhar sobre as questões de gênero, a história e, sobretudo a importância da preservação da memória da sociedade baiana através da sua documentação. Além disso, é possível perceber que esse trabalho teve continuidade e hoje se encontra sob a direção também de uma mulher.

Marli Geralda, foi diretora do Arquivo Público no período de 2003 a 2006, entre os diversos projetos executados pela diretora está à preservação da memória e do patrimônio. Nesse período ocorreu a continuidade da limpeza e classificação dos documentos, além da conservação e restauração das obras de arte do Arquivo representadas das obras de arte do Arquivo representadas por pinturas, gravuras e esculturas.

Foi proposto na gestão da diretora melhorias dos espaços, equipamentos e instalações. Diversos livros foram encadernados, restaurados e gravados mostrando a preocupação da conservação e restauração durante esta gestão. Entre as obras restauradas está a documentação referente à história da Bahia, entre eles:

- a) A província da Bahia -1875
- b) Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia de 1950 a 1951
- c) Consolidação das Leis do processo civil, criminal e comercial do Estado da Bahia, vol. I- 1900
- d) V. Do anuário estáticos de 1930;
- e) Câmara dos deputados nº 224 de 1882.⁴²

Sob a direção de Maria Tereza Navarro de Brito, Graduada em História (1988) e especialista em Arquivologia (1991) pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Université de Montréal (1996), doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004).

Maria Tereza enfrenta também alguns problemas assim como as mulheres que antecederam a sua gestão: as instalações do Arquivo Público da Bahia, não tem capacidade de armazenar mais documentos. No local, são preservados documentos com valor histórico ou que já perderam o valor de natureza administrativa e se

⁴² Relatório 2003 – Fundação Pedro Calmon- Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia.

conservam em razão do seu valor documental. Para não se perder os documentos mais importantes, uma seleção do que entra no APEB começou a ser feita em 2010.⁴³

Entre os diversos programas que o Arquivo projetou está o programa intitulado Programa Memória do Mundo da UNESCO – MOW [*Memory of the World Program*] este programa entende que o patrimônio documental mundial pertence a todos. Portanto, deve ser plenamente preservado e protegido, com o devido respeito aos hábitos e às práticas culturais de cada sociedade, acessível a todos de maneira permanente e sem obstáculos. Reconhece os patrimônios documentais de significância internacional, regional e nacional; mantém o seu registro e lhes confere um certificado, que os identifica.

A preservação e o acesso ao patrimônio cultural são uma das maiores preocupações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Assim, em 1992 foi criado o Programa “Memória do Mundo”, reconhecendo a importância de registrar e preservar o patrimônio documental internacional, regional e nacional. Esta iniciativa surgiu, originalmente, da tomada de consciência do lamentável estado de conservação em que se encontrava o patrimônio documental da humanidade, em decorrência da dispersão, do saque, do comércio ilícito, do armazenamento, além do acesso deficiente à memória em diferentes países (UNESCO, 2002, p. 10).

A nomeação de Memória do Mundo é um título de honra e de merecimento, facilitador na concretização de parcerias e financiamentos, junto a órgãos/empresas de natureza pública e/ou privada. Desta forma se intensificará a política de preservação preventiva implantada no âmbito do APEB, beneficiando dois conjuntos documentais custodiados pelo APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia / FPC – Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura – Secult, que galgaram o Diploma de *Memória do Mundo*, nomeação concedida pelo Comitê Nacional do Brasil do Programa *Memória do Mundo da Unesco (MOW Brasil): Tribunal da Relação do Estado do Brasil e da Bahia 1652 – 1822 (Edital 2008)* e *Registro de Entrada de Passageiros no Porto de Salvador 1855 – 1964 (Edital 2010)*.

⁴³. Disponível em: <<https://paracatumemoria.wordpress.com/tag/maria-tereza-navarro-de-brito/>>. Acesso: 25 fev. 2015.

O Programa facilitou também a preservação e o acesso a este Patrimônio, sem discriminação, além de trabalhar para despertar a consciência coletiva do patrimônio documental da Humanidade. Isto porque reconhece que o patrimônio documental de numerosos povos tem se dispersado devido ao deslocamento acidental ou deliberado de fundos arquivísticos e de coleções, aos “estragos das guerras” ou a outras circunstâncias históricas. Às vezes, obstáculos práticos ou políticos dificultam o acesso a ele, enquanto, em outros casos, deterioração ou destruição são a ameaça.

A importância em se preservar a documentação do APEB constituiu e constitui preocupação das mulheres que aqui neste trabalho apresento que são grandes profissionais da conservação e restauração na Bahia.

Figura 14 - Documentação referente ao Setor Jurídico – APEB



Fonte: APEB

Figura 15 Fachada do Arquivo Público do Estado da Bahia



Autor: Renato Carvalho

5 LABORATÓRIO DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO REITOR EUGÊNIO VEIGA ANDRADE E SUAS PERSONAGENS FEMININAS

Deve-se pensar e reconhecer o protagonismo feminino na construção da diversidade cultural brasileira, na medida em que a história não revelou essas personagens e que hoje temos a oportunidade de trazê-las para os estudos acadêmicos.

A diversidade cultural não está somente em documentos e relatos heróicos de algumas personalidades. Na construção da cultura brasileira, a participação das mulheres é uma nuance muitas vezes, não percebida ou legitimada. Contudo o reconhecimento de que o patrimônio pode estar contido no modo de se produzir a história, ou mesmo salvaguardando a memória, são práticas de preservação da cultura e da identidade brasileira.

Neste capítulo trazemos uma discussão que engloba tanto as questões de restauração com a instalação do Laboratório de Restauração e conservação Reitor Eugênio Veiga Andrade como a história das personagens que fizeram parte dessa construção social, econômica e cultural.

Começamos pelo ponto de partida, evidenciando um pouco da trajetória da responsável pelo projeto de instalação do Laboratório, Vénétia Braga Durando Rios é também protagonista da nossa pesquisa. Formadora de opiniões e também responsável pela instalação do Laboratório de Conservação e Restauração – LEV.

Professora do curso de História com concentração em Patrimônio Cultural, Rios lecionou a disciplina História, Memória e Patrimônio Cultural, no curso de história com concentração em Patrimônio Cultural – UCSAL, no período de 2000 a 2010. Sabe-se que um dos maiores desafios encontrados pelo professor da atualidade é demonstrar ao aluno o quanto a disciplina com a qual trabalha é essencial para sua formação tanto pessoal quanto profissional. Mas Vénétia trabalhou não só na sala de aula, como também com pesquisas de campo e outros trabalhos foram surgindo ao longo do ensino da disciplina como relata a historiadora, estudante do curso, aluna da professora e também estagiaria do LEV, Liliane Freitas⁴⁴:

⁴⁴ Graduanda em História com concentração em Patrimônio Cultural pela Universidade Católica do Salvador.

Fui aluna da professora Venétia no 2º semestre do curso de História com concentração em Patrimônio Cultural, fui reprovada na disciplina, a professora era exigente, mas sabia que aquela exigência era a responsabilidade em passar o conteúdo de forma a capacitar os alunos para a gestão do Patrimônio Cultural. Muitas vezes percebia que para além do profissionalismo existia o amor em estudar os sujeitos históricos e preservar a memória contida nas entrelinhas das histórias, era isso que a professora Venétia sempre fazia. FREITAS, Liliane, 2014)

Segundo Liliane a professora Venétia contribuiu de formas infinitas para a capacitação dos alunos e durante a sua disciplina foi ensinado à importância da valorização do patrimônio cultural, enquanto memória, história e identidade. Explicava sobre as questões pertinentes à profissionalização da mulher, como eram colocadas pela professora com relação ao campo da preservação documental. “Venétia sabia das dificuldades que encontraríamos pela frente, mas nunca nos desestimulou, pelo contrário sempre colocava sua história como exemplo de perseverança e das lutas de outras mulheres como exemplo para suas alunas.”

Pensar a história implica responsabilidade e cautela ao abordar memórias. Para o historiador Marc Bloch, limitar a história ao conhecimento e deslocamento ao passado não explica a complexidade contida na abordagem das mudanças proferidas pelo homem, ou pelos homens, no tempo ou nos períodos, para ele o passado deve ser abordado de outra maneira, valorizando outros elementos que compõe a história. “O homem é um personagem histórico que não é imutável e sim dinâmico em seu tempo. A história positivista não considera relevante o contexto histórico inserido em diferentes personagens e representações do fato e sim numa única versão ou única verdade.” (BLOCH, 2001, p. 123).

Segundo Liliane Freitas era através do autor referido acima que a professora Venétia despertava o olhar para a preservação documental nos seus alunos, alguns deles futuros restauradores e preservadores da memória histórica. Segundo Francine de Jesus⁴⁵, também aluna e hoje historiadora “a professora Venétia Rios lecionava de forma a fazer o aluno se apaixonar pela memória histórica e preservar a mesma”. Francine também fala um pouco sobre a profissão de restauradora e o mercado de trabalho:

⁴⁵ Graduada em História com concentração em Patrimônio Cultural.

Fui aluna da professora Venétia no 2º semestre na disciplina história, memória e patrimônio, foi lá que aprendi o real sentido de se preservar os documentos históricos, lembro-me que a professora Venetia discutia sobre os sujeitos históricos e em especial sobre a história das mulheres, muito atenta aos problemas enfrentados e as lutas diárias nos recomendar estudar, e sempre dizia que quanto mais conhecêssemos sobre a nossa história melhor poderíamos lidar com ela. (JESUS, Francine, 2015. Informação Verbal).

Assim, neste capítulo trago novos personagens e novas histórias, aqui não quero me afastar da restauração de documentos, como trarei mais adiante sobre a instalação do Laboratório de conservação- LEV, mas continuo a refletir sobre as mulheres e a preservação desses documentos através de iniciativas de cursos como o da Universidade Católica do Salvador e de seus docentes em especial o público feminino.

5.1 CURSO DE HISTÓRIA COM HABILITAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Estabelecer vínculos afetivos é de grande relevância para uma sociedade, preservar memórias põe em evidência sua identidade como também sua herança, seja política ou cultural. A preservação documental, a salvaguarda não só uma história, mas muitas vezes a memória que por algum motivo foi silenciada.

Repensar o passado, refletir sobre as ações que ocorreram, é estar sempre ligado a uma história, pois a sociedade é feita de acontecimentos que marcam seu tempo como também o interesse individual. Assim estabelecer uma relação entre o passado e o presente é fundamental para repensar a identidade.

O conceito de identidade está muito próximo as questões de salvaguarda da memória. Com o surgimento da tecnologia põem-se de lado os valores produzidos de forma rústica e representativa, como é o caso dos documentos históricos. Por tanto a preservação e restauração viabilizam aos sujeitos construir suas identidades.

Pioneiro no Brasil na área, o curso de graduação em História com habilitação em Patrimônio Cultural da UCSAL objetivou capacitar profissionais críticos e competentes voltados às questões do patrimônio para, em conjunto com outros profissionais, promover gestões coerentes e pertinentes ao patrimônio herdado e ao

que está por se construir no cotidiano social. O curso também propiciou a formação de profissionais para a pesquisa, magistério do Ensino Fundamental e Médio, consultoria, assessoria e gestão em atividades relacionadas ao ofício do historiador e ao patrimônio artístico, ambiental, histórico e cultural. E para a pesquisa, o curso buscou capacitar profissionais para a prática da conservação, preservação e restauração de bens materiais e imateriais.

Segundo Liliane Freitas, dentro da relação patrimônio/cidadania, o curso buscou construir diálogos entre os processos históricos, as comunidades e o patrimônio que se preserva e se constrói, procurando entendê-los sempre como desdobramentos da vida em sociedade, em sua diversidade e multiplicidade de práticas sociais.

Muito interessante hoje é pensar na preservação da memória histórica e sem dúvidas é o momento de construir um novo currículo escolar, que rompa com a tendência que separa a história, de maneira estanque, em passado e presente, negando o presente enquanto construção, que se liberte das tradições que definem o estudo do “passado morto, separado do presente, de forma que a história de um período ou acontecimento torne-se inteligível para a sociedade, quando já é definitivamente passado”. (SELVA, 1993, p.123).

Sabe-se que o profissional, em qualquer área, existe pela forma como produz e não necessariamente pelo resultado da sua produção. O historiador, o museólogo ou mesmo o arquivista tem, no fazer cotidiano, diversas possibilidades, habilidades e competências variadas, sejam elas de pesquisa ou extensão. Dentre estas, lidar com o saber acadêmico e com o meio profissional em pesquisa individualizada na Universidade ou nas instituições públicas e privadas (pesquisa, memória, patrimônio, meio ambiente, acervos, etc), nas escolas de ensinos médio e fundamental e em especial do que aqui tratamos da preservação e restauração de documentos. Cabe a estes profissionais a preservação da história.

Assim profissionais de diversas áreas das ciências humanas, são capazes de interagir com várias áreas do conhecimento, através de uma sólida formação interdisciplinar, procurando alargar as dimensões de trabalho do historiador em diferentes demandas da sociedade: investigação histórica, ensino, preservação do patrimônio cultural; assessoria a produções econômicas, políticas, turísticas e

culturais; assessoria a movimentos políticos e sociais, restauração e preservação de documentos.

Debater acerca das relações entre história, memória e patrimônio cultural é o que este trabalho vem propondo desde o primeiro capítulo com ênfase nas discussões sobre as de gênero, em especial a questão da mulher, quando evidenciamos mais uma docente representada pela pessoa da professora Venétia Durando Braga e suas alunas Liliane Freitas e Francine de Jesus.

O que temos percebido ao longo da pesquisa são as inquietações acerca de um fenômeno recente: a proliferação de estudos históricos sobre memória e o renovado interesse pela história e pela preservação documental. Uma expressão desse sintoma é a profusão de estudos acadêmicos sobre as relações entre história e memória, rememorações, a patrimonialização do patrimônio cultural. Busco sempre definir nesta pesquisa o que é patrimônio cultural, entendendo que por esse conceito temos diversos caminhos a trilhar por patrimônio cultural, compreendendo que o conjunto de bens materiais são considerados relevantes para a constituição dos valores de um grupo social.

A escassez de treinamentos e de uma formação profissional estruturada, e ainda o pequeno número de publicações nacionais sobre a área de conservação, preservação e restauração são outros fatores que contribuem para o quadro de carência em relação à preservação de acervos documentais. O curso de história da UCSAL formou diversos estudantes e os capacitou para a área de restauração, como veremos em alguns depoimentos, porém, cabe aqui ressaltar que o curso foi extinto e hoje muito mais precariamente se encontra a capacitação de profissionais para a área. Francine de Jesus relata sua experiência da época em que foi estagiária no Museu de Arte Sacra da Bahia.⁴⁶

⁴⁶ Museu de Arte Sacra pertence à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Está instalado no antigo Convento de Santa Teresa de Ávila, fundado pelos Carmelitas Descalços em meados do século XVII, na Cidade do Salvador – capital do Brasil de 1549 a 1759. Em 1660, monges da Ordem dos Carmelitas Descalços portugueses aportaram na Bahia de passagem para a Índia e decidiram, a pedido dos habitantes locais, permanecerem na cidade. Inicialmente, foi edificado um pequeno hospício, no sítio chamado Preguiça, em terreno próximo ao mar e doado pelo rei de Portugal, D. Afonso VI. No decorrer do tempo, ajudados por esmolas, ergueram o atual convento em área contígua, no ano de 1667, tendo a Igreja sido inaugurada em 15 de outubro de 1697. A partir de então, o Convento de Santa Teresa tornou-se um dos maiores conjuntos conventuais da Ordem em todo mundo português e foi fator importante no desenvolvimento da cidade do Salvador e na ocupação do território baiano.

Lá no Museu o trabalho era de restauração das imagens sacras, fazíamos diversos experimentos antes de começar a restaurar, lá aprendi as técnicas, identificar o tipo de material da imagem, se em gesso, cerâmica, resina ou madeira. Esmero e delicadeza são as palavras corretas para este tipo de trabalho. (JESUS, Francine, 2015 Informação Verbal).

Pensar na extinção do curso e voltar passos na história é descobrir que os avanços foram barrados e que a Constituição não foi atendida. Destaque no artigo 216:

[...] o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (JESUS, Francine, 2015 Informação Verbal).

A partir do depoimento de Francine e Liliane, ambas alunas do curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural são possíveis perceber o quão a capacitação para a profissão de restaurador foi importante para o desenvolvimento destas alunas nos seus estágios, infelizmente a constituição acima citada ficou apenas no papel, haja vista que não houve prosseguimento para estas alunas no campo de trabalho.

Para Le Goff (1994, p. 535-536), a memória pode se apresentar sob duas formas principais: a dos *monumentos*, que ele considera como uma herança do passado, e a dos *documentos*, que são escolhidos e selecionados pelo historiador em seu trabalho. Os objetos ou fatos do passado são considerados monumentos, porém se estes forem estudados ou pesquisados por historiadores passam a ser vistos como documentos. Tanto os monumentos quanto os documentos são materiais da memória.

Nas últimas décadas, o patrimônio histórico e cultural foi repensando e analisado. Preservá-los ao longo do tempo pode manter viva a história de um grupo ou sociedade. Para Rodrigues (2001, p.16), o patrimônio representa a identidade local e, por mais diversa que seja a população, a sua criação serve como uma ponte que resume várias histórias em uma só. “O patrimônio refere-se às pessoas, às origens e a história de uma comunidade” (PORTUGUEZ, 2004, p.8). É preciso que o indivíduo

adquirir hábitos e valores positivos, para que ela possa ser admitida na sociedade e para que ela possa desenvolver a sua personalidade, ou seja, é preciso que haja a socialização.

Dessa forma, analisamos a memória, a história, a conservação, preservação e restauração de documentos por profissionais mulheres. E como é difícil encontrar esses sujeitos históricos num universo pequeno por se tratar de preservação e memória e mais ainda por se tratar de profissionais femininas.

Pensar a mulher na atualidade é refletir como está inserida no mercado de trabalho, repensando o sistema cultural baseado em normas e valores que promovem sujeitos masculinos, a masculinidade e, especialmente, o modelo hegemônico de masculinidade, excluindo as mulheres de posições de privilégio e poder, assim como os homens cujas expressões de gênero não estão em conformidade com o modelo de masculinidade dominante. As abordagens de gênero além de proporcionarem uma nova perspectiva de significar e compreender as relações sociais tem sido fértil em criar estratégias que permitam transformá-las em experiências igualitárias entre homens e mulheres e entre estes/as entre si. A concepção de gênero inaugura no debate da questão masculina e feminina a noção de relações sociais e de historicidade. Assim Scott explicita:

O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar ‘construções sociais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1990, p. 7)

Assim, este trabalho caminha no sentido de trazer uma nova roupagem e significado as questões que envolvem a restauração de documentos, mostrando o lado do profissionalismo feminino e o processo de evolução desse trabalho. Percebendo que as mulheres estão sempre à margem ou na sombra da representação masculina, essa pesquisa traz consigo novos personagens: as mulheres.

Segundo Bourdieu (2005), as mulheres estão quase sempre acantonadas nos papéis menores, que são outras tantas variantes da função de “anfitriãs”, tradicionalmente atribuídas ao “sexo frágil”; quando elas não estão à frente de um

homem, a quem visam valorizar e que joga muitas vezes, por meio de gracinhas ou de alusões mais ou menos insistentes, com todas ambigüidades inscritas na relação “casal”, elas tem dificuldade de se impor, ou de impor a própria palavra, e ficam relegadas ao papel convencionado de “animadora” ou de “apresentadora”. (BOURDIEU, 2005, p.74). É por isso que esta dissertação, tornou-se um desafio, pensar a preocupação em preservar documentos e trazer as mulheres para esse contexto é mais do que a proposta desse trabalho, e nesse capítulo trago estudantes, historiadoras do sexo feminino que participaram do processo de restauração e conservação de documentos durante seus estudos na Universidade na área da restauração, assim Francine de Jesus (2015) relata:

Quando fiz o vestibular para história já sabia o que queria: queria ensinar, queria ser professora de história, mas acabei me identificando com a disciplina de restauração que a professora Ana Maria Vilar ministrava, foi lá que aprendi sobre preservação, conservação e restauração. A restauração mostrou-me um caminho nunca antes visto, para mim restaurar era salvar a vida tanto do documento como das obras de artes, e construir identidades. (JESUS, Francine, 2015 Informação Verbal).

Assim como Francine, muitos eram as alunas preocupadas com o mercado de trabalho. A dificuldade em encontrar vagas no mercado de trabalho na área da restauração em Salvador foi o que desestimulou grande parte dos estudantes do curso de História com concentração em Patrimônio Cultural. E aqui cabe ressaltar que o Patrimônio Cultural baiano é vasto e necessita de tratamentos de conservação e restauração, tanto o patrimônio material como o imaterial. Não podemos permitir que a cultura do descaso continue nas próximas gerações destruindo o patrimônio cultural.

Apesar das disciplinas voltadas aos estágios, os alunos não conseguiram ser encaminhados ao mercado de trabalho. Sobre essa realidade Francine de Jesus argumenta:

Fui estagiária no museu de Arte Sacra da Bahia, lá desenvolvi diversas atividades que aprendi em sala de aula. A cada imagem restaurada novas perspectivas iam surgindo, o aprendizado era constante, sempre observada pela professora Ana Maria Villar, que também nos avaliava. Pensávamos em ser contratados, mas a Instituição não tinha verbas para isso, o que mais me deixou preocupada foi o fato de um dos nossos colegas ter sido contratado

pela instituição meses depois. (JESUS, Francine, 2015. Informação Verbal).

Segundo Francine de Jesus os estágios seriam a porta de abertura para que essas profissionais pudessem desempenhar suas funções como restauradoras, mas o que se percebia era o descaso com relação à contratação de funcionários para este ofício.

Já Liliane nos conta um pouco da sua trajetória enquanto foi estagiária do LEV:

No Lev aprendi diversos ofícios, desde as aulas sobre religiosidade com o professor Candido Costa⁴⁷, até as aulas de paleografia com a professora Venétia, tudo isso aprendíamos antes de trabalhar com a restauração documental. Depois das aulas começávamos uma nova etapa do trabalho com a professora Ana Maria Villar, primeiro a teoria sobre restauro e depois a parte prática, desenvolvíamos todos os tipos de restauração, entre elas as telas, as imagens e o papel. E foi pelo papel que eu me apaixonei. Mas infelizmente depois de dois anos de estágio a Instituição não tinha verbas para contratar funcionários e acabávamos saindo da área. (FREITAS, Liliane, 2014. Informação Verbal)

A aluna relata ainda que o fato das instituições não contratarem seus estagiários após o período de estágio, desestimulava os alunos a seguirem na área de restauro. E mesmo percebendo que a questão da salvaguarda nesse período começa a se deslocar para âmbitos maiores evidenciamos também a falta de responsabilidades com o mesmo.

Aqui quando a estudante relata no seu depoimento o estado de descaso com o Patrimônio, lembramos que desde 1950 os países elaboram leis de preservação, de ensino e de conscientização de preservação de bens patrimoniais culturais – no Brasil, essas leis se inserem timidamente nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental, médio e superior, culmina na *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (2003).⁴⁸

⁴⁷ Historiador, professor da Universidade Católica do Salvador.

⁴⁸ A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, daqui em diante denominada “a UNESCO”, reunida em Paris de 29 de Setembro a 7 de Outubro de 2003 na sua 32ª sessão, *Referindo-se* aos instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos humanos, em particular à Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, ao Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966 e ao Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e

Contudo, o Patrimônio Cultural permite uma visão essencial do tema e aponta probabilidades de aplicação por educadores, no sentido da educação patrimonial e das políticas públicas de preservação e conservação do mesmo.

5.2 O LEV- LABORÁTORIO REITOR EUGÊNIO VEIGA ANDRADE E SEU PROCESSO DE INSTALAÇÃO

O LEV é mais um objeto de estudo deste trabalho e para isso vamos analisar o seu processo de instalação e seus objetivos .

O Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio Veiga (LEV) tem como objetivo dar tratamento ao acervo do arquivo permanente da Cúria Metropolitana de Salvador. Trata-se de uma intervenção em conservação, restauração e tratamento arquivístico da documentação permanente da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, envolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão que propiciam a capacitação teórica e prática de professores, alunos e pesquisadores, sob a responsabilidade de professores dos cursos de História e Teologia da UCSAL e vinculada à ACOPAMEC⁴⁹.

O acervo da Cúria Metropolitana é de valor inestimável, é constituído de conjuntos documentais referentes à burocracia eclesiástica, abrangendo o período dos anos setecentos à primeira metade do século XX, que tratam dos postulantes ao sacerdócio intitulados de *Genere, Vita et Moribus* e Patrimônio.⁵⁰ Possuem, ainda,

Políticos, de 1966, *Considerando* a importância do patrimônio cultural imaterial, crisol da diversidade cultural e garante do desenvolvimento sustentável, como se destaca na Recomendação da UNESCO para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore, de 1989, na Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, de 2001 e na Declaração de Istambul de 2002 adotada pela Terceira Mesa Redonda dos Ministros da Cultura, *Considerando* a profunda interdependência entre o patrimônio cultural imaterial e o patrimônio material cultural e natural, *Reconhecendo* que os processos de globalização e de transformação social, a par das condições que criam para um diálogo renovado entre as comunidades, trazem igualmente consigo, à semelhança dos fenômenos de intolerância, graves ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios de salvaguarda deste, *Consciente* da vontade universal e da preocupação comum de salvaguardar o patrimônio cultural imaterial da humanidade. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>> . Acesso em: 25 fev. 2015

⁴⁹ A Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão - ACOPAMEC - é uma instituição com fins não econômicos, que investe na educação da criança, do adolescente, e do jovem na prevenção ao risco social, na preservação do ambiente familiar, nos bairros de Mata Escura e Calabetão. <http://www.acopamec.org.br/a-acopamec.php>. Acesso em 25.02.2015.

⁵⁰ GTAP: Grupo de trabalho de Arquivo Privado. <http://gtapbahia.blogspot.com.br/2012/04/lev.html>. Acesso: 14.05.2015

importantes séries documentais como casamentos, batizados, óbitos, além de documentação de Paróquias e Irmandades.

São mais de 600 documentos, entre certidões de batismo e de crisma, livros de casamento e até mesmo decretos de criação de paróquias, o local preserva viva parte da memória da história de Salvador e do Brasil. “Preservar o espaço é garantir um valioso acervo cultural, que reúne importantes e antigos conjuntos de documentação relativos à história do Brasil, contando inclusive com registros de outros Estados”, afirma a arquivista responsável pelo espaço, Rita de Cássia Pereira⁵¹. Entre os documentos, o mais antigo é o livro paroquial do Brasil, com registros de batizados da Freguesia de Paripe, de 1588 a 1637, período marcado pela forte influência da Igreja Católica nos aspectos sociais, políticos e culturais do Estado.

Para garantir a conservação dos documentos, a Arquidiocese conta com o Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga (LEV), da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Campus da Federação, onde estão catalogados 14 mil documentos como livros de casamento e óbito registrados em Salvador, no Recôncavo, no Sertão Baixo e no Sertão Alto.

**Figura 16 - Arquivo da Arquidiocese – Cúria Metropolitana do Salvador
Certidões de batismo, casamento e óbitos**



Fonte: Arquivo Professora Ana Maria Villar Leite

⁵¹ Rita de Cássia Pereira é arquivista na Cúria Metropolitana do Salvador. Responsável pela salvaguarda do acervo referente a batismo, casamento e óbito.

O LEV foi projetado pelos professores Afonso Florence e pela professora Venetia Durando Braga, sendo convidada como restauradora a professora Ana Maria Vilar.

Um projeto de restauração abrange mais do que as noções tradicionais de restauração e o LEV foi pensado de forma a ir mais além do que a própria restauração, assim a instalação foi pensada segundo os moldes abaixo:

O conhecimento dos fatores climáticos ambientais e o seu controle visando a sua estabilidade; um plano para calamidades; os processos para facilitar a recuperação dos documentos; as medidas para a segurança do acervo; a fiscalização do processo de encadernação; a contratação de especialistas em conservação; a instalação de um laboratório para realizar a conservação preventiva e as reparações simples; a consulta a profissionais para efetivação dos tratamentos; um programa para treinamento dos funcionários; a participação ativa nos programas cooperativos de conservação; e a conservação em grande escala, tais como os programas cooperativos de microfilmagem. (HARVEY, 1993, p.216).

O compromisso com o patrimônio cultural da Igreja, e da sociedade baiana em geral, é que motivou a criação do LEV, propiciando condições adequadas de tratamento técnico-científico, tanto do arquivo permanente da Cúria de Salvador, como de outros relevantes acervos documentais e bibliográficos.

Para Duarte (2014, p.87), a preservação dos acervos documentais é,

[...] considerada por muitos, erroneamente, como uma política onerosa para a administração da instituição. Existem ações rotineiras e regras simples que, incorporadas às etapas de trabalho da unidade documental, podem contribuir para a preservação de seus documentos.

Sobretudo, no caso do acervo da Cúria Metropolitana pensou-se em uma preservação muito maior devido ao grande volume documental e no valor histórico. Por isso foi elaborado o projeto de construção do LEV.

5.3 A INSTALAÇÃO DO LABORATÓRIO DE CONSERVAÇÃO RESTAURAÇÃO (LEV) E A PARTICIPAÇÃO DE PROFISSIONAIS FEMININAS

O Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga (LEV), foi inaugurado em 25 de fevereiro de 2002 a partir de um convênio firmado entre a Arquidiocese de Salvador e a Universidade Católica. Localizado no Campus da Federação vem sendo equipado com modernos equipamentos especializados para trabalhos de conservação e restauro do suporte papel. O seu ambiente é distribuído por diversas salas destinadas às diferentes etapas do trabalho.

Objetiva, portanto, a formação de pesquisadores, conservadores e restauradores na área do patrimônio cultural, com ênfase na preservação, conservação, restauração e no tratamento arquivísticos.

As ações do LEV abrangem um público-alvo constituído de professores, graduandos, mestrandos, doutorandos, genealogistas, historiadores, pesquisadores de áreas afins da UCSAL e de outras instituições.

De início foi convidada a professora Ana Maria Villar com a finalidade de dar apoio técnico ao acervo de livros e documentos, diagnosticar o estado de conservação do mesmo e propor um tratamento adequado, a curto e longo prazo.

Segundo Villar para isso foi necessário detectar os diversos agentes de deterioração, a importância de acondicionarem espaço adequado considerando que o referido acervo permaneceu ao longo da história, sofrendo as ações de elementos que prejudicaram a sua durabilidade: mudanças constantes de temperatura, de local e umidade, atualmente colocado em espaço físico inadequado e sem a assistência técnica de um conservador/ restaurador para proceder aos trabalhos de manutenção e conservação. Assim segundo Duarte (2004, p.107), “Os processos de recuperação têm o objetivo de manter os serviços ou estabelecer alternativas, reduzir ao mínimo a danificação do acervo, das instalações e doutros recursos, e diminuir as perdas financeiras”.

Dessa forma, várias foram às etapas para que o Laboratório pudesse ser definitivamente instalado, mas de imediato foi proposto um diagnóstico do estado de conservação atual e acondicionamento adequado às especificidades do acervo pelo

tempo, ou seja, a sua historicidade. Além disso, foi preciso repensar e definir o acondicionamento do espaço físico, o que seria abrigado respeitando algumas normas imprescindíveis.

O estudo dos dados sobre o laboratório nos possibilitou identificar a presença de outras mulheres, entre elas aqui já citadas à professora Ana Maria Villar Leite, a professora Venetia Durando Braga Rios e a mais recente estudante e futura restauradora Janira Silva Correia, que também é estagiária do LEV.

Dentre as mulheres que ali fizeram-se presentes no Laboratório de Conservação e Restauração Eugênio Veiga Andrade - LEV, já não encontrei mais Renata Soraya Bahia⁵², funcionária da instituição desde a sua inauguração. Fui informado que havia sido transferida para a Universidade Católica de Vitória da Conquista, e logo busquei o seu contato.

Sobre o Lev e sua contribuição na equipe que ali estava estabelecida Renata pontua:

Em 2010, ainda na graduação do curso de História da Ucsal, entrei como estagiária da professora Venetia Durando Braga no CEDOC onde esta era coordenadora. Naquele momento, o antigo reitor da Universidade Professor José Carlos de Almeida da Silva, convocou os professores do departamento de Filosofia e Ciências Humanas para que, a pedido do Arcebispo, fizessem um projeto para restaurar e organizar arquivisticamente o acervo histórico da Cúria. Professora Venetia, juntamente com professor Afonso Bandeira Florence, pensaram no projeto de arquivo, convidando a professora Ana Maria Villar para compor a parte que cabia a restauração. O objetivo do projeto era tratar arquivisticamente e restaurar ao mesmo tempo o acervo que já se encontrava bastante deteriorado pelo tempo e pelo manuseio do homem. Com a aprovação do projeto pela Universidade, foi convidado também a constituir o quadro de coordenadores, o professor Cândido da Costa e Silva, e a partir daí formamos um grupo de estudos de História da Igreja no Brasil, fator imprescindível para a organização e tratamento arquivísticos. Assim, fui estagiária do CEDOC por dois anos, tempo que correspondia ao estágio na Universidade, e ao fim do estágio fui contratada como funcionária. Graduanda recebi do IEB/ USP, na pessoa do finado professor Istvan Jancso, uma bolsa para o curso de especialização em organização de acervos. (Informação Verbal, BAHIA, Renata, 29 jun. 2015).

Renata nos comprova, através do seu depoimento, o que durante toda a pesquisa ficou evidente, que o LEV foi palco de cenário feminino, onde a participação

⁵² Renata Soraya Bahia é a funcionária mais antiga do LEV. Transferida para a Universidade Católica de Vitória da Conquista por ocasião do mestrado.

das mulheres foi extremamente importante para a sua consolidação e desenvolvimento. Nessa perspectiva fica evidente que mais um ambiente da conservação e restauração na Bahia foi criado e organizado por mulheres que, de certa forma, ficaram invisíveis nas suas atuações, haja vista a falta de pesquisas sobre o tema. Renata Soraya, primeira funcionária do Lev, nos conta como foi difícil o processo de instalação do Laboratório, que abarcou a além da conservação e restauração a parte arquivística.

Assim, participei do LEV desde sua criação. Vi o projeto nascer, fiz a mudança do acervo do Palácio para a Universidade, e participei da luta diária da nossa equipe para estudar a documentação, que era totalmente desconhecida para nós, para poder realizar um trabalho responsável. Pois, não poderíamos retirar o acervo da sua posição de origem sem antes entendermos o porquê de ele ter sido acondicionado daquela maneira, um dos princípios da arquivologia o Respeito aos fundos. Conservar e preservar este acervo, assim como tratá-lo arquivisticamente é de fundamental importância para a sociedade, por se tratar de um bem cultural muito valioso, que guarda a História da nossa Diocese desde 1588, data do nosso documento mais antigo, até meados do século XX. Fiz parte da equipe do LEV até março de 2014, quando fui aprovada para o mestrado de Memória da UESB, e tive a autorização de ser transferida para a UCSAL de Vitória da Conquista. Meu futuro ao findar o mestrado ainda é incerto, se volto para o LEV, ou se fico aqui. (Informação Verbal, (BAHIA, Renata, 29 jun. 2015).

Hoje o Lev apresenta um quadro de funcionários que traz mais homens do que mulheres. Durante as visitas evidenciei a presença de apenas uma aluna dentre seis estagiários do sexo masculino. Janira Silva Correia é mais uma protagonista desta pesquisa e atualmente é estudante do curso de História da UCSAL. No LEV é estagiária do setor de restauro sendo coordenada pela professora Ana Maria Vilar. Perguntada sobre como começou seu interesse pela restauração e como ficou sabendo do LEV, Janira responde:

Então, Pedro (Funcionário do LEV) foi colocar um aviso, um edital na sala para os alunos do terceiro semestre, quem tivesse interesse pra conhecer o LEV, até então eu não conhecia o LEV, chegando é no último dia eu fui e passei por uma seleção que seria uma redação, passei, na segunda análise seria uma entrevista, passei também, então, a partir do momento eu conheci o LEV, aí fui pra área de restauro, só que antes disso eu comecei a estudar um pouco sobre arquivo e sobre restauração de papel porque eu queria entender, ter uma compreensão pra quando chegar no LEV, não chegar solta. Eu

estava no terceiro semestre de História e mesmo dando Arquivologia com a professora Nivea, eu sentia que faltava algo e quando eu cheguei no LEV, fui ter essa intimidade com o papel que a professora me ensino. (Informação Verbal, (CORREIA, Janira, 23 mar. 2015).

Janira Silva apresenta paixão pelo que faz, sendo incentivada pela professora Ana Maria Villar, encontrou na restauração uma profissão e a liberdade de escolha. Liberdade esta que foi desenvolvida ao logo do trabalho com a restauração documental. Segundo Janira o documento é o passaporte para a história. A estudante do curso de história apesar de saber das dificuldades que irá encontrar tem interesse na especialização na área de restauro documental. Sobre o contato com o LEV e o futuro na área da conservação e restauração documental Janira é enfática:

O primeiro contato que eu tive e que estou tendo neste momento é aqui no arquivo do LEV com a professora Ana Maria Villar. Tenho interesse sim em fazer outros cursos, ela já me mostrou que tem cursos em São Paulo, que tem cursos no Rio, só que aqui na Bahia é a Caixa deu um curso só que não tive oportunidade, porque quando eu vi já estava fechado. Eu acho que aqui na Bahia, em Salvador precisamente pra se falar eu acho muito fechada essa área de cursos, poderia ser mais abrangente porque o campo é vasto pra quantidade de documentos que tem aqui, os arquivos não tem mão de obra qualificada e pessoas interessadas até porque aqui dentro da Universidade Católica do Salvador, eu vejo pessoas falando, há, que isso, restaurar papel cheio de poeira, cheio de fungos e traças eu não quero entrar em contato com papel assim não, nem quero documento assim, nem quero fazer aula de Paleografia pra não ter contato com esse tipo de documentos, pra que eu quero fazer isso, pra que eu quero conhecer, e o historiador, pesquisador, ele tem que ter contato com esse documento até pra que ele possa compreender a sua história, e é isso que eu acho. (Informação Verbal, (CORREIA, Janira, 23 mar. 2015).

É sabido que a trajetória de um restaurador de documentos não é fácil. E mais ainda para as mulheres que resolveram voltar a estudar depois de terem suas famílias, ou seja, o trabalho doméstico muitas vezes impossibilitou ou retardou a trajetória dessas mulheres que mesmo após de um determinado tempo decidiram lutar pelos seus ideais enfrentando os problemas e as situações adversas que a vida lhes impôs.

Não obstante é preciso identificar as relações sociais existentes entre professores e alunos, Janira nos relata o quão foi importante o contato e a experiência entre ela e a professora Ana Maria Villar.

A professora Ana, ela é uma mulher espetacular não só como professora mais como pessoa também, ela está sempre pronta a tirar dificuldade do aluno, quantas vezes você erra ela tá sempre pronta pra te ensinar pra te explicar e ela tem intimidade com o papel, ela tem um respeito para com o papel que isso me cativou, depois que eu conheci a professora Ana Maria Villar, que eu vim ter assim um acesso à restauração do papel, ao LEV, ao laboratório de restauração eu passei a respeitar e a olhar o livro, o documento de outra forma, porque o documento não é só o livro não é o papel em si, não e o pergaminho é qualquer documento, qualquer papelzinho que contenha informação, ele passa a ser é...ter uma importância diante do restaurador, então é essa forma esse respeito é essa importância que eu vejo a professora Ana passar para o documento que foi me cativando, que foi fazendo com que eu me apaixonasse pela restauração. Tem um caminho a ser percorrido muito longo, mais eu acredito que eu vou chegar lá porque eu estou com interesse e garra pra isso e dedicação. (CORREIA, Janira, 2015. Informação Verbal).

O mais interessante é finalizar essa pesquisa sabendo que as mulheres progrediram nas suas lutas e que a história do movimento feminista foi e sempre será o princípio para combater as desigualdades de gênero. Desde as reivindicações por direitos democráticos como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos 18 e 19; a liberação sexual, impulsionada pelo aumento dos contraceptivos, no fim da década de 1960; e a luta por igualdade no trabalho, iniciada no fim dos anos 1970. Hoje, grupos feministas ainda buscam avanços no que diz respeito aos direitos reprodutivos, e outros.

Apesar de constatararmos um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, neste início de século, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens. Estes continuam tendo maior acesso à educação e a empregos bem remunerados. A isso soma-se também a violência física e psicológica contra a mulher, fenômeno que continua a fazer parte do cotidiano da vida moderna.

A intenção foi trazer um pouco da realidade das mulheres que adentraram a área da conservação e restauração, evidenciando as dificuldades enfrentadas e de certa forma incentivando outras mulheres para a profissão, arriscando-se ou não a trajetória das mulheres no mercado de trabalho não foi fácil e requer determinação e equilíbrio. E aqui vimos a presença constante de profissionais femininas nesta área. Para trazemos o exemplo de Janira como demonstração de garra e persistência nos seus objetivos.

Pretendo continuar com a restauração, eu não quero ir pra sala de aula, eu me encontrei, até porque eu tava fazendo História pra me trazer mais conhecimento é quando eu tive oportunidade de conhecer o Leve, de também ser apresentada a restauração de documentos com a professora Ana Maria Villar e por Pedro Conti também, eu aprendi que... é um caminho que eu posso percorrer que vai me trazer alegria e que tem me trazido alegria e tem ajudado muito na minha saúde porque é uma terapia pra mim. Porque é um trabalho que restaura a memória, a nossa memória, os nossos documentos, então não só pra sociedade baiana como toda sociedade, como um todo a baiana, a brasileira a sociedade mundial, todo os arquivos do mundo, o mundo inteiro tem que valorizar o restaurados, os pesquisadores tem que valorizar o restaurador de papel e não chegar nas bibliotecas e nos arquivos e destacar as folhas dos livros que a partir do momento em que eles fazem isso eles tão levando um documento entendeu? E vai fazer falta a memória então assim, quando você faz isso, você tá prejudicando a sua memória, as suas origens, o restaurador, ele tem que ser valorizado, sem pretensão nenhuma, ele tem que ser valorizado. (Informação Verbal, CORREIA, Janira, 23 mar. 2015).

Ainda há pouca visibilidade para o segmento, apesar de algumas conquistas significantes, como: o direito ao voto, a invenção da pílula anticoncepcional nos anos 60, o aumento de escolaridade, o divórcio, entre outras.

Ao entrar no mercado de trabalho a mulher se depara com o desequilíbrio do mesmo referente: a diferenciação de salários entre os trabalhadores e as trabalhadoras. Apesar dessa discriminação, tal conquista apresenta novos horizontes em sua existência.

Diante desse quadro, a mulher segue ampliando seus conhecimentos e buscando melhorias na condição de vida, além de construírem caminhos que viabilizem os seus progressos. Sobre essa trajetória Janira nos conta um pouco da sua vida acadêmica e do seu olhar sobre o mercado de trabalho na área da restauração.

Olha, quando eu fui pra seleção do LEV, eu falei com colegas minhas, tanto mulheres quanto homens e vi a resistência delas em não querer se interessar por essa profissão e assim, as pessoas com quem eu estudei e que pesquisei um pouco aqui na Bahia e em Salvador também eu vi que tem poucas mulheres com interesse nessa área. Pra mim foi um presente e eu quero continuar mais o que eu tenho visto e observado dentro da minha própria universidade as mulheres não tão tendo interesse nessa área. É, o pessoal da minha faculdade também gostam mais de ir pro arquivo, agora a área de restauração em si não tem tendo interesse. (Informação Verbal, CORREIA, Janira, 23 mar. 2015).

Toda esta bagagem trazida pelos movimentos autônomos de mulheres, associada aos demais movimentos, reafirmou a luta das mulheres em dois eixos: Gênero e Classe. São mulheres que lutam pela igualdade nas relações e pertencemos à classe das trabalhadoras e trabalhadores. Nessa trajetória de luta e organização das mulheres foi sendo construída uma mística feminina, feminista e libertadora, cujo conteúdo se expressa na transformação das relações sociais de classe com a mudança nas relações com a natureza e a construção de novas relações sociais de gênero.

Segundo Janira, a mulher tem mais sensibilidade do que os homens, e aqui vamos respeitar o depoimento da estudante e claro evidenciarmos o fato, haja vista a contribuição que esta pesquisa trará:

Olha, eu acredito que a mulher tem mais sensibilidade, sim. A mulher tem mais leveza nas mãos, ele tem tato, tem uma visão ampla em relação à restauração. Mais eu vejo que as mulheres no meu ver que as mulheres tem uma sensibilidade maior com o documento e que precisa ter mais mulheres se especializando nessa área pra trabalhar nesse campo né, que tá precisando de profissionais. Então assim, é isso que eu quero aprender e quero me dedicar diariamente. Porque esse despertar que a professora Ana faz, faz com que você mude sua visão de mundo e de como eu posso contribuir como pessoa diante da sociedade de como eu posso chegar aqui diariamente e restaurar um documento, qual é a minha dose de dedicação, qual é o meu interesse, não simplesmente ser estagiária porque eu sei que no final do mês eu vou ter aquela quantia não, é saber que aquilo ali vai ser o meu futuro, que aquilo ali vai modificar a minha vida com modificou a vida de outras alunas que chegam aqui e abraçam a professora Ana Maria abraçam ela e dizem professora se hoje eu sou o que sou, se hoje eu estou trabalhando, se hoje eu tenho o que tenho, é graças a você, é pelo que você me ensinou, pela dedicação, hoje eu posso sustentar minha família e colocar minha filha em um boa escola, então isso me deixa extasiada, maravilhada. Cada uma das alunas que chegam dá seu relato de experiências boas que vivenciaram como alunas da professora Ana Maria, então quem tem a oportunidade de passar pela experiência de estágio no restauro e também no arquivo, você tem que gostar, você tem que ter uma dedicação, isso me faz viver, isso pra mim é uma terapia e eu já falei que venho por LEV até como voluntária, isso move a minha vida. (Informação Verbal, CORREIA, Janira, 23 mar. 2015)

Não obstante tudo que foi colocado aqui é preciso evidenciar que as mulheres decidiram sair às ruas em busca de igualdade, sabiam que para conseguir seu espaço no mercado de trabalho teriam de percorrer um longo e árduo caminho.

É necessário refletir sobre o pensamento desenvolvido pela academia e movimento sociais, considerando o que poderia ser o indicador adequado para análise da situação da mulher e aqui ressalto a importância dessas mulheres no mercado de trabalho voltado para a conservação e restauração de documentos. É preciso analisar as condições e possibilidades oferecidas pelas empresas.

Não obstante o que foi dito acima, a luta constante e a visibilidade das mulheres enquanto profissionais do restauro já é um indicativo de reparação e, sobretudo de novos posicionamentos com relação a igualdade de gêneros.

Nas últimas décadas a mulher intensificou sua luta no combate à opressão e desigualdades a favor de sua emancipação econômica e social e pelo direito ao trabalho. Desta forma, buscou-se uma igualdade política e social em relação aos homens, mas isso ainda é pouco e segue a longos passos. Ao questionar velhos estereótipos sobre o papel feminino, abriu-se novas possibilidades e oportunidades na sociedade para que as mulheres pudessem exercer atividades fora do espaço doméstico. Deve-se isto, a diversos movimentos sociais, principalmente ao movimento feminista.

Ao longo dos últimos anos, ao persistir em suas lutas, reivindicando novos e maiores espaços no mercado de trabalho e na sociedade, as mulheres têm alcançado muitas conquistas. Antigamente, o processo de emancipação das mulheres era mais lento, hoje, com a tecnologia, tem avançado cada vez mais, uma vez que, com os meios de comunicação, as diversas informações chegam a uma parcela significativa da população, esclarecendo sobre direito universal, liberdade e democracia.

As mudanças sociais possuem um importante papel na organização das lutas pelos direitos das mulheres, pois permitem que as pessoas se organizem e comuniquem seus pensamentos de maneira eficiente, abrindo um leque de informações e possibilidades de mobilização.

Outra contribuição importante para que essas mudanças acontecessem foi à criação do Plano Nacional de Políticas para as mulheres. Estabelecido durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, reafirmou a prioridade da equidade de gênero. A preocupação com a igualdade de gênero, raça, etnia, liberdade de orientação sexual, com fortalecimento dos direitos humanos, perpassa transversalmente o planejamento das políticas federais. Segundo o plano “uma educação de qualidade deve estar

intrinsecamente associada à busca da igualdade entre os seres humanos e à valorização da diversidade da sociedade brasileira.”⁵³

Alguns dos objetivos das políticas para as mulheres são:

- a) Contribuir para a redução da desigualdade entre mulheres e homens e para o enfrentamento do preconceito e da discriminação de gênero, étnica, racial, social, religiosa, geracional, por orientação sexual, identidade de gênero e contra pessoas com deficiência por meio da formação de gestores/as, profissionais da educação e estudantes em todos os níveis e modalidades de ensino;
- b) Consolidar na política educacional as perspectivas de gênero, raça, etnia, orientação sexual, geracional, das pessoas com deficiência e o respeito à diversidade em todas as suas formas, de modo a garantir uma educação igualitária e cidadã;
- c) Promover o acesso e a permanência de meninas, jovens e mulheres à educação de qualidade, prestando particular atenção a grupos com baixa escolaridade (mulheres adultas e idosas, com deficiência, negras, indígenas, de comunidades tradicionais, do campo e em situação de prisão, e meninas retiradas do trabalho

Hoje, com os avanços nos direitos e conquistas das mulheres, temos outra realidade para a situação das mesmas no mercado de trabalho: competitividade, salários incompatíveis com suas funções e qualificações, quando comparados aos salários dos homens, desenvolvimento de múltiplos papéis, dentre outros.

Assim analisamos como estão as personagens aqui estudadas. Algumas já faleceram: Doralice Amaral, Ana Amélia Vieira Nascimento e Consuelo Pondé de Sena. Outras continuam desenvolvendo trabalhos na área da conservação e restauração na Bahia:

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar em cargos de responsabilidade assim como os homens, elas aglutinam as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa.

⁵³O PNPM 2013-2015 constitui-se em um elemento estrutural da configuração de um Estado democrático. Contribui para o fortalecimento e a institucionalização da Política Nacional para as Mulheres aprovada a partir de 2004, e referendada em 2007 e em 2011, pelas respectivas conferências. Como um plano nacional, reafirma os princípios orientadores da Política Nacional para as Mulheres: autonomia das mulheres em todas as dimensões a vida; busca da igualdade efetiva entre mulheres e homens, em todos os âmbitos; respeito à diversidade e combate a todas as formas de discriminação; caráter laico do Estado; universalidade dos serviços e benefícios ofertados pelo Estado; participação ativa das mulheres em todas as fases das políticas públicas; e transversalidade como princípio orientador de todas as políticas públicas. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/plano-nacional-de-politicas-para-as-mulheres-2013-2015-spm-pr-2013/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

Trabalhar fora de casa foi uma conquista relativamente recente das mulheres, entretanto os trabalhos domésticos também obtiveram o merecido valor. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas.

O grande desafio para as mulheres hoje, é tentar reverter o quadro da desigualdade salarial entre homens e mulheres e conseqüentemente diminuir as desigualdades de gênero. O Arquivo Público da Bahia juntamente com o laboratório de Restauração Reitor Eugênio Veiga Andrade da Universidade Católica do Salvador, possibilitaram a visibilidade das mulheres na área da conservação e restauração de documentos e dessa forma contribuíram para uma nova visão do profissional de restauro na Bahia.

Quadro 1 – A evolução das mulheres conservadoras e restauradoras na Bahia

RESTAURADORAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Ana Maria Villar	Coordena a equipe de Restauração do Laboratório Reitor Eugênio Veiga Andrade e apresenta um Laboratório de Restauro particular o AM Restauro onde mantém uma sociedade com seu filho.
Almeritá Camelier	Hoje com 91 anos, é moradora do Instituto Secular Pequena Família Franciscana - Região Nordeste – Brasil.
Lindaura Alban Corujeira	Aposentou-se, e hoje é membro do Conselho da Ordem Terceira da Irmandade Franciscana.
Janilda Ferreira de Abreu	Funcionária do Arquivo Público da Bahia, coordenadora da equipe de Conservação e Restauração de documentos.
Jaciara da Cruz Acássio	Funcionária do Arquivo Público da Bahia. Compõem a equipe técnica de restauradores do Arquivo Público da Bahia.
Marli Geralda Teixeira	Professora aposentada pela Universidade Federal da Bahia. Faz consultorias na área de Educação em História.
Maria Tereza Navarro de Brito Mattos	Diretora do Arquivo Público da Bahia. Uma das mais importantes instituições de salvaguarda da memória histórica da Bahia. Atualmente cerca de 500 pesquisadores são recebidos no APEB por mês.
Venétia Braga Dourando Rios	Atua como diretora substituta do Departamento de Ciências Humanas – DCH

	– Campus IV – UNEB – Jacobina- BA.
Neuza Esteves	Aposentou-se, mas continha pesquisando e contribuindo para a construção da memória histórica na Bahia.
Renata Soraya Bahia	Cursa o mestrado em Memória na UESB, e obteve a autorização de ser transferida para a UCSAL de Vitória da Conquista, onde atua no quadro de funcionários desta instituição.
Liliane de Brito Freitas	Funcionária da Santa Casa da Bahia, exercendo atualmente a função historiadora. Especialista em estudos Étnicos e Raciais. Graduanda em Estudos de Gêneros e Diversidade pela Universidade Federal da Bahia.
Francine Alves de Jesus	Professora do Colégio Cidade, onde leciona a disciplina de História. Estuda para concursos e acredita em maiores espaços para as mulheres no mercado de trabalho e mais específico na área de Conservação e Restauração de documentos.

Fonte: Renato Carvalho, 2015

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou evidenciar as práticas e representações no campo da conservação e restauração de papel, buscando compreender a construção cultural preservacionista e suas instituições.

Analisou-se o pioneirismo e a importância das iniciativas na preservação do patrimônio informacional na Bahia, empreendidos pelas instituições e pela sociedade em geral nas últimas décadas, e a necessidade de aprofundamento no campo temático relativo à memória cultural expressa sobre suporte de papel.

O trabalho procurou dialogar com as perspectivas apontadas pela história cultural, perpassando pelas questões de gênero, discutindo a história, a memória do processo de restauração, identificando o pioneirismo das mulheres nesta área, tentando desconstruir a restauração, vista apenas como um processo técnico e trazer a história dos primeiros laboratórios de restauro na Bahia para entender a conjuntura da preservação documental neste âmbito.

A atuação pioneira do Prof. Edson Motta vem, de fato, colaborar com a interpretação dos trabalhos relacionados ao papel na Bahia. Embora Motta não tenha se dedicado exclusivamente à conservação e restauração de papel, faz-se necessário registrar a sua atuação como personalidade neste campo. Deve-se o reconhecimento a Motta pela inserção de uma mentalidade acadêmica no campo da conservação e restauração de papel.

Nessa perspectiva, se inscreve a necessidade de pesquisas e a análise acerca da trajetória da salvaguarda de acervos em papel no Brasil e, mais especificamente, na Bahia, repensando a construção cultural preservacionista com um olhar para as questões de gênero considerando-se, ainda, as mudanças de paradigmas ocorridas nas últimas décadas.

Por certo, constatamos que as práticas preservacionistas de acervos em papel construídas no âmbito brasileiro buscaram manter-se em sintonia com os princípios basilares evidenciados no contexto internacional. Nas fontes pesquisadas e nas entrevistas realizadas com pessoas do sexo feminino detectou-se a preocupação dos profissionais com o mercado de trabalho e as perspectivas com relação aos espaços de

conservação. Verificou-se, ainda, a participação de consultores e professores em cursos de curta duração no Brasil, a observância das diretrizes conceituais estabelecidas nas cartas e recomendações de proteção, bem como dos preceitos divulgados pelas Cartas Patrimoniais e pelos organismos internacionais de proteção do patrimônio tais como a UNESCO.

Observou-se também que a participação feminina foi efetiva, porém evidenciou-se a dificuldade da escolarização dessas mulheres, a inexistência de notícias sobre as profissionais femininas pela imprensa e de espaços pedagógicos em profusão, como escolas, bibliotecas e livrarias, faz-se necessário, para entender o retardamento de uma cultura participativa das mulheres em diversas áreas antes restritas aos homens.

O que fica evidente é que somente a partir da década de 1980 a conservação-restauração de papel ganha visibilidade no cenário preservacionista brasileiro. Mas as mulheres não aparecem nesse período somente aparecem muitos anos depois. Notadamente a subordinação das mulheres hoje é originária desse contexto conservador, a partir das desigualdades da educação ministrada entre os indivíduos do sexo masculino. Daí, percebemos uma grande injustiça da sociedade com relação à privação em algumas áreas profissionais que as mulheres perpassaram, mas estão presentes na história, entre elas a área da conservação e restauração de documentos.

Foi no Arquivo Público do Estado da Bahia que encontramos personagens jamais citadas pela história, tão pouco na política que se fez na Bahia. Mulheres de diferentes perfis que colaboraram para a salvaguarda da documentação baiana.

Nessa perspectiva, detectamos a valoração do patrimônio sobre papel norteadas por práticas construídas pela própria sociedade, desvinculando-se de critérios indicados somente pelos profissionais especialistas em preservação do patrimônio cultural. Assim como descobrimos muitas personagens que contribuíram para a preservação documental, entre elas Lindaura Corujeira, Doralice Amaral, Ana Maria Villar Leite, mulheres com formações diferentes que juntas fizeram a história da conservação e restauração na Bahia. Laurinda Corujeira conhecida no meio acadêmico por sua obra e teoria e Doralice Amaral com sua vasta experiência na conservação e restauração de documentos.

Ainda com relação ao modelo educacional, cabe ressaltar que a inexistência de uma formação sistemática por meio da graduação acadêmica, na área de preservação de papel, constituiu-se num grave fator que comprometeu, sobremaneira, o desenvolvimento da disciplina no âmbito brasileiro. Conforme se pode analisar, foram às instituições detentoras de acervos que, ao longo das últimas décadas, por meio de um ensino informal, acabaram por oferecer treinamentos práticos, e cursos de curta duração aos seus funcionários.

Analizando o Arquivo Público do Estado da Bahia foi possível perceber que a inexistência de uma ação sistêmica ao longo da história da APEB determinou o lamentável estado de conservação em que se encontravam o referido acervo desta instituição, onde a ação do tempo e as deficientes condições de acomodação do Arquivo constituíram causas intrínsecas da destruição, corroboradas pela ação corrosivas da tinta (ferrogálica), pela baixa qualidade do papel, além da utilização de fitas adesivas para reparo, terminando por resultar em danos irreparáveis aos inúmeros documentos integrantes do acervo documental e bibliográfico do APEB.

Verificou-se os diversos problemas enfrentados pela APEB, como também os problemas enfrentados pela equipe de restauro e a preocupação da diretoria do Arquivo em preservar a documentação ali salvaguardada.

Consideramos o APEB um arquivo de grande importância para a memória histórica da Bahia, assim também constatamos que sob a direção da professora Consuelo Pondé, que enfrentou desafios e conseguiu desenvolver projetos voltados para a conservação da memória histórica na Bahia.

Em meio a tantos problemas Pondé dirigia brilhantemente essa grande Instituição da salvaguarda da memória baiana e brasileira. No período onde as mulheres brigavam por espaços, destacava-se Consuelo Pondé na administração do Arquivo Público da Bahia.

Cabe dizer que é na gestão da professora Consuelo Pondé que é elaborado o projeto da instalação do Laboratório de Restauração de Documentos da APEB, como forma de solucionar o problema de deterioração dos documentos, utilizando adequadas formas de consolidação e proteção através de técnicas de restauração. Com isso o APEB assumiu a vanguarda do processo de conservação profilática através do combate aos agentes físicos de degradação, químicos e biológicos e do uso de

microfilme da digitalização do acervo para maior proteção quando do uso dos documentos como suporte dos processos de preservação e difusão seletiva da informação.

A importância da história do Arquivo e suas personagens femininas nos trazem um novo olhar sobre as questões de gênero, a história e, sobretudo, a importância da preservação da memória da sociedade baiana através da sua documentação. Além disso, é possível perceber que esse trabalho teve continuidade e hoje se encontra sob a direção também de uma mulher.

O que se percebeu durante a pesquisa é que a diversidade cultural não está somente em documentos e relatos heróicos de algumas personalidades. Na construção da cultura brasileira, a participação das mulheres é uma nuance muitas vezes, não percebida ou legitimada.

Evidenciou-se a instalação do Laboratório de Restauração e conservação Reitor Eugênio Veiga Andrade como a história das personagens que fizeram parte dessa construção social, econômica e cultural da instituição, entre elas a professora Venézia Braga Durando Rios e suas alunas Liliane de Brito Freitas e Francine de Jesus.

Aqui também observamos a construção do curso de história com concentração em patrimônio Cultural, o qual buscou especializar estudantes para a preservação e conservação do patrimônio, mas infelizmente o curso foi extinto. Percebemos que as contribuições do curso foram de extrema importância para a valorização do patrimônio enquanto bem público e salvaguarda da memória. Dentro da relação patrimônio/cidadania, o curso buscou construir diálogos entre os processos históricos, as comunidades e o patrimônio que se preserva e se constrói, procurando entendê-los sempre como desdobramentos da vida em sociedade, em sua diversidade e multiplicidade de práticas sociais.

O trabalho propôs debater acerca das relações entre história, memória e patrimônio cultural desde o primeiro capítulo com ênfase nas questões de gênero, em especial a questão da mulher, sempre analisando os espaços e lugares que as mesmas ocuparam e suas contribuições na sociedade.

Outro fator observado foi a escassez de cursos de qualificação e de uma formação profissional estruturada, e ainda o pequeno número de publicações nacionais sobre a área de conservação, preservação e restauração são outros fatores que

contribuem para o quadro de carência em relação à preservação de acervos documentais.

Não obstante acreditamos que este estudo irá contribuir para estudos futuros e para um novo pensar sobre a memória, a história, a conservação, preservação e restauração de documentos por mulheres, profissionais da área da preservação que atuem na conservação e restauração de documentos em suporte de papel.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. *Bahia de todos os santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador*. São Paulo: Martins. 1973.
- ARQUIVO Público da Bahia tem capacidade de acondicionamento esgotada. **Bahia Notícias**. 05 dez. 2011. Disponível em: <<https://paracatumemoria.wordpress.com/tag/maria-tereza-navarro-de-brito/>>. Acesso: 25 fev. 2015.
- BAHIA. Governo do Estado. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). *Regimento interno*. Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/>>. Acesso em: 22. jun. 2014.
- BAHIA. Secretária de Educação e Cultura. Arquivo Público do Estado da Bahia. *Relatório de atividades*, maio 1973. Salvador: APEB, 1973.
- BAHIA. Secretária de Educação e Cultura. Arquivo Público do Estado da Bahia. *Relatório de atividades*, maio 1987. Salvador: APEB, 1987.
- BARROS, J. D.A. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. *Textos de História*. Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003.
- BARROS, J.D.A. Memória e história: uma discussão conceitual. *Tempos históricos – Dossiê: História, cinema e música*, v.15, n. 01, p. 369-400, 2011. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE,
- BENI culturali, restauro, e recupero: un contributo alchiarimento dei termini. In: *Anais Recupero del Patrimonio Architettonico: Chiesa di S. Lorenzo*. 1990.
- BERLOTTI, E. C. *Como fazer programas de reprodução de documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.
- BOJANOSKI, S.F. A construção da conservação-restauração como disciplina científica: da necessidade de elaboração de terminologias científicas. In: SIMP: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, 5., Pelotas, 2011. *Anais ...*, Pelotas, 2011, p.1050-1060. Disponível em: <<http://simp.ufpel.edu.br/arquivos>>. Acesso em: 2 maio 2014.
- BONELLI, R. *Scritture del restauro e sulla critica architettonica*. Roma: Bonsignori, 1995.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kunher. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 160p.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRANDI, C. *Teoria da restauração*. São Paulo: Ateliê, 2004.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Decreto Legislativo nº 74*, de 30 de junho de 1977. Aprova o texto da Convenção à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2013.

Disponível em: <<http://www.prpe.mpf.gov.br/internet/Legislacao/Patrimonio-Historico-e-Cultural/Decretos/DECRETO-LEGISLATIVO-N1-74-DE-30-DE-JUNHO-DE-1977>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

BRASIL. Presidência da República. *Decreto-Lei nº 25*, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 2 nov. 2011.

BURKE, P. *O que é história cultural?*. Tradução de Sergio Goês de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABRAL, M. L. *Amanhã é sempre longe demais: crônicas de preservação e conservação*. Lisboa: Gabinete de Estudos, 2002.

CAMARGO, A. M.A. Apresentação. In: ARQUIVO DO ESTADO DA BAHIA. *ANAIIS do Arquivo Público do Estado da Bahia : guia da Colônia*. Salvador: SCT/APEB, 1995. p. 11-12.

CARBONARA, G. *Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti*. Nápoles: Liguori, 1997.

CARRERA, M. História dos insetos inimigos dos livros. *SBPC*, v. 33, n. 3, p. 354, 1981.

CASSARES, N.C. *Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas*. São Paulo : Arquivo Publico, 2000.

CASTELLS, M.. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRO, A.A.N. *A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil*. 2008. 172f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2008.

CASTRO, S. R. *O Estado na preservação de bens culturais*. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: *A História cultural – entre as práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

COLLING, A.M. *A construção da cidadania da mulher brasileira: a questão da igualdade e da diferença*. Porto Alegre: PUC - RS, 2000.

CORUJEIRA, L. A. *Conserve e restaure seus documentos*. Salvador: Itapuã, 1971.

CORUJEIRA, L. A. Métodos de prevenção e eliminação de fungos em matérias bibliográficas. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília, v.1, jan./jun. 1973.

CORUJEIRA, L. A. Panorama da conservação e restauração de documentos no Brasil, Sessão plenária “Conservação e Restauração de Documentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 2., 1971, São Paulo. *Anais...* São Paulo: [s.n.], 1974.

COUTINHO, A. S. *A produção feminista das mulheres nas artes plásticas e suas implicações no ensino de arte: estudo comparativo entre professores/ as de arte de Portugal e Brasil*. Disponível em :
<http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/andrea_senra_coutinho.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

DUARTE, Z. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005.

DUARTE, Zeny. *A conservação e a restauração de documentos na era pós-custodial*. Salvador: Edufba, 2014.

EDMONDSON, R. (Org.). *Memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental*. [s.l]: In: Divisão da Sociedade da Informação. 39-58, jan./jun. 2012. Acesso em: www.unesco.org/webworld/mdm em 28 de outubr de 2015 às 14:45

FERREIRA, M. (org.) *Mulher, gênero e políticas públicas*. Mulheres da Ilha. São Luís: UFMA; Salvador: Redor 1999.

FONSECA, M. C. L. *O patrimônio em processo*. Trajetória da política federal da preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FONSECA, S.G. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papyrus, 1993.

GRANATO, M.; CÂMARA, R. N. Patrimônio, ciência e tecnologia: inter-relações. In: CARVALHO, C. S. R. et al. *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 172 – 200.

LE GOFF, J. *Enciclopédia Einaudi. Memória*. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 11-49, v.1.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas - SP: Unicamp, 1996. (Coleção Repertórios). Livro digital disponível em: <
<file:///C:/Users/Sonia/Downloads/Le%20Goff%20-%20EdUnicamp.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

GROSENICK, U. *Women artists: mulheres artistas nos séculos XX e XXI*. São Paulo: Taschen, 2005.

GUICHEN, G. *Scientists and the preservation of cultural heritage* (original em francês cedido pelo CECOR), 1995.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, D. *Os limites do capital*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013.

<<http://iphanba.blogspot.com.br/2014/02/igreja-de-nossa-senhora-da-purificacao.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Cartas patrimoniais*. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais/cartaspatrimoniais.htm>>. Acesso em: 20 maio 2014.

LEAL, P. C. Mulheres artistas: há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XXI? In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 7., , Salvador, 2012. *Anais..* Local: editor, 2012.

MARTINEZ JUSTICIA, M. J. *Historia y teoria de la conservación y restauración artística*. Madri: Técnicos, 2000, p. 42.

MATOS, M.T.N. B.; ROSADO, R.C C. A institucionalização do Arquivo Público do Estado da Bahia: 1890-1990. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p.25. 2012.

MIRANDA, C.M. *Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil*. Porto Alegre: NIEM / UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/os%20movimentos%20feminismtas_cynthia.pdf> . Acesso em: 18 de z. 2014.

MOTTA, E.; SALGADO, M. L. G. *O papel: problemas de conservação e restauração*. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1971. 191p.

NICHOLSON, L. Hacia un método para comprender El género. In: SCADON, C.R (Org.). *Gênero e história*. México: Instituto Mora/UAM. 1992.

NUNES, V. M. M.; LIMA, L. E. P. *Patrimônio cultural*. São Cristóvão: UFS/ CESAD, 2007.

OLIVEIRA, Zuleical. C. Crisis, situación familiar y trabajo urbano In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mujer y crias Venezuela*: Nueva Sociedad/Dawn Mudar, 1990. p 55-74.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. título acessado na web. 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.uy/informatica/mdm.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

PERROT, M. *Minha história das minhas mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTUGUEZ, A. P. *Turismo, memória e patrimônio cultural*. São Paulo: Boca, 2004.

POULOT, D. *Museus e museologia*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Ed., 2013. (Coleção Ensaio Geral).

PRESERVAÇÃO de documentos: métodos e práticas de salvaguarda/ *The Bristh Library National Preservation Office*. Tradução de Zeny Duarte. Salvador: EDUFBA. 2009 166 p. Il.

RESTAURAÇÃO salva mapas e gravuras do Brasil antigo. *A Tarde*, Salvador, 06 fev. 1972. Recorte de jornal do arquivo particular da professora Ana Maria Villar Leite.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade In: PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p.578-606.

RESCALA, J. J. *Restauração de Obras de arte; pintura, imaginária, obra de talha*. Salvador; Centro Editorial e Didático da UFBA, 1984.

RODRIGUES, M. *Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo*. São Paulo: Unesp; Imesp; Condephaat, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. – (Coleção Brasil Urgente).

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n.16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, J.W. El problema de la invisibilidad. In: ESCANDÓN, C.R. (Org.). *Género e história*. México: Instituto Mora/UAM, p. 38-65, 1992.

SIMIONI, A. P. C. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Fapesp, 2008.

SIMIONI, A.P. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Fapesp, 2008.

SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria e autorreflexión de la historia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 103-128, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16522.pdf>> . Acesso em : 10 mar. 2015.

SPINELLI JÚNIOR, J. *A conservação de acervos bibliográficos e documentais*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. de Processos Técnicos, 1997.

STEARNS, P. N. *História das relações de gênero*. São Paulo: Contexto, 2007.

THOMPSON, J.M.A. *The manual of curatorship: a guide to musem practice*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1992.

YATES, F. A. *The art of memory*: Chicago: University Press, 1966.

APÊNDICES

APENDICE A- QUESTIONÁRIO

- 1- Falar sobre a disciplina de restauração e a sua contribuição dentro do curso de patrimônio.
- 2- Comentar sobre as aulas teóricas e práticas da professora Ana Maria Villar.
- 3- Falar sobre o estágio, a instituição (como foi recebido) o trabalho realizado e o acompanhamento da professora Villar.
- 4- Resultados, contribuições para a vida profissional e outros.

APÊNDICE B - Entrevista concedida em 30 de abril de 2015

Queria saber seu nome completo e que curso você faz aqui na Católica.

Bom, meu nome é Janira Silva Correia. Faço História, Licenciatura em História aqui na Católica.

Porque você se interessou pelo restauro de documentos em suporte de papel?

Então, Pedro foi colocar um aviso, um edital na sala para os alunos do terceiro semestre, quem tivesse interesse pra conhecer o LEV, até então eu não conhecia o LEV, chegando é no último dia eu fui e passei por uma seleção que seria uma redação, passei, na segunda análise seria uma entrevista, passei também, então, apartir do momento eu conheci o LEV, aí fui pra área de restauro, só que antes disso eu comecei a estudar um pouco sobre arquivo e sobre restauração de papel porque eu queria entender, ter uma compreensão pra quando chegar no LEV, não chegar solta. Eu estava no terceiro semestre de História e mesmo dando Arquivologia com a professora Nivea, eu sentia que faltava algo e quando eu cheguei no LEV, fui ter essa intimidade com o papel que a professora me ensinou né, e estou aprendendo ainda, tanto a professora Ana quanto o Pedro, que eu passo mais tempo com o Pedro e isso aí tem me ajudado a ter uma intimidade maior e a ter uma compreensão de como é uma conservação e uma restauração de documentos.

Nesse caso você tá sendo capacitada pela professora Ana Maria?

Sim, estou sendo capacitada pela professora Ana, já vai fazer um ano aí no restauro e estou aprendendo como fazer a limpeza no livro, documentos do século XVI e século XVII, como também conservar o documento é também fazer a manutenção, a conservação e a restauração do material.

Esse pra você é o primeiro contato com a restauração de papel ou você já fez algum curso e já viu alguma coisa sobre isso antes?

Não, é o primeiro contato que eu tive e que estou tendo neste momento é aqui no arquivo do LEV com a professora Ana Maria Villar. Tenho interesse sim em fazer outros cursos, ela já me mostrou que tem cursos em São Paulo, que tem cursos no Rio,

só que aqui na Bahia é a Caixa deu um curso só que não tive oportunidade, porque quando eu vi já estava fechado. Eu acho que aqui na Bahia, em Salvador precisamente pra se falar eu acho muito fechada essa área de cursos, poderia ser mais abrangente porque o campo é vasto pra quantidade de documentos que tem aqui, os arquivos não tem mão de obra qualificada e pessoas interessadas até porque aqui dentro da Universidade Católica do Salvador, eu vejo pessoas falando, há, que isso, restaurar papel cheio de poeira, cheio de fungos e traças eu não quero entrar em contato com papel assim não, nem quero documento assim, nem quero fazer aula de Paleografia pra não ter contato com esse tipo de documentos, pra que eu quero fazer isso, pra que eu quero conhecer, e o historiador, pesquisador, ele tem que ter contato com esse documento até pra que ele possa compreender a sua história, é isso que eu acho.

E como é pra você aprender com a Ana Maria Villar?

A professora Ana, ela é uma mulher espetacular não só como professora mais como pessoa também, ela está sempre pronta a tirar dificuldade do aluno, quantas vezes você erra ela tá sempre pronta pra te ensinar pra te explicar e ela tem intimidade com o papel, ela tem um respeito para com o papel que isso me cativou, depois que eu conheci a professora Ana Maria Villar, que eu vim ter assim um acesso à restauração do papel, ao LEV, ao laboratório de restauração eu passei a respeitar e a olhar o livro, o documento de outra forma, porque o documento não é só o livro não é o papel em si, não e o pergaminho é qualquer documento, qualquer papelzinho que contenha informação, ele passa a ser é ...ter uma importância diante do restaurador, então é essa forma esse respeito é essa importância que eu vejo a professora Ana passar para o documento que foi me cativando, que foi fazendo com que eu me apaixonasse pela restauração. Tem um caminho a ser percorrido muito longo, mais eu acredito que eu vou chegar lá porque eu estou com interesse e garra pra isso e dedicação.

Então, você pretende continuar como restauradora quando formar?

Pretendo, eu não quero ir pra sala de aula, eu me encontrei, até porque eu tava fazendo História pra me trazer mais conhecimento é quando eu tive oportunidade de conhecer o Leve, de também ser apresentada a restauração de documentos com a professora Ana Maria Villar e por Pedro Conti também, eu aprendi que... é um caminho que eu posso

percorrer que vai me trazer alegria e que tem me trazido alegria e tem ajudado muito na minha saúde porque é uma terapia pra mim

E porque você acha que esse é um trabalho importante pra sociedade baiana e pra os pesquisadores de modo geral?

Porque é um trabalho que restaura a memória, a nossa memória, os nossos documentos, então não só pra sociedade baiana como toda sociedade, como um todo a baiana, a brasileira a sociedade mundial, todo os arquivos do mundo, o mundo inteiro tem que valorizar o restaurados, os pesquisadores tem que valorizar o restaurador de papel e não chegar nas bibliotecas e nos arquivos e destacar as folhas dos livros que a partir do momento em que eles fazem isso eles tão levando um documento entendeu? E vai fazer falta a memória então assim, quando você faz isso, você tá prejudicando a sua memória, as suas origens, o restaurador, ele tem que ser valorizado, sem pretensão nenhuma, ele tem que ser valorizado.

Janira como mulher como você vê a questão de gênero nas profissionais de restauro, a questão da presença da mulher na área de restauro?

Olha, quando eu fui pra seleção do LEV, eu falei com colegas minhas, tanto mulheres quanto homens e vi a resistência delas em não querer se interessar por essa profissão e assim, as pessoas com quem eu estudei e que pesquisei um pouco aqui na Bahia e em Salvador também eu vi que tem poucas mulheres com interesse nessa área. Pra mim foi um presente e eu quero continuar mais o que eu tenho visto e observado dentro da minha própria universidade as mulheres não tão tendo interesse nessa área. É o pessoal da minha faculdade também gostam mais de ir pro arquivo, agora a área de restauração em si não tem tendo interesse.

Então, você acha que os homens se destacam mais na área de restauro ou a mulher, como é você acha que a mulher tem mais jeito, tem mais sensibilidade na área de restauro.

Olha, eu acredito que a mulher tem mais sensibilidade, sim. A mulher tem mais leveza nas mãos, ele tem tato, tem uma visão ampla em relação a restauração. Mais eu vejo que as mulheres no meu ver que as mulheres tem uma sensibilidade maior com o documento

e que precisa ter mais mulheres se especializando nessa área pra trabalhar nesse campo né, que tá precisando de profissionais.

Então assim, é isso que eu quero aprender e quero me dedicar diariamente. Porque esse despertar que a professora Ana faz, faz com que você mude sua visão de mundo e de como eu posso contribuir como pessoa diante da sociedade de como eu posso chegar aqui diariamente e restaurar um documento, qual é a minha dose de dedicação, qual é o meu interesse, não simplesmente ser estagiária porque eu sei que no final do mês eu vou ter aquela quantia não, é saber que aquilo ali vai ser o meu futuro, que aquilo ali vai modificar a minha vida com modificou a vida de outras alunas que chegam aqui e abraçam a professora Ana Maria abraçam ela e dizem professora se hoje eu sou o que sou, se hoje eu estou trabalhando, se hoje eu tenho o que tenho, é graças a você, é pelo que você me ensinou, pela dedicação, hoje eu posso sustentar minha família e colocar minha filha em um boa escola, então isso me deixa extasiada, maravilhada. Cada uma das alunas que chegam dão seu relato de experiências boas que vivenciaram como alunas da professora Ana Maria, então quem tem a oportunidade de passar pela experiência de estágio no restauro e também no arquivo, você tem que gostar, você tem que ter uma dedicação, isso me faz viver, isso pra mim é uma terapia e eu já falei que venho por LEV até como voluntária, isso move a minha vida.

APÊNDICE C - Entrevista: Ana Maria Villar Data: 05.09.2014

Eu vou começar realmente da minha história maior. Eu fiz um curso no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e fui aluna de Raimundo Aguiar que era um artista plástico e ele quando viu meu trabalho falou assim: “sua vida vai ser na Escola de Belas Artes”. Eu com 14 anos terminei o curso do ginásio e entrei na Escola de Belas Artes, entrei no curso livre, trabalhava... Até fazer vestibular, porque eu não tinha idade para fazer o vestibular. Quando eu fiz o vestibular eu comecei a ser aluna de Rescala. Rescala foi meu pai profissional, porque ele me despertou para muita coisa, ele ensinava teoria e técnica de pintura onde eu aprendi muita coisa. Aprendi aquarela, ar fresco, até ar fresco ele ensinava. Mas ele dizia assim: “você vai dar para restauradora porque...” . Assim o primeiro trabalho que eu fiz foi uma obra de Mendonça Filho e quando eu retoquei ele falou você vai ser restauradora. Então é esse incentivo que a gente precisa hoje, precisa ser despertada porque sem esse despertar você não caminha você às vezes fica pelo caminho, você fica no meio do caminho. Quando chegou em 79 mais ou menos era diretor Ivo Velar, aí me chamou para ser coordenadora de um curso, um curso que já estava em Minas Gerais que era um curso de pós, de especialização em Bens Culturais. Eu disse: não eu não quero ser coordenadora de nada, eu quero fazer o curso. Nessa hora você ao invés de querer tá por cima eu preferi saber mais e aí foi Dagmar Pessoa que foi a coordenadora, eu disse eu não quero, eu quero ser aluna. Em 80 eu fui aluna e em 81 eu já fui assim... professora também do curso e tinha uma série de outros professores. Professores vindos de Barcelona vindos da França, do Chile, até do Chile. Então era um curso assim... que teve uma coisa muito boa que foi o apoio da UNESCO, então sem o apoio da UNESCO você não pode fazer nada hoje em dia, é o órgão que financia isso tudo que lhe manda pra cá.. E aí uma das disciplinas foi restauração de papel com Lindaura Corujeira. Eu já tinha alguma coisa sobre restauração de papel de Edson Mota que foi o primeiro livro de restauração de papel foi o de Edson Mota. Eu acho inclusive que Edson Mota foi fazer um curso de restauro... Edson Mota foi um grande professor, estudioso, pesquisador. porque RESCALA FOI PARA O México fazer a parte técnica avançada. A parte técnica avançada você sabe que o México foi responsável por uma série de técnicas como aquele Orusco, Riviera, etc. Ali ele saiu do curso de restauro e ele não podia ir porque ele já estava fazendo um curso fora, aí ele

falou com Edson Mota e Edson Mota que foi fazer o curso de restauro, quer dizer um ajuda o outro sempre, os restauradores tem isso, sem isso não se faz nada. É trocando informações, é trocando idéias, trocando incentivos, caso contrário.... Bom, em 80 aconteceu isso eu fui aluna de Lindaura Corujeira. Lindaura excelente professora, trouxe muita coisa de Madri, mas a parte prática eu não tive e gostaria de ter tido. Porque papel não é que eu gostasse de papel é porque o papel gostou de mim e fazia assim me salve, pelo amor de Deus. Ninguém dá importância ao papel e não dá mesmo. Ele fazia assim pelo amor de Deus me ajude. Como em 84 fui diretora da Escola de Educação... bom então eu disse assim: eu tenho uma arma na mão, porque você com o poder você realmente pode fazer muita coisa é saber o que fazer e eu realmente soube o que fazer, a primeira coisa que eu fiz foi criar um curso de restauração de papel, que era restauração 1 de tela e a gente só aprendia tela. Eu fiz um projeto para restauração dos “De Imagens” e aí fiz o de papel. O curso de papel foi em 87, independente disso também fiz um outro curso muito bom que foi o de... quer dizer esse projeto da disciplina foi em 87. O de papel artesanal. Gente! O de papel artesanal me ajudou muito, inclusive na época o problema da diretora.... nós fundamos um laboratório de papel artesanal junto com uma americana que veio, não lembro bem o nome, companheiros das Américas. Junto com isso o papel também o papel artesanal me ajudou muito. Porque na realidade o papel que você usa no restauro é muito artesanal. Bom depois disso eu sai em 92 e quem fez o concurso para a disciplina de restauro para ficar no meu lugar tinha que fazer papel, porque eu ensinei inclusive na Escola de Biblioteconomia, não tinha quem ensinasse, eu peguei 2 disciplinas em dois semestres. Eu me lembro que uma aluna disse assim; “Então nós vamos aprender a restauração de livros? Eu fiz: se conseguir passar para vocês restauração de uma folha, eu já fico satisfeita porque em um semestre você não pode realmente fazer muita coisa. Você tem que dar estrutura, você tem que dar muita teoria, para poder dando bem a prática deslanchada. Bom. Aí eu me aposentei, quem ficou no meu lugar não deu continuidade ao papel. Aí a Escola de Belas Artes ficou sem o papel. Vários convites eu tenho tido para fazer um projeto de extensão. Mas realmente eu estou muito ocupada aqui. Eu tenho uma firma de restauro, agora mesmo eu estou com uma obra aqui daquela Tomiotake uma obra grande Maria Polo. Eu restaurei todas as obras de Ranssem na época. Então eu estou muito ocupada aqui, eu tenho como firma a AM Restauro. Logo

que eu me aposentei, porque na realidade quando você está na Escola de Belas Artes você assina um documento que você só pode fazer Escola de Belas artes para isso você tem um incentivo, então só podia montar uma firma no momento em que eu saísse e minha firma só começou em 92. Em 92 eu levei muita gente que foi meus alunos para trabalhar na AM Restauro, depois a 15 mais ou menos, meu filho meu sócio também, ele é arquiteto, se apaixonou por restauração. Ele acha que quando eu trabalho em papel eu fico muito nervosa, por que eu fico nervosa? Porque o papel é frágil e se você errar você põe a perder completamente, tela você dá um jeito, papel você perdeu, perdeu. A tinta você tem que fazer teste, porque a restauração é uma ciência e isso eu aprendi muito com Rescala, muito mais em 80, eu tive química de restauro com um professor que era PHD de química e ele foi muito químico, pouco restaurador e mais químico. Aqui na Bahia, no nosso curso de especialização ele tinha feito na França, etc., Mas ele foi muito químico , mas eu queria aprender os pigmentos, a reação dos pigmentos, a parte das tintas, mas ele era muito químico, mas de química de restauração ele não era, mas de qualquer maneira.... A parte de física, se você não tem física, se você não sabe usar os aparelhos ultra violetas... Na Escola de Belas Artes tinha um aparelho Ultra Violeta que você consegue detectar fungos de papel, que você consegue detectar muita coisa e ficava ali ninguém usava e eu aprendi a usar então isso me ajudou muito, a física, a biologia. Nós tivemos aula, inclusive meu filho foi para o IPT de São Paulo... fungos, xilófagos, insetos xilófagos. Par o IPT de São Paulo porque nós precisávamos disso, identificar que tipo de fungos estava ali, que tipo de fungos, os insetos xilófagos ali, então tudo isso ali é ciência, restauração não é ciência pura porque ciência pura não existe... Eu não seria Ana Maria Villar que faz essa parte que ajuda aos alunos, que leva os alunos a fazerem alguma coisa, passa uma responsabilidade intensa, principalmente papel por isso que meu filho diz assim: quando ela vai fazer papel eu não quer estar aqui, porque realmente eu fico tensa porque papel, por mais que você tenha cuidados, por mais que você tenha atenção, por mais que você faça o teste de solvência, o que é o teste de solvência? O teste de solvência é química, você tem que ter aqueles elementos todos para você saber que tipo de anti fungo você usa, que tipo de tratamento para inseto xilófago. Você tem que ter muita bagagem científica para chegar a restaurar. Então quando eu sai da Escola de Belas Artes eu fui ensinar, então você imagina; Dá história da arte e História da Moda na UNIFACS a noite, eu comecei a sentir, inclusive

me chamaram para continuar dando essas aulas e eu trabalhava o dia todo e ainda trabalhava de noite, e para mim eu não estava com vida. Eu levei 4 anos na FACS e nisso eu fui chamada para trabalhar aqui para montar um projeto, porque tinha sido aprovado pelo Departamento. Quem me chamou foi Venétia e Afonso. Afonso Bandeira Florence e Venétia. Então foram eles dois que me chamaram para eu fazer um projeto. Isso aqui não tinha nada era simplesmente um galpão. Eu fiz um projeto chamei outra pessoa para fazer comigo porque eu tinha feito um projeto também para a Escola de Agronomia onde alguns alunos, algumas pessoas que eu ensinava no curso de história com concentração em Patrimônio Cultural, eu falava em papel sempre, eu colocava papel no meio porque papel é uma coisa importantíssima, a nossa memória muito está em papel, mesmo com toda essa tecnologia. Isso aqui você também precisa do papel, não é só esse aparelho para você ficar sem nada. Hoje você é escrava da tecnologia, você vai num banco você fica sem pagar as coisas porque tá parada e você paga os impostos que é aquilo que acrescenta porque a máquina parou e você deixa de pagar, deixa de fazer as coisas. Então nós precisamos saber para onde nós fomos então assim esse encontro com você que é uma pessoa que eu respeito, eu fui a sua formatura, eu me lembro muito bem. Você é uma pessoa que trabalhou comigo na OAB, uma turma enorme que eu não sabia o que fazer, quando a OAB abriu as portas para mim, para o Memorial. Eu lhe chamei para você me ajudar na parte de restauração, na parte de encadernação que eu respeito a encadernação, que eu já li muito sobre encadernação mas que era na realidade... eu não gosto de encadernação. Apesar de achar que a encadernação é a proteção. Mas eu sou mais de obra de arte, eu me sinto... quantas vezes eu chego aqui e digo; hoje eu restaurei um Portinari papel, Di Cavalcante papel, então eu fico íntima dos artistas, o que é eles usaram. Ranssem! Ranssem foi uma pessoa que usou um material da melhor qualidade, como é que eu sei? Eu não conheci Ranssem, mas eu conheci a obra dele e vi que ele era muito preocupado em fazer bem em fazer o melhor. O tipo de nanquim que ele usava o tipo de tinta que ele usava, o tipo de papel que ele usava, então tudo isso você começa a respeitar o artista através da obra e isso para mim é importantíssimo. E quando eu cheguei aqui eu vi tinta ferrogálica que eu nunca tinha pego, isso foi em 2000. Em 2000 eu fiz o projeto, até esse projeto ser aprovado etc, etc. eu fiz inclusive com uma outra pessoa, que na realidade eu levei todo o projeto para ela que eu tinha feito na Escola de Belas de Agronomia e eu entreguei

meu projeto para ela e ela digitou. Eu não gosto de digitar. E ela se achou também dona do projeto porque ela era... você também sabe quem é, eu não vou citar nomes, e ela ganhava uma miséria no Estado e eu quis melhorar ele e na realidade ela boicotou meu trabalho, criou uma série de problemas, ela levou 1 ano e pouco, teve que sair daqui porque não se ajustou, porque realmente uma universidade é uma universidade é uma coisa séria. É uma troca é uma extensão, você tem pesquisa, você tem graduação. Você tem uma trilogia que sustenta esses cursos. E sem isso você não faz extensão, você não faz sem pesquisa, você não faz sem a graduação, então ela acabou saindo daqui, e eu fiquei sozinha e comecei a estudar muito. Fiz vários cursos inclusive você estava nesses cursos como aquele MA, com aquele Pedro Barbáchano, ele e a mulher fizeram vários cursos. Nós dois, eu e você para ir fazer um curso em São Paulo, na Pinacoteca eu e você e não tinha ninguém mais da Bahia, somente nós dois fomos selecionados, os nossos currículos foram para Madri e aprovados. E a Universidade Católica não me ajudou em nada. Você se lembra_____ e realmente eles fizeram um trabalho muito bom e eu tenho o curso todo. E cada vez... Então você fique certo que cada obra é uma nova lição porque a obra fala e você tem que ter a capacidade técnica de ouvir para você intervir você não pode... cada obra fala uma coisa diferentes, você não tem idéia, isso que é uma ciência, porque se você fosse técnico você fazia o pão igualzinho. Restauração não é isso. Restauração vai além da parte tecnológica, da parte científica, se você não tem isso, você não tem nada. E outra coisa eu vou dizer em inglês porque eu sou chique ‘ATUALIZACHOEM’, você tem que estar atualizado porque formol por exemplo que esse usava para combater fungos, prejudica o papel, prejudica a fibra do papel, então tudo isso se você não tem remédios... porque na verdade o que é um restaurador? É um médico da obra de arte. O que um médico faz com o homem, nós fazemos com a memória do homem, com a memória do que o homem fez, nós somos médicos, inclusive usamos bisturi, espátulas térmicas, usamos tanta coisa que os médicos usam, então eu continuo a dizer é uma ciência e você tem que estar atualizadíssimo. Nós aqui temos assim.. a dia, a cada obra é uma nova lição e você aprende é um aprendizado constante e você aprende, e você vê que aquele menino que começou do nada está aberto para aprender e eu sou apaixonada por papel hoje, por documento, por pesquisa, cada dia eu aumento mais o meu conhecimento e eu acho que eu vou, eu não sou eterna nós nascemos para morrer então se eu não deixar essas raízes,

essas sementes para a restauração de papel. Eu agradeço a você esse depoimento agora e quero que você me pergunte alguma coisa.

Renato: Quem idealizou esse laboratório aqui?

Foi assim, ouve em convenio... Você sabe que esse acervo estava no Palácio da Sé que é um Palácio, mas está em decadência horrorosa. Inclusive ontem nós fomos para uma palestra da colocação.. Vai ser a restauração do Palácio arquitetônico, e inclusive toda a parte interna vão ter laboratórios, auditórios, vai ser uma coisa realmente. Eu fui exatamente representando o LEV- Laboratório Reitor Eugênio Veiga Andrade. O laboratório para a restauração desse laboratório, acho que esse laboratório vai para lá. Ouve um convênio entre a Universidade Católica e a Arquidiocese por que? Esse acervo estava nesse Palácio num sol terrível e no poente muito grande e ali é úmido, próximo ao mar, ao salitre. Então desceu esse acervo para a parte de baixo, então, aí que começa e como Venézia é uma pessoa que sempre pesquisou muito, uma mulher assim de uma cabeça maravilhosa ela então começou a pensar em não só fazer a a parte toda do arquivo, mas uma interligação entre o arquivo e a restauração. Eu acho que é o único laboratório que tem essas duas partes no Brasil. Acho não sei pode ser que já tenha outro. Então, eu participei em congressos, em palestras, na Biblioteca e eu desperto muito e já fiz vários projetos para fora, pedem e você faz o projeto de graça praticamente, fica desgostosa daquilo não ter ido adiante. Eu agora, to pobre, pagando imposto de renda terrível, sem ter renda realmente porque eu só tenho a aposentadoria. Então agora eu cobro o projeto, ainda não cobreí nenhum, mas eu vou cobrar. Acabo cedendo porque eu acho que o bem cultural é mais importante que o meu dinheirinho sei lá mais importante do que a minha vida. Agora eu quero que você me pergunte porque eu... Ai resolvi fazer o projeto, semelhante o projeto que eu tinha feito para a Escola de agronomia, claro que eu fui colocando como era a Universidade, primeiro nós começamos com algumas divisões como se fossem quatinhos, quatinhos de hotel barato, depois nós fomos ampliando, era meia parede, nós temos que éter além disso só uma parte só para os pesquisadores e tive que interditar muita coisa, os pesquisadores às vezes não entendem o que é interditar, porque você imagina os documentos largando os pedaços, ele ta querendo ver mas ele não tem o cuidado daquilo não cair os pedaços, essas coisas que nós temos que preservar.

Renato: Teve alguma dificuldade para efetuar a compra de equipamentos?

Olha eu achei que o_____ ele foi muito sensível por questões políticas ou porque realmente acreditou na gente. Então realmente tudo o que eu peço vem. Agora levou 5 anos para vim a MOP. Isso acontece nas melhores famílias, imagine se não vai para um Laboratório de Restauro, que ninguém sabe. Você só sabe o que é patrimônio quando você vai à Universidade. Você destrói muita coisa, você destrói sua carteira de identidade, você destrói papel, vc destrói um documento seu por falta de despertar o que é memória.

Renato: E a capacitação do pessoal aqui?

Bom eles fizeram história, nos aproveitamos a prata da casa, porque tem que aproveitar mesmo. Joseval é do Clero. Joseval fez 5 anos no Vaticano, cursou a faculdade no Vaticano, mas não tinha a parte prática, então o diretor da... que hoje é reitor Padre Mauricio que era diretor do Seminário Parde Mauricio Ferreira então ele indicou Josevaldo para aqui porque viu que Josevaldo voltou de Roma, mostrar conhecimento, então o conhecimento teórico dele é extremamente capaz mas não tinha a parte prática. Eu entrego a eles, tanto a Pedro como a ele todo trabalho. Pedro mostra uma restauração de papel inadequado.

Pedro: “Ele tá tão bom o papel que a acidez foi tão pouca e por isso que eu digo”.

Renato: Você fez um trabalho lá em Cruz das almas?

Fiz na Escola de Agronomia, fiz. Lá tem um Laboratório, daí é que vem o Laboratório daqui, um projeto que é primeiro, eu fiz lá depois eu fiz aqui.

Aqui por exemplo: Uma restauração feita com papel inadequado, agora você vai ver depois que tirar esse papel manteiga que não serve para nada, serve para.... E aqui ele já tirado essa intervenção. Já desacidificado, quer dizer nós tiramos essa restauração anterior inadequada.

Pedro: Ele está tão bom o papel que a acidez que saiu foi tão pouca, a maior acidez que saiu foi no papel manteiga, a cola também.

A cola nós usamos somente a cola específica, que é CMS. Na verdade nós utilizamos CMS, é o metil celulose.

Renato: O que dar essa cor amarelada é a cola usada?

Nós primeiro tiramos toda essa parte para poder desacidificar o papel, olhe para aqui a diferença que se vê. Então eu trabalho isso com muito carinho, com muito amor, eu acho que eu transmito isso para esses meninos eu acho que isso eu vou deixar quando eu morrer. Agora nós precisamos de Reato Carvalho para trabalhar conosco, no fundo da Universidade Católica do Salvador, na parte de encadernação, porque encadernação também é ciência, você reconhece as famílias que encadernaram pelo tipo de papel usado, você começa a trabalhar o papel artesanal, o papel artesanal me ensinou muita coisa. Essa parte de você conhecer quando o papel é industrializado, é realmente quando é artesanal e tudo isso é muito importante. É a ciência, eu tenho que dizer isso várias vezes porque é verdade. Assim, eu visitei o Centro de Restauro em Kebeque, cada setor era de papel, nessas minhas viagens, eu ia para papel, porque.... Outra coisa importante eu comecei a trabalhar em aquarela, eu sou a artista do papel, eu larguei completamente telas, larguei tudo. Apaixonada pelo papel porque o papel e aquarela me ajudou a trabalhar. Só que eu sou uma bostinha em dar continuidade, parei em 95.

Pedro: Teve uma reportagem sobre ela recentemente da Tribuna da Bahia.

APÊNDICE D - Entrevista Francine de Jesus em 24.03.2014

Fui aluna da professora Venétia no 2º semestre na disciplina história, memória e patrimônio, foi lá que aprendi o real sentido de se preservar os documentos históricos, lembro-me que a professora Venetia discutia sobre os sujeitos históricos e em especial sobre a história das mulheres, muito atenta aos problemas enfrentados e as lutas diárias nos recomendar estudar, e sempre dizia que quanto mais conhecêssemos sobre a nossa história melhor poderíamos lidar com ela.

Lá no Museu o trabalho era de restauração das imagens sacras, fazíamos diversos experimentos antes de começar a restaurar, lá aprendi as técnicas, identificar o tipo de

material da imagem, se em gesso, cerâmica, resina ou madeira. Esmero e delicadeza são as palavras corretas para este tipo de trabalho.

[...] o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico

Quando fiz o vestibular para história já sabia o que queria: queria ensinar, queria ser professora de história, mas acabei me identificando com a disciplina de restauração que a professora Ana Maria Vilar ministrava, foi lá que aprendi sobre preservação, conservação e restauração. A restauração mostrou-me um caminho nunca antes visto, para mim restaurar era salvar a vida tanto do documento como das obras de artes, e construir identidades.

Fui estagiária no museu de Arte Sacra da Bahia, lá desenvolvi diversas atividades que aprendi em sala de aula. A cada imagem restaurada novas perspectivas iam surgindo, o aprendizado era constante, sempre observada pela professora Ana Maria Villar, que também nos avaliava. Pensávamos em ser contratados, mas a Instituição não tinha verbas para isso, o que mais me deixou preocupada foi o fato de um dos nossos colegas ter sido contratado pela instituição meses depois.

APÊNDICE E - Entrevista Liliane de Brito Freitas, em 12.02.2014

Fui aluna da professora Venétia no 2º semestre do curso de História com concentração em Patrimônio Cultural, fui reprovada na disciplina, a professora era exigente, mas sabia que aquela exigência era a responsabilidade em passar o conteúdo de forma a capacitar os alunos para a gestão do Patrimônio Cultural. Muitas vezes percebia que

para além do profissionalismo existia o amor em estudar os sujeitos históricos e preservar a memória contida nas entrelinhas das histórias, era isso que a professora Venétia sempre fazia

No Lev aprendi diversos ofícios, desde as aulas sobre religiosidade com o professor Candido Costa⁵⁴, até as aulas de paleografia com a professora Venétia, tudo isso aprendíamos antes de trabalhar com a restauração documental. Depois das aulas começávamos uma nova etapa do trabalho com a professora Ana Maria Villar, primeiro a teoria sobre restauro e depois a parte prática, desenvolvíamos todos os tipos de restauração, entre elas as telas, as imagens e o papel. E foi pelo papel que eu me apaixonei. Mas infelizmente depois de dois anos de estágio a Instituição não tinha verbas para contratar funcionários e acabávamos saindo da área.

APÊNDICE F - Entrevista Renata Bahia

Em 2010, ainda na graduação do curso de História da Ucsal, entrei como estagiária da professora Venétia Durando Braga no CEDOC onde esta era coordenadora. Naquele momento, o antigo reitor da Universidade Professor José Carlos de Almeida da Silva, convocou os professores do departamento de Filosofia e Ciências Humanas para que, a pedido do Arcebispo, fizessem um projeto para restaurar e organizar arquivisticamente o acervo histórico da Cúria. Professora Venétia, juntamente com professor Afonso Bandeira Florence, pensaram no projeto de arquivo, convidando a professora Ana Maria Villar para compor a parte que cabia a restauração. O objetivo do projeto era tratar arquivisticamente e restaurar ao mesmo tempo o acervo que já se encontrava bastante deteriorado pelo tempo e pelo manuseio do homem. Com a aprovação do projeto pela Universidade, foi convidado também a constituir o quadro de coordenadores, o professor Cândido da Costa e Silva, e a partir daí formamos um grupo de estudos de História da Igreja no Brasil, fator imprescindível para a organização e tratamento arquivísticos. Assim, fui estagiária do CEDOC por dois anos, tempo que correspondia ao estágio na Universidade, e ao fim do estágio fui contratada como funcionária. Graduanda recebi do IEB/ USP, na pessoa do finado professor Istvan Jancso, uma bolsa para o curso de especialização em organização de acervos.

Assim, participei do LEV desde sua criação. Vi o projeto nascer, fiz a mudança do acervo do Palácio para a Universidade, e participei da luta diária da nossa equipe para estudar a documentação, que era totalmente desconhecida para nós, para poder realizar um trabalho responsável. Pois, não poderíamos retirar o acervo da sua posição de origem sem antes entendermos o porquê de ele ter sido acondicionado daquela maneira, um dos princípios da arquivologia o Respeito aos fundos. Conservar e preservar este acervo, assim como tratá-lo arquivisticamente é de fundamental importância para a sociedade, por se tratar de um bem cultural muito valioso, que guarda a História da nossa Diocese desde 1588, data do nosso documento mais antigo, até meados do século XX. Fiz parte da equipe do LEV até março de 2014, quando fui aprovada para o mestrado de Memória da UESB, e tive a autorização de ser transferida para a UCSAL de Vitória da Conquista. Meu futuro ao findar o mestrado ainda é incerto, se volto para o LEV, ou se fico aqui.

APÊNDICE G -Transcrição de entrevista com Neuza Esteves sobre Doralice Amaral.

A Senhora conheceu Lindaure Corujeira?

R- Sim conheci, Lindaure foi professora de biblioteconomia e às vezes ia ao Arquivo da Bahia para dar aulas e fazia demonstrações.

Essa ligação entre a Lindaure e a Doralice era uma parceria?

R- Olha, eu não sei como começou, quando a Lindaure veio da Espanha começou a dar aulas assim, teóricas, a documentação que estava estragada e tudo, ela procurou Doralice e passou também seus conhecimentos para Doralice e as novas técnicas de restauração com gelatina. Doralice queria aprender tudo de novo que tivesse lá.

Doralice não tinha formação profissional nessa área?

R- Eu não sei, não sei, eu conheci a Doralice mais eu creio que o começo dela foi com a encadernação de livros. Porque antigamente se fazia restauração na base da goma arábica, mais ela já era envolvida com o Arquivo da Cúria, mais ela sempre fazia encadernação para a Biblioteca da Faculdade de Direito, não sei se ela trabalhou no Instituto Histórico.

Antes de trabalhar com Lindaure, Doralice já trabalhava com restauro?

R- Sim já. Ela já trabalhava na Cúria.

Quando eu conheci Doralice eu me lembro que ela era chefe da seção de restauração, eu não me lembro se isso foi uma lei que começou com Luiz Henrique, porque Luiz Henrique fez o primeiro curso de arquivo, porque ele foi para o Arquivo Nacional e o chefe do Arquivo Nacional foi que começou esse movimento todo sobre documentos, então quando ele era chamado, ele ia e mandava uma funcionária pública pra lá, Dona Lúcia Ginardi foi e ficou vários meses no Arquivo Nacional, foi e começou essa parceria. Agora não sei se a restauração começou no Arquivo Público da Bahia com Luiz Henrique, porque eu entrei com Luiz Henrique.

A Doralice era amiga de todos, uma boa colega, dentro do setor dela com os funcionários ela era uma líder. Ela ensinava, ela exigia horário, era tudo lá com ela, era no quarto andar, ali na frente, na Rua Carlos Gomes.

Ela ensinou todos a trabalharem com a mesma meta. Ela fazia restauração e encadernação também, ela levava documentos avulsos de outros setores que ela fazia restauração e usava o próprio laboratório no Arquivo. Que não é o mesmo laboratório de hoje, mais tinha a prensa, tinha um espaço grande e o diretor não se incomodava que ela fosse pra lá de manhã, porque era um turno só, mesmo sendo trabalho particular.

O Diário Oficial com a nova Lei que institui o Laboratório, as nomeações de Doralice. Eu creio que ela sempre foi de lá porque quando eu cheguei, ela já estava lá.

Ela falava muito sobre o bairro da Formiga no São Caetano e as moças que trabalhavam com ela. Ela trazia as moças lá da Formiga que trabalhavam com ela. Ela trouxe Marlene, ela conseguiu a nomeação, hoje Marlene é bibliotecária.

Doralice levava moças da Santa Casa de Misericórdia também?

R- Doralice por ser única restauradora aqui em Salvador... O Renato Berbet, que na época era diretor naquela época, houve uma verba do Pedro Calmon que era Ministro da Cultura, ele deu uma verba para o Arquivo, porque a irmã dele pesquisava no Arquivo da Bahia, então ela conseguiu uma verba. Dr. Renato, era uma pessoa muito conhecida, tinha muitos conhecidos e contatos. Ele conseguiu que essa verba fosse liberada. Isso foi em 73, no início de 74, eu viajei pra Portugal e ela já ficou lá. Ela pediu aqui na Santa Casa, duas ou três meninas pra ajudar ela lá, meninas daqui da Misericórdia, porque aqui tinha meninas que eram do interior, mais não pertenciam a Misericórdia, elas eram recebidas para estudar porque os pais não podiam pagar escolas, colégio interno, pencionato, então foram três meninas, três ou quatro, mais ao terminar alguns livros, elas voltavam.

Tudo isso acontecia com autorização da Santa Casa?

R- Sim, tinha autorização, ia sempre uma mais velha acompanhando.

Qual o perfil da família de Doralice, (era uma família pobre ou rica)?

R- Tinha uma irmã que era casada com uma pessoa do exército e morava em Fernando de Noronha e ela sempre foi pra lá visitar. Dora tinha uma formação religiosa muito grande, tanto que eu acho que ela veio através dos padres, que ela conseguiu essa coisa da restauração que tinha na Cúria, ela tinha muito contato com a Igreja do São Francisco, ela morou lá no São Caetano, morou em Brotas, quando ela morreu ela estava interna lá em Brotas na Igreja do São Francisco. Mais ela tinha a casa dela, ela conseguiu a casa dela dessas casas populares, não sei se era em Castelo Branco, tinha a casa dela, mais nunca que parava na casa dela. Lá no São Caetano ela tinha proximidade com jovens. Ela era uma pessoa muito alegre, brincava com todos, tratava todos muito bem, muito voltada para um trabalho, muito apaixonada pelo seu trabalho.

As vezes a quantidade de trabalho, livros de outros lugares que ela pegava. Ela fazia coisas que eu acho que ninguém fazia, essa restauração de selos, das capas de couro, as pessoas queria pra já..

Ela sabia quem tinha mais inclinação dos jovens pra capacitá-los. Ela mandava chamar quando tinha uma demanda de trabalho.

Ela pegava os jovens, ela tinha essa capacidade de trabalhar, ela sabia quem tinha inclinação. Ela gostava muito da encadernação da pessoa e quando ela gostava ela mandava chamar.

Ela chamava a pessoa que ela conhecia, chamava os rapazes para fazer o trabalho e depois que capacitava-os ela dava trabalho pra eles.

Jane conviveu muito com Doralice. Quando Jane começou tinha Corujeira dando curso. Ela mesma escolhia a pessoa que is do grupo dela. Corujeira era professora e restauradora e ela passava os conhecimentos para Doralice, sobre o material. Lindaure foi muito bem vista pelo Arquivo Público, a Escola de Biblioteconomia sempre foi muito bem vista.

A Lindaure era querida por todos os diretores, com pós graduação, viajou com bolsa da universidade.

ANEXOS

ANEXO A –CAMELIE, Almerita. DORALICE AMARAL- Mensagem de Amor e Saudade.

ABEXO B – ABREU, Janilda. Depoimento sobre Doralice Amaral

DORALICE AMARAL

★ 02/04/1920

✠ 08/08/2004

**MENSAGEM DE AMOR E SAUDADE**

Na Assistência Social São José, à rua da Formiga, bairro de São Caetano, ali na sala do térreo pulsava um coração de mãe. Quem não conheceu DORALICE AMARAL! Com um sorriso tranqüilo acolhia a todos que chegavam... Ela me chamava de "Mestrinha" porque na OFS eu fui a sua mestra de formação nos anos 70, na Fraternidade Franciscana Secular do Convento São Francisco. Quando foi fundada a Fraternidade dos Arautos, ela foi transferida para São Caetano. E ali viveu o seu ideal.

Naquele espaço cheio de livros, papéis, máquinas, funcionava um centro de amor e dedicação.

Quantos jovens ali recorriam àquele lugar, ansiosos por um lugar ao sol para serem instruídos, orientados, estimulados a seguirem o seu rumo ao futuro.

Ali chegavam livros velhos, feios, espedaçados e documentos de alto valor para serem recuperados. E ela carinhosamente cuidava de cada um deles. Estirava-os, acariciava-os com suas mãos hábeis, lavava-os, colava-os com as técnicas próprias e... dias depois lá estava cada um deles novinhos em folha! Vinha para suas mãos até imagens de santos para recuperação. Ela tinha uma habilidade especial em andar com papéis!

Pacientemente ela ensinava aos seus alunos como devia cuidar daqueles papéis. Cadernos, folhas de canto, mensagens, passavam pelas suas mãos e eram decorados com letras lindas coloridas, brilhantes, em ouro e ornamentos próprios das técnicas da encadernação e restauração.

Suas pálpebras sofreram um mal, talvez em função daquele trabalho que ela tanto amava. Anos atrás havia sido atacada pelo bacilo de Kock (da tuberculose) nos olhos, mas graças a Deus e segundo a sua fé em Frei Jordão, a quem dedicava uma fé especial, ficou curada.

Desde a sua aposentadoria dedicou-se àquele trabalho que ela amava e era uma atração para quem chegava e visitava o local. Ali o Frei Mariano, fundador daquela obra social, contemplava tudo aquilo e sentia que ali era o coração da A.S.S.J.! Quantos momentos de felicidade passávamos naquele local!

O tempo passou, as energias foram diminuindo, as forças físicas enfraquecendo. Com a morte de Frei Mariano a A.S.S.J. tomou outro rumo e muito dolorosamente ela precisou se afastar. Foi convidada para esta casa franciscana, Casa Monte Alverne, residência de pessoas idosas e nesta casa ela encontrou o conforto das irmãs, o fortalecimento da sua vida de piedade.

No seu cantinho ela rezava, tinha as suas companheiras de oração e de convivência fraterna!

Seus familiares a procuravam e davam-lhe assistência, principalmente sua sobrinha Naná e a querida Jane, sua filha espiritual, que lhe dava toda atenção, carinho e tomava conta dos seus compromissos sociais. Doralice foi chamada para a Casa do Pai na madrugada de 8 de agosto.

Tudo foi muito rápido. Deixou a saudade... o lugar vazio no refeitório e sua cadeira na Capela. Nossa Senhora a recebeu e hoje, Festa da Assunção, temos a alegria desta Celebração em sufrágio de sua alma. Descanse em paz, querida irmã! E aí na glória da Casa do Pai vele por nós suas companheiras da Casa Monte Alverne, suas irmãs da Pequena Família Franciscana, e de modo especial, seus irmãos da Fraternidade Arautos de São Francisco e seus amigos Professores, Funcionários, jovens e crianças da Assistência Social São José, onde você dedicou sua vida de amor e apostolado! Amém. Assim seja!

PAZ E BEM!

Sua irmã *Almarita* (Mestrinha)
Salvador, 14 de agosto de 2004.

Eu participava de um grupo jovem franciscano e na Assistência Social São José aos 14 anos conheci Doralice Amaral. A instituição possuía trabalhos educativos e acolhia toda a comunidade. Doralice era uma pessoa muito amorosa e com seu jeito cativava a juventude e todos que frequentavam a sala de encadernação. Todos ficavam encantados com os trabalhos manuais que eram produzidos por ela. Eu observava a sua habilidade na restauração e encadernação dos livros, assim como na reconstituição dos santinhos de gesso. Quando estava concluindo o ensino médio fui convidada para aprender a restaurar. Aceitei e a partir daí comecei a ter interesse pela profissão.

D. Dora foi de extrema importância na minha vida profissional, pois dela veio a base da minha profissão. Ela me conduziu ao Arquivo Público em 1981, onde iniciei a vida profissional. Após a sua aposentadoria, chefei o setor e participei de diversos cursos para aperfeiçoamento, dentre eles estão:

Base - Doralice Amaral

Primeiro Curso - Restauro - Perside Omena.

Primeiro Curso - Conservação Preventiva - Escola de Biblioteconomia UFBA.

Curso - Museu Histórico Nacional

Curso - Conservação, Restauração e Encadernação
(Especialização) Arquivo Nacional - RJ

Curso - Conservação Preventiva em Fotografias, dentre outros.

Doralice chegou ao Arquivo Público ainda jovem, organizando, fazendo reparo nos livros e documentos do acervo. Ao longo dos anos conheceu Leindaura Corueira (Profª da Escola de Biblioteconomia da UFBA) a qual firmou uma parceria. Teoria e Doralice prática no APEB.

Doralice Amaral era uma religiosa, amiga, mãe, companheira e multiplicadora de conhecimentos e oportunidade.

Família Ferreira de Abreu.

